

Ulrico Pedro Calado Falcão Galamba

**o património arqueológico
do
concelho de viana do alentejo**
estado do conhecimento

Dissertação apresentada na Universidade de Évora
para obtenção do grau de Mestre no âmbito do
Mestrado em Arqueologia e Ambiente



Orientação de: Professor Doutor Jorge de Oliveira

2012

Ulrico Pedro Calado Falcão Galamba

O Património Arqueológico do Concelho de Viana do Alentejo

-
estado do conhecimento

Dissertação apresentada na Universidade de Évora
para obtenção do grau de Mestre no âmbito do
Mestrado em Arqueologia e Ambiente

Orientação de: Professor Doutor Jorge de Oliveira

| Évora 2012 |

ABSTRACTO

O Património Arqueológico do Concelho de Viana do Alentejo, estado do conhecimento.

O presente trabalho centra-se em redor de uma recolha de informação acerca do património arqueológico no Concelho de Viana do Alentejo. A intenção aqui é de começar a preencher uma grande lacuna no conhecimento do nosso território nacional.

A maioria das realidades registadas são, de uma forma ou outra, já conhecidas, seja por fontes bibliográficas, tradição oral ou dispersas notícias recolhidas no âmbito deste e outros trabalhos. No entanto, no decorrer da investigação alguns vestígios até então inéditos foram identificados e registados. Aqui apresenta-se uma sistematização de toda esta informação numa base de dados juntamente com o respectivo registo fotográfico.

O corpo do trabalho apresenta uma análise dos diversos sítios e evidências, a metodologia que foi usada e um apanhado do estado actual do conhecimento anterior à realização desta recolha.

ABSTRACT

The Archaeological Heritage of the Municipality of Viana do Alentejo, the state of its knowledge.

This work focuses around the collection of information about the archaeological heritage in the municipality of Viana do Alentejo. The intention here is to begin to close a major gap in the knowledge of our national territory.

Most of the recorded places are already known, in one form or another, either by literary sources, oral tradition or scattered reports collected for this and other works. However, during the investigation previously unknown materials were identified and recorded. Here we present a systematization of all this information in a database along with the corresponding photographic record.

The body of this paper presents an analysis of the various sites and evidence, the methodology that was used and an overview of the current state of knowledge prior to the compilation of this information.

AGRADECIMENTOS

Aos meus professores e orientador pela ajuda e
disponibilidade ao longo dos anos.

Aos amigos e colegas pela companhia, as conversas
e as longas tertúlias revolucionárias.

À Andreia pelo apoio e pela força emprestada quando
o corpo e o espírito recusavam cooperar.

Ao Francisco, amigo, colega e mentor de muitos anos,
cuja ajuda tornou este trabalho possível.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS.....	4
INTRODUÇÃO	6
BREVE CARACTERIZAÇÃO HISTÓRICA E GEOGRÁFICA.....	9
Viana do Alentejo	10
Aguiar	10
Alcáçovas.....	11
O CONHECIMENTO ACTUAL.....	12
METODOLOGIA	21
A Recolha de Informação.....	21
A Base de Dados	23
OS DADOS.....	27
Análise Geral.....	27
Os Períodos	29
Pré-História	30
Período Romano.....	32
Períodos Medieval/Moderno e Contemporâneo.....	34
OS SÍTIOS	36
Aguiar	38
Ribeira do Aguilhão	40
Alcáçovas.....	43
Alto da Nossa Sr. ^a da Esperança	46
Viana do Alentejo	48
Alto de S. Vicente	54
Nossa Sr. ^a d’Aires	57
CASOS DE INTERESSE ESPECIAL.....	59
Alto da Nossa Sr. ^a da Esperança	60
Alto de S. Vicente	67
O Vicus d’Aires	73
A Documentação.....	73
A actualidade.....	80
Outras Considerações.....	86
CONCLUSÕES	88
BIBLIOGRAFIA	90
ANEXO I – BASE DE DADOS VIANA DO ALENTEJO	
ANEXO II – CARTOGRAFIA DIVERSA	

* Por respeito à nossa cultura, este trabalho foi redigido em Português correcto, pré-acordo ortográfico de 1990.

INTRODUÇÃO

Foi em 2004 que visitei Viana do Alentejo pela primeira vez. Fui apresentado à terra por um amigo e colega que rapidamente me fez perceber o potencial arqueológico que aqui se encontrava. Por esta altura estávamos nós no início do nosso segundo ano da licenciatura em Arqueologia; também pela Universidade de Évora. A partir daí, criámos entre nós uma espécie de equipa de trabalho e virámos a nossa atenção, sempre que podíamos, para as realidades arqueológicas do concelho.

Começámos a por de parte as suposições que existiam acerca do território e começamos a olhar para as realidades de Viana de outra forma, querendo ir além das convenções estabelecidas e que têm sido longamente repetidas sem contestação apenas por virtude de não haver dados para as comprovar ou repudiar. Cedo percebi, e me foi demonstrado, que esta ausência de conhecimento devia-se à falta de pesquisa e investigação especificamente de teor histórico e sobretudo arqueológico.

Ao investigar um território largamente desconhecido, não há maior vantagem do que ter contacto com o “interessado em história”, aquele indivíduo que parece existir em todas as terras e tem uma certa obsessão com a sua história. Por vezes, esta curiosidade leva-os a seguir o caminho lógico de uma formação na área, de modo adquirir as ferramentas com as quais poderá desenvolver a ciência do saber da sua terra. Neste caso, foi o Sr. Francisco Baião, natural de Viana, que ingressou no curso de Arqueologia, seguindo o seu interesse pela historiografia da sua terra natal.

Não posso dizer que foi um foi um mero acaso eu ter um interesse por Viana e ao mesmo tempo ter tido Francisco Baião como meu colega de turma, pelo contrário, foi a sua presença como colega e a nossa decisão de realizarmos vários trabalhos em equipa que despertou o meu interesse por este concelho.

Ao longo da licenciatura aproveitámos este interesse mútuo para fazer pequenas investigações destinadas a trabalhos para diversas disciplinas, com uma variação temática que abrangiam trabalhos de teor desde uma superficial avaliação de vestígios arqueológicos e patrimoniais na zona da vila de Viana, a uma investigação mais

aprofundada sobre o único convento feminino da ordem Hieronimita em território Português.

No entanto, a realidade evidente estava sempre presente: a falta de material de investigação verdadeiramente aprofundado ou qualquer tentativa de sistematização das evidências arqueológicas do concelho.

Foi esta falta de conhecimento que despertou pela primeira vez esta ideia da necessidade de juntar a informação existente e os dados inéditos que tínhamos reunido. Desde há alguns anos, antes ainda de terminar a licenciatura, tinha já entretido a noção da criação não apenas de um trabalho ou um texto que enunciasse a realidade patrimonial deste concelho, mas que fosse algo sintético, bem organizado e facilmente consultável.

O método lógico de fazer isto era, logicamente, a criação de uma base de dados. Assim, não só é possível juntar toda a informação acerca de património arqueológico e edificado, como também é possível continuar a juntar nova informação sem alterar a base do trabalho feito. Toda a informação é organizada de forma a que cada lugar ou evidência possa ter o seu registo individual que inclui a informação histórica, arqueológica e geográfica, também com um campo para o registo fotográfico.

Desta forma, também se pode afirmar que este é um trabalho que não tem, nem deverá ter, um fim definido. Tenciono, juntamente com o Francisco Baião, continuar a investigar as realidades do concelho, agora com um formato claramente definido de inserção de dados.

É importante salientar que, sendo um trabalho sem fim definido, houve uma decisão consciente de estabelecer um “fim” para efeitos da presente tese de mestrado. Cheguei aqui ao patamar de uma centena de registos, no entanto, se continuasse a pesquisa este número certamente iria crescer, pois existe muito ainda por explorar e registar no Concelho de Viana.

Ao mesmo tempo, durante a investigação existiam vários constrangimentos e condicionantes. Primeiro de tudo, o trabalho visionado era a reunião dos dados já conhecidos, pela bibliografia, a população ou por nós, e não a de uma prospecção minuciosa do território, questão que será explicada melhor em capítulos ulteriores. Segundo, havia os incontornáveis constrangimentos de tempo e capacidade para a

realização da recolha. Sendo um trabalho apresentado como tese de mestrado, tinha claros limites temporais e de conteúdo em que poderia fazer a pesquisa de modo a ter o produto final devidamente pronto para entrega. Ao mesmo tempo entrepunham-se questões de outra natureza, como o clima agreste que se tem verificado nos últimos anos que em muito afecta a disponibilidade de visitar sítios remotos e difíceis de encontrar, a dificuldade inerente em dividir o tempo entre o trabalho académico e o profissional e a questão de este ser um trabalho realizado individualmente, com a preciosa ajuda de alguns colegas, mas sem quaisquer apoios ou recursos senão os meus próprios.

Nos capítulos que seguem, desenvolve-se o fruto desta investigação. Primeiro apresenta-se uma breve caracterização do território seguido de uma avaliação da situação actual do seu conhecimento arqueológico. Depois desenvolve-se um apanhado da metodologia usada para a recolha da informação e a sua sistematização, incluindo a criação da base de dados e a inserção dos sítios num programa de visualização geográfica.

A seguir, grande parte do corpo do trabalho é dedicado aos diferentes sítios registados. Começa-se com uma breve apresentação da sua disposição em termos de períodos. Não houve aqui uma tentativa de caracterizar o território em termos cronológicos devido ao facto de que, em comparação com a dimensão do concelho, os dados reunidos são ainda insuficientes para tal. Optou-se antes por se seguir esta secção com uma análise das zonas onde se verifica uma maior concentração de sítios. Desta forma, embora não seja possível uma caracterização cronológica, apresenta-se uma avaliação material de vários pontos de ocupação importantes no concelho.

Finalmente, foram seleccionados os três sítios arqueológicos que considero os mais importantes e mais característicos no concelho de para apresentar uma análise mais aprofundada de cada um. Esta última secção não serve apenas para oferecer uma observação minuciosa destes três lugares como também os expõe de modo a demonstrar o verdadeiro potencial arqueológico que este território nos apresenta.

A intenção final deste trabalho é de identificar e divulgar o património de um concelho arqueologicamente fértil e até agora largamente ignorado. É a minha esperança que este seja o primeiro passo para um eventual investimento na investigação de uma importante parte da nossa herança arqueológica e patrimonial.

BREVE CARACTERIZAÇÃO HISTÓRICA E GEOGRÁFICA

O concelho de Viana do Alentejo encontra-se no Alto Alentejo e integra o actual distrito de Évora. É rodeado pelos concelhos de Évora e Montemor-o-Novo a norte, Portel a leste, Alvito e Cuba a sul e Alcácer do Sal a sul e a oeste.

Ocupa uma área de 393,23 Km² e tem três freguesias: Aguiar, Alcáçovas e Viana do Alentejo. O território é geralmente pouco acidentado, com a excepção da Serra de Viana, sobretudo o Alto de S. Vicente com 374 m de altitude. Os rios principais do concelho são o Xarrama e a Ribeira das Alcáçovas, ambos afluentes do rio Sado.

Em termos de geologia, o concelho demonstra alguma variedade. Grande parte da freguesia de Alcáçovas é composta de porfiros quartzíticos (uma textura porfírica denota uma rocha ígnea que teve um tempo de arrefecimento muito rápido). Esta zona inclui a própria vila de Alcáçovas. No limite sudoeste da freguesia já se encontram rochas de natureza arenítica.

Grande parte do resto do concelho é composto por xistos e granitos. A vila de Aguiar assenta sobre uma zona de granitos. Existe uma faixa no centro do concelho e uma mancha a oeste da vila de Viana compostas de gabros e dioritos e a zona da vila de Viana assenta sobre uma zona de rochas carbonatadas. Em certas zonas suertes do concelho também se encontram áreas de metavulcanitos. As zonas de rochas carbonatadas são zonas de extracção de mármore. Algum do mármore retirado desta área é conhecido pelo seu tom característico esverdeado, conhecido como Verde “Viana” (Fonseca, 2004, pp. 87-88).



Fig. 1 – O concelho de Viana do Alentejo no território nacional.

Em relação à história do território pode-se dizer que relativamente pouco é conhecido, em particular no que consta à história antiga. Algumas afirmações têm sido feitas ao longo dos anos e desde então muito repetidas, na tentativa de traçar a origem das actuais vilas a períodos remotos que foram posteriormente “repovoadas” na Idade Média. No entanto, estas afirmações carecem de objectividade por serem apenas suposições sem rigor histórico, por vezes numa tentativa de encaixar a realidade de Viana noutros moldes históricos estabelecidos. Não nos ocuparemos delas aqui.

Sabemos que houve presença pré-histórica, proto-histórica e romana por virtude de vestígios algo dispersos mas bastante característicos. Afirmar mais do que isto é difícil devido à manifesta ausência de conhecimento actual que demonstraremos em capítulos seguintes.

Alguns apontamentos em relação às três vilas medievais do concelho:

Viana do Alentejo

Existe um documento de 1269, em que D. Martinho, bispo de Évora, reconhecia ter direito a um quarto dos dízimos da "igreja de Fochem", topónimo medieval provavelmente correspondente ao local da vila actual. Em 1313 o local recebeu foral de D. Dinis que o estabeleceu como vila, com privilégios iguais aos de Santarém, e incluía a provisão da construção de uma cerca defensiva mas que não chegou a ser edificada. No final do período medieval, Viana do Alentejo serviu ainda de residência real e sede das Cortes de 1481-82 (cm-vianadoalentejo.pt).

Aguiar

Recebeu foral de Afonso III em 1269, homologado por D. Dinis. Esta vila foi sede de concelho até ao início do século XIX e tinha apenas uma freguesia. O concelho foi suprimido em inícios do século XX e integrado na freguesia de Viana do Alentejo. Foi restaurada como freguesia do concelho de Viana do Alentejo em 1985. Várias explicações têm sido sugeridas para o topónimo, incluindo Agar, alegadamente o nome

de uma mulher árabe, e *aquila*, nome latino para águia. Ambas as sugestões são suposições algo fantasiosas e provavelmente não constituem verdadeiras possibilidades (cm-vianadoalentejo.pt).

Alcáçovas

Este local recebeu foral de D. Martinho, bispo de Évora em 1258, com novo foral de D. Afonso III em 1271 que a elevou à categoria de vila. D. Dinis construiu aqui um palácio que depois passou para os condes de Alcáçovas. Era a intenção de D. Dinis amuralhar a vila, o que não sucedeu (em semelhança com Viana), sendo o material reunido para a construção da muralha provavelmente usado na edificação do referido palácio, da Igreja Matriz e outras construções. No palácio se celebrou o Tratado de Alcáçovas em 1479. A vila foi sede de concelho até este ser suprimido em 1836 e integrado no de Viana do Alentejo (cm-vianadoalentejo.pt).

O CONHECIMENTO ACTUAL

No que consta ao actual conhecimento do património do Concelho de Viana do Alentejo, existe ainda hoje uma notável ausência de saber estruturado. Ao investigar o concelho rapidamente damos conta de uma grande lacuna de informação específica e sistemática, seja ela em questões históricas, patrimoniais ou arqueológicas. Em comparação com a verdadeira proliferação de estudos e publicações de natureza histórico-patrimonial, especialmente em décadas recentes, Viana destaca-se como um relativo vazio no centro deste conhecimento. Este isolamento acentua-se ainda mais tendo em conta a natureza dos outros concelhos que rodeiam o de Viana. Nestes concelhos, o conhecimento em termos arqueológicos chega às centenas de sítios, por vezes ultrapassando mesmo o limiar dos milhares. Verifica-se também um grande número de publicações gerais e específicas em torno de muitas destas realidades, em particular no que toca ao concelho de Évora, imediatamente a norte de Viana.

Embora não se possa dizer que nada tem sido escrito acerca do património de Viana, aquilo que tem sido registado reduz-se essencialmente a notas de rodapé ou referências curtas e pouco aprofundadas em trabalhos de natureza mais geral ou simplesmente de outro âmbito senão o histórico-arqueológico. Por exemplo, o *Inventário Artístico de Portugal* de Túlio Espanca (vol. IX - Distrito de Évora, Zona Sul, volume I) de 1978 destaca-se, ainda hoje, como o trabalho que mais informação conseguiu reunir acerca do património e arqueologia do concelho numa só obra. Esta informação é apresentada maioritariamente em forma de notas rodapé e como complemento à verdadeira vertente da obra, a análise arquitectónica do património edificado.

É importante também assinalar que a qualidade dos dados que se encontram em alguns outros trabalhos de natureza geral é muito aquém do que se poderia esperar. Tomamos como exemplo o *Dicionário Enciclopédico das Freguesias*, de 1998, que no terceiro parágrafo da entrada sobre o concelho de Viana equaciona vestígios romanos com ocupação pré-histórica e a presença de simples “escórias” de ferro como evidência clara de ocupação da Idade do Ferro. A mesma publicação, à semelhança de muitas

outras, fala de uma “repovoação” das vilas, sem haver no entanto, qualquer indício da presença de habitação regular nos três locais anteriormente à sua fundação como vilas novas. Pelo contrário, os dados arqueológicos, alguns há muito conhecidos, apontam para o facto que os núcleos populacionais eram precisamente outros. Dado a ausência de estudos aprofundados que explorem e divulguem esta realidade, este erro repete-se *ad nauseum*.

Em relação a monografias, a parca selecção que existe desenvolve-se maioritariamente em redor de exemplos individuais do património edificado ou acerca de conteúdos mais temáticos. Neste âmbito, temos obras como os trabalhos *Castelo e Igreja Matriz de Viana do Alentejo* de 2004; *Alcáçovas, Tesouros Artísticos de Portugal*, 1976, de José António Ferreira de Almeida; e *Santuário Mariano* de Frei Agostinho de Santa Maria publicado em 1933.

Em publicações periódicas também existem poucos artigos sobre o concelho e normalmente tratam de sítios arqueológicos específicos. Alguns exemplos são o artigo sobre a intervenção arqueológica na necrópole do Castelo de Viana, publicado na revista *Património - Estudos*, nº7 de 2004; o artigo de José Caeiro sobre a cerâmica romana do Monte da Romeira na revista *Almadan* nº5 de Novembro de 1984/85; e o artigo sobre a zona do Santuário da Nossa Sr^a d’Aires no *Arqueólogo Português*, vol IX de 1904, da autoria de José Leite de Vasconcelos e Félix Alves Pereira.

Contudo, continua a não existir nenhuma investigação sistemática que tente quantificar aquilo que efectivamente é já conhecido no concelho. Como já foi referido no texto introdutório, em anos recentes um colega, Francisco Baião, tem investigado vários aspectos da história e arqueologia do concelho, sobretudo da actual freguesia de Viana, e que como colegas de licenciatura, várias vezes aproveitámos trabalhos de diferentes disciplinas para realizar algumas investigações neste sentido. Estes esforços, alguns individuais e outros em conjunto, têm resultado em vários trabalhos que ao longo dos anos temos tentado aprofundar e alargar de modo a começar a criar uma verdadeira dialéctica sobre a história deste território.

Os empenhos de Francisco Baião têm dado fruto em várias formas, como um trabalho de arqueologia da fotografia, culminando em 2010 na publicação do livro *Imagens & Memórias, a Primeira República no concelho de Viana do Alentejo*; a identificação de quase todos os elementos do pelourinho de Viana; e uma série de

artigos acerca do contexto arqueológico do concelho que se encontram actualmente a serem publicados no boletim municipal de Viana.

Pela minha parte, estes trabalhos culminam na presente dissertação de mestrado onde pretendo reunir e sistematizar aquilo que é hoje conhecido acerca da arqueologia e património do concelho.

Esta não é uma tarefa simples. Se em termos de trabalhos publicados existe ainda uma grande lacuna em relação ao panorama de Viana, os recursos da tutela oficial, de momento, menos têm para oferecer. Com a ausência de serviços de arqueologia locais para fornecer dados, a informação disponível através da base de dados do IGESPAR-IP apresenta grandes limitações em termos de quantidade e conteúdo.

Aponteí acima para a marcada diferença de informação disponível, em particular quando esta é comparada com a quantidade de dados existentes em relação aos concelhos que rodeiam Viana do Alentejo. Viremo-nos então para estes concelhos para podermos analisar em primeira mão o que isto significa.

Os concelhos que rodeiam Viana do Alentejo são os seguintes:



Fig. 2 – Mapa dos concelhos.

Embora em muitos casos os serviços locais tenham mais informação do que aquela que se encontra disponível na base de dados do Endovélico, tendo em conta que o concelho Viana não dispõe de qualquer serviço local de arqueologia, teremos de

limitar a presente comparação aos registos actualmente existentes na base de dados do IGESPAR. A quantidade de registos disponíveis em consulta para cada um dos concelhos é a seguinte:

Évora: 1421 sítios

Montemor-o-Novo: 400 sítios

Alcácer do Sal: 126 sítios

Alvito: 99 sítios

Cuba: 109 sítios

Como é evidente, existe uma grande quantidade de sítios registados, em particular nos concelhos de Montemor-o-Novo e Évora. Em comparação, todo o concelho Viana do Alentejo tem apenas 23 registos. Este é o número total de entradas para um território que abrange uma área total de 393,92 km². Analisando melhor os dados vemos que esta é uma distribuição relativamente díspar.

Em termos de sítios por freguesia e comparados com tamanho de cada território, o panorama é o seguinte:

Aguiar	27,81 km ²	6 sítios
Alcáçovas	268,13 km ²	8 sítios
Viana do Alentejo	97,98 km ²	9 sítios

As freguesias de Aguiar e Viana do Alentejo, que juntamente representam 32% da totalidade do concelho, têm seis e nove sítios respectivamente, enquanto a freguesia de Alcáçovas, que representa os restantes 68%, apenas tem oito sítios registados. No entanto, estes números ainda não são representativos da realidade no terreno, pois a fiabilidade dos dados tem ainda de ser verificada.

Já numa fase de análise individual é possível identificar vários problemas com os registos. O primeiro sítio listado é denominado apenas como “Alcáçovas” e com a tipologia de “villa”. A descrição do sítio é a seguinte:

A 800 metros da estação ferroviária existem ruínas de edifícios. Também junto ao Convento da Senhora da Esperança existem vestígios de ruínas, mármore trabalhado e cerâmica. Inscricção funerária. Trata-se possivelmente de uma villa.

O erro nesta descrição encontra-se na localização dada para o lugar. O mesmo registo faz referéncia à zona da estação ferroviária de Alcáçovas e ao Convento da Nossa Senhora da Esperança, todavia, a distância entre estes dois lugares é de aproximadamente 8660 metros medidos em linha recta. Evidentemente, não se poderá tratar de um sítio arqueológico contínuo e ficamos com a dúvida se isto é resultado da acidental junção de dados de dois sítios, pois o local da Nossa Senhora da Esperança é relativamente conhecido pela sua expressáo arqueológica, ou se a menção dos vestígios próximos da estação foi simples erro por virtude de distração e ausência de conhecimento do território.

Há também alguns casos de repetição de registos. Existe uma anta nos limites de Aguiar, não muito longe do cemitério da vila (cemitério de inícios do séc. XX), facto que lhe valeu menção num artigo e livro, ambos intitulados *Antas Capelas e Capelas Junto a Antas no Território Português*, de Jorge Oliveira, Panagiotis Sarantopoulos e Carmen Balesteros. A sua localização é assinalada na estrada N254 que atravessa a vila de Aguiar ao ligar Évora a Viana, a única sinalização para um monumento pré-histórico em todo o concelho. É conhecida vulgarmente como Anta de Aguiar e, menos frequentemente, como Anta do Zambujeiro ou Anta do Ferragial de Aguiar (Fig. 3).

Estes três nomes são utilizados para o mesmo monumento, tanto pela população local como pela pouca bibliografia que a ela faz referéncia. Contudo, cada uma das designações tem um registo individual na base de dados Endovélico, cada um com pequenas diferenças. O registo designado simplesmente por “Vila de Aguiar” e com a tipologia de “Anta” não possui qualquer descrição ou referéncia bibliográfica, enquanto que o registo intitulado “Anta do



Fig. 3 – Anta de Aguiar.

Ferragial de Aguiar” tem a descrição apenas como “anta” mas inclui o artigo supracitado como referencia. Já o registo “Anta do Zambujeiro” contém na sua descrição que o monumento se encontra próximo do cemitério da vila, embora também não tenha qualquer referência bibliográfica.

A confusão em torno deste monumento é algo de reflexão no contexto do presente trabalho, pois para além de se tratar de um sítio bastante conhecido e até publicado, é talvez o único monumento arqueológico em todo o concelho com suficiente relevo para se encontrar sinalizado da estrada principal. Outros lugares conhecidos com interesse arqueológico não possuem sinalização própria, mas beneficiam do facto de servirem de alicerces para templos cristãos medievais e modernos, todos eles devidamente assinalados. Tal não sucede com a Anta de Aguiar. A sua expressividade monumental e importância arqueológica individual são evidentes, no entanto, a presente ausência de divulgação e disponibilidade de informação ainda permite que seja possível registar o mesmo local com três designações diferentes.

Entretanto, este não é o único caso de repetição de dados. Também os vestígios romanos junto ao Santuário da Nossa Sr^a d’Aires têm dois registos. Estão registados como “Nossa Senhora de Aires” e como “Herdade das Paredes”, ambos os registos com a tipologia de “vicus” mas com diferentes textos de descrição acerca das evidências aqui encontradas. A descrição da “Herdade das Paredes”, chega mesmo a fazer menção do Santuário da Nossa Sr^a d’Aires, contudo, mesmo com esta informação foi criado um registo diferente.

O terceiro e último exemplo de repetição de dados são dois registos de uma anta localizada na freguesia das Alcáçovas. Ambos têm exactamente o mesmo nome “Vale da Silva”, o topónimo do lugar onde se encontra, e as descrições dos dois registos são quase idênticas.

A descrição do primeiro:

Monumento que conserva grande parte da mamoa e está, aparentemente, parcialmente intacto (afloram à superfície o topo dos esteios).

A descrição do segundo:

O monumento conserva grande parte da mamoa e está parcialmente intacto (afloram apenas à superfície o topo dos esteios).

Evidentemente, ambos os registos tratam do mesmo monumento. Contudo, as pequenas diferenças presentes nas respectivas descrições demonstram que não se trata de um erro informático em que um registo foi acidentalmente duplicado, uma conclusão a que se poderia chegar baseado no facto do nome ser idêntico. Pelo contrário, as diferentes descrições resultam da inserção dos mesmos dados em alturas diferentes, sem ter sido verificado se estes já constavam da base de dados.

Tendo em conta estas repetições, teremos de rever o número verdadeiro de locais que constam do Endovélico, retirando as repetições. No total, existem quatro registos repetidos, repartidos entre as três freguesias. O panorama passa ao seguinte:

Aguiar	de 6 sítios	passa para 4 sítios
Alcáçovas	de 8 sítios	passa para 7 sítios
Viana do Alentejo	de 9 sítios	passa para 8 sítios

Assim, o número total de sítios registados em todo o concelho, passa de 23 para 19 sítios.

Outra consideração acerca dos dados disponíveis tem a ver com informação incompleta ou ultrapassada que se encontra nos registos. Um exemplo de informação incompleta é um registo intitulado apenas “Viana do Alentejo”, com tipologia “necrópole” e período “romano”. A descrição é a seguinte:

As primeiras sepulturas encontradas localizavam-se no terreno plano, contíguo pelo Norte ao adro da Igreja. No chão encontraram-se pedaços de tegulae, tijolos de quadrante e fragmentos de opus signinum. Apareceram por todo o lado moedas. Junto das sepulturas foram encontradas vasilhas de cerâmica.

Em todo o registo não existe nenhuma referência bibliográfica, nenhuma informação acerca da localização da necrópole, seja por topónimo ou coordenadas, e a descrição apenas menciona que se encontra a norte do adro de uma igreja. Neste caso, apenas quem tem conhecimento da necrópole romana que se encontra junto ao Santuário da Nossa Sr^a d’Aires, através dos artigos de J. L. Vasconcelos ou do

Inventário Artístico de Portugal de Túlio Espanca, poderá associar esta descrição a esse lugar.

Já o registo do Castelo de Viana é um exemplo de informação ultrapassada. A descrição do castelo, na Base de Dados Endovélico, é a seguinte:

Castelo de construção originária do reinado de D. Dinis que ordena a sua edificação em 1321. É reconstruído nos reinados de D. João II e D. Manuel I, sendo que com este monarca inicia-se a construção da Igreja Matriz no paço do castelo (dentro do recinto muralhado). Nesta época são ainda acrescentados adornos manuelinos aos volumes trecentistas. A igreja que conjuga elementos góticos, manuelinos e barrocos é considerada um dos mais belos monumentos do estilo manuelino do Sul do País. Na área contígua à parede sul da Igreja junto à entrada norte do Castelo, foi identificada uma necrópole que foi utilizada entre o século XV e XIX.

Esta informação, especificamente a sua atribuição ao reinado de D. Dinis e a ordem de construção de 1321, é uma convenção da história que actualmente não é vista como fiável. Poderia apontar-se aqui o facto de que não seria de admirar que um recurso como uma base de dados pudesse demorar a ser actualizada com os dados mais recentes, no entanto, na informação disponibilizada também pelos serviços do IGESPAR, desta vez acerca do Património Classificado e que inclui neste o Castelo de Viana, a respectiva nota histórico-artística encontra-se devidamente actualizada:

Ao doar carta de foral a Viana do Alentejo em 1313 D. Dinis mandou edificar a "cerca de muro em que seia a villa de quatrocentas braças" na qual teriam que ser rasgadas três portas, doando para a obra mil libras (PAIS, 2004, p. 134). Porém, a fortificação que actualmente se implanta sobranceira à povoação "(...) não corresponde a esta intenção régia (...) e as investigações mais recentes inclinam-se para a probabilidade de a cerca dionisina não ter chegado a ser construída, podendo o Castelo de Viana do Alentejo ser uma obra dos finais do século XV ou inícios do século XVI." (Idem, ibidem). [...]

Mesmo admitindo que uma base de dados demorará sempre algum tempo a ser actualizada, é ainda difícil explicar como, com dois recursos geridos pela mesma

entidade e ambos com informação acerca do mesmo monumento, apenas um é actualizado de acordo com as investigações mais recentes.

Com as realidades aqui relatadas apontando para a evidente ausência de informação organizada, torna-se claro o panorama arqueológico do Concelho de Viana. Estando já passada a primeira década do século XXI, é crucial determinar e finalmente sistematizar aquilo que é conhecido neste território.

METODOLOGIA

A Recolha de Informação

Para a realização deste trabalho foi necessário tentar reunir toda a informação possível acerca do Concelho de Viana. Esta pesquisa, como qualquer outra, iniciou-se nas fontes escritas. Várias fontes foram consultadas, incluindo monografias e artigos em publicações periódicas, recursos da internet, como o *site* do IGESPAR-IP, etc. No entanto, como foi analisado no capítulo anterior, a limitação e pouco número de recursos bibliográficos para este território apresentou uma certa dificuldade na recolha e cruzamento de dados. A recolha também contou com alguma tradição oral da população, em particular entre pessoas que conhecem bem o terreno, como caçadores ou trabalhadores do campo.

Um grande número dos locais identificados foi alvo de visita pessoal com o intuito de visualizar e avaliar os sítios em primeira mão, realizar o registo fotográfico e localizá-los através de GPS. Por vezes, algumas destas visitas resultaram depois na identificação de outros vestígios nas suas imediações. Contudo, para este trabalho não foram realizadas prospecções sistemáticas no sentido de se escolher de uma área que era então alvo de batidas de terreno intensivas. Assim, os locais visitados foram apenas aqueles para os quais havia menção em livros e artigos, em notícias orais de elementos da população, o já do nosso conhecimento, ou seja, aqueles que, de uma maneira ou outra, partiam de alguma fonte de saber.

Não é a intenção deste trabalho criar uma “carta arqueológica” mas sim apresentar aquilo que é já conhecido, bem ou mal, no Concelho de Viana do Alentejo. Para a recolha de informação considerou-se uma definição relativamente abrangente de “património arqueológico”. Neste sentido, os dados recolhidos incluem vestígios arqueológicos, património edificado e até alguns topónimos que preservam a memória de realidades que já não são possíveis de identificar no terreno.

Contudo, o que aqui se apresenta pode, de certa forma e para além do seu propósito principal, vir a servir como contributo para uma futura carta arqueológica. O

formato da base de dados permite que sejam introduzidos dados provenientes de prospecção sistemática sem haver a preocupação de incompatibilidade com os registos que actualmente a compõem. Aliás, como foi referido, vários dos sítios ou vestígios agora incluídos foram identificados na sequência de visitas outros locais já conhecidos ou dos quais havia notícias.

Com isto tudo, uma das mais importantes considerações metodológicas foi a de tirar proveito do facto de este ser um trabalho nascido do século XXI e a tecnologia que o caracteriza. Como referi no texto introdutório, desde o seu início que este trabalho foi estruturado de modo a que fosse algo que não tivesse um “fim” definido. Para tal, queria que fosse algo que pudesse depois ter uma continuação orgânica usando os mesmos recursos. É por esta razão que o elemento mais importante aqui apresentado é a base de dados em formato digital, que se inclui em anexo gravada em CD.

Por causa disto, embora toda a base de dados se encontre impressa em anexo, é mais importante apresentar o seu formato digital nativo, juntamente com alguma informação cartográfica. Assim permite-se uma clara visualização do verdadeiro corpo do trabalho e todas as vantagens de o ter no seu suporte principal, o digital. A base de dados inclui toda a informação essencial para cada sítio individual: histórico-arqueológica, geográfica, bibliográfica e um registo fotográfico que se encontra ainda incompleto.

Refiro o facto do registo fotográfico se encontrar incompleto e merece aqui explicar que devido a limitações de tempo, obrigações laborais e por vezes por virtude do clima agreste que se tem verificado recentemente, não foi possível fotografar todos os locais que se apresentam na base de dados. Ao mesmo tempo, cada visita pode tornar-se um investimento dispendioso em termos de tempo gasto visto que alguns locais são de difícil acesso ou difíceis de encontrar e as visitas, sempre que possível, incluem uma atenciosa volta em redor no intuito de identificar outros vestígios que poderão estar presentes. Mas tendo em conta que se trata de um trabalho contínuo, não só tenciono continuar a adicionar informação à base de dados com novos sítios e notícias, como também completarei o registo fotográfico da mesma forma metódica que tem sido usada até agora.

A Base de Dados

De modo a organizar os dados e caracterizar cada um dos sítios registados, a metodologia e o formato do resultado final são os mesmos usados comumente na prática arqueológica e obedecem às regras formularias hoje em prática na comunidade arqueológica portuguesa. A informação recolhida visava não só a criação da base de dados, como também a sua visualização em Sistemas de Informação Geográfica.

Todos os dados foram sistematizados na base de dados exaustiva de forma a que seja registada toda a informação essencial de cada um dos sítios referenciados. Os campos que podem ser preenchidos incluem:

Número – número de registo, de quatro dígitos, precedido pela sigla VA- (Viana do Alentejo). Ex: VA-0025.

Designação – o nome do monumento ou designação do sítio baseada na toponímia adjacente. Em casos de tipologia indeterminada e de haver vários registos na área, cada um será acompanhado de um número individual. Ex: Provências 01.

Tipologia – o tipo de monumento ou evidência arqueológica identificada. Para achados de superfície singulares é usada a expressão “achado isolado”.

Período – o período cronológico a que o registo corresponde. Devido a algumas diferenças de opinião entre vários autores acerca das cronologias, é importante assinalar o que este trabalho entende por cada período:

Pré-História – abrange desde o Paleolítico até ao Neolítico, quando uma cronologia mais acertada não é possível.

Paleolítico – cerca de 1.2 milhões a 7000 a.c., podendo ainda ser dividido entre Inferior (mais antigo), Médio e Superior (mais recente).

Mesolítico – período de transição entre o Paleolítico e o Neolítico

Neolítico – cerca de 7000 a 3000 a.c.

Calcolítico – cerca de 3000 a 1900 a.c.

Idade do Bronze – cerca de 1900 a 700 a.c.

Idade do Ferro – cerca de 700 a.c. ao período de Romanização (finais do séc. III a.c.). Por vezes dividida entre 1ª e 2ª Idade do Ferro (a 2ª difere por manifestar influência clássica greco-romana directa).

Romano – séc. III-II a.c. ao séc. V d.c (a invasão romana iniciou-se em 218 a.c. e a divisão da península por Visigodos, Suevos, Alanos e Vândalos deu-se em 411 d.c.). Pode-se ainda dividir entre Republicano e Imperial.

Medieval – séc. V a finais do séc. XV (desde a queda do domínio romano imperial romano ao início do período moderno). Pode-se dividir entre Alta e Baixa Idade Média (antes e depois da fundação do reino).

Moderno – finais do séc. XV até ao XVIII (o início é marcado pela queda de Constantinopla, a generalização da pólvora na guerra e a descoberta do novo mundo; e o fim pelo início da industrialização ou a Revolução Francesa)

Contemporâneo – desde o início da industrialização ou a Revolução Francesa até aos nossos dias.

Para os propósitos deste trabalho, usou-se ainda duas junções terminológicas de períodos: *Bronze/Ferro* para sítios que se julga provável expressão de ambos os períodos, ou onde não é possível diferenciá-los; e *Medieval/Moderno* que compreende a Baixa Idade Média e a Idade Moderna, para reflectir a continuidade do período do Reino Português.

Conservação – o estado de conservação do monumento em questão, a escolher entre: *bom, regular, mau, destruído*.

Ameaças – as possíveis ameaças que poderão por em causa os vestígios arqueológicos ou a integridade do monumento. As possíveis ameaças são as seguintes: *gado, erosão eólica, agentes climáticos, vegetação, agricultura, construção civil, florestação, areeiro, pedreira, vandalismo, rede viária, abandono*.

Classificação – este campo lista as protecções activas em relação ao local, se tal se aplicar. Inclui, por exemplo, se é Monumento Nacional, de Interesse público, se é abrangido por Zona Especial de Protecção, etc.

Coordenadas WSG84 – existem dois campos, um para a coordenada N e outro para a coordenada W. Dois sistemas de coordenadas são armazenados na base de dados, uma delas é esta, a WGS84, por esta ser um formato muito utilizado e o sistema nativo do Google Earth, uma ferramenta hoje indispensável para este tipo de trabalho.

Coordenadas Lisboa Hayford-Gauss IGeoE (coord. militares) – Existem dois campos, um para a coordenada X e outro para a coordenada Y. Este é o segundo sistema de coordenadas na base de dados, incluída por se tratar do sistema mais utilizado em Portugal e com ele ser possível visualizar os dados obtidos juntamente com as Cartas Militares de Portugal georreferenciadas. Todas as coordenadas foram obtidas primeiro em WGS84 e depois convertidas para Lisboa Hayford-Gauss.

Descrição – uma pequena descrição do sítio, vestígios ou monumento com a informação essencial que lhe caracteriza.

Bibliografia – qualquer publicação que faça referência ao sítio em questão.

Fotografia – existem dois campos, um para uma fotografia do lugar, e outro para o o(s) autor(es) das fotografias.

Toda a base de dados foi criada a partir de um ficheiro Excel e que foi depois importado para o programa FileMaker, onde a informação foi organizada e visualmente estruturada para criar a base de dados em anexo. Foi escolhido este processo de modo a que o ficheiro importado para o FileMaker fosse idêntico ao ficheiro importado para o programa ArcGIS, garantindo assim que não houvesse a possibilidade de haver diferenças entre a informação da base de dados e a informação geográfica visualizada em GIS (em Pt: SIG: Sistemas de Informação Geográfica) que poderia resultar de um qualquer erro imprevisto ocorrido na transferência de informação.

O formato e aspecto final da base de dados é o seguinte:

VA Viana do Alentejo
património arqueológico do concelho

número	VA-0011	tipologia	Castelo
designação	Castelo de Viana		
período	Medieval/Moderno	conservação	Bom
ameaças			
classificação ou protecção	Monumento Nacional / Decreto de 16-06-1910, DG n.º 136, de 23-06-1910 / ZEP: DG, II Série, n.º 150, de 30-06-1948.		
freguesia	Viana do Alentejo		
coord N: WGS 84	38°19'55.83"		
coord W: WGS 84	008°00'05.85"		
coord X Lisboa militar	211494,17		
coord Y Lisboa militar	151680,94		
fotografias	Ulrico Galamba, Posto de Turismo de Viana		
bibliografia	Castelo e Igreja Matriz de Viana do Alentejo, Lisboa, 2004. / ESPANCA, Túlio, "Inventário Artístico de Portugal - vol. IX (Distrito de Évora, Zona Sul, volume I)", Lisboa, 1978.		



descrição

Em 1313, com a carta de foral a Viana do Alentejo, D. Dinis manda edificar uma "cerca de muro em que seia a villa de quatrocentas braças uma braça de espessura e altura tal que impedisse um cavaleiro montado de ferir com lança de nove côvados a quem estivesse entre as ameias", na qual teriam que ser rasgadas três portas, doando para a obra mil libras. Isto é frequentemente citado como a origem do Castelo de Viana, no entanto, a fortificação actual não corresponde a esta intenção régia, pois a cerca dionisina não chegou a ser construída. O Castelo de Viana do Alentejo talvez seja obra dos finais do século XV ou inícios do século XVI. (PAIS Ana Cristina, "Projecto de recuperação, conservação e valorização do Castelo de Viana do Alentejo", Património - Estudos, nº7, pp.133-137, Lisboa, 2004)

Fig. 4 – Registo VA-0011 (Castelo de Viana do Alentejo).

OS DADOS

Análise Geral

A grande quantidade de dados recolhidos inclui sítios que abrangem todos os períodos históricos, desde a pré-história até à idade contemporânea. Cada freguesia conta com uma diversidade de sítios que representa os principais períodos históricos. A sua natureza, contudo, é manifestamente diversa, Estes incluem desde vestígios arqueológicos como achados isolados e manchas de dispersão cerâmica, a elementos patrimoniais como capelas, fontes e palácios.

No total, a base de dados aqui apresentada inclui 101 sítios, em contraste com os 19 sítios antes conhecidos na base de dados do Endovélico. Enquanto que o panorama anterior era o seguinte:

Aguiar	27,81 km ²	4 sítios
Alcáçovas	268,13 km ²	7 sítios
Viana do Alentejo	97,98 km ²	8 sítios

A presente investigação multiplicou o número de locais conhecidos por um factor de cinco, repartidos pelas três freguesias da seguinte forma:

Aguiar	27,81 km ²	19 sítios
Alcáçovas	268,13 km ²	28 sítios
Viana do Alentejo	97,98 km ²	54 sítios

Imediatamente ressalta ao observador o facto de que a maior incidência de sítios ocorre na freguesia de Viana do Alentejo, seguida da freguesia de Alcáçovas e depois de Aguiar. No entanto, ao visualizar os dados em formato cartográfico, as freguesias de Aguiar e Viana do Alentejo mostram a maior concentração de sítios (Fig. 5 na página seguinte). Em conjunto, as duas freguesias constam de uma área total de 125,79 km²,

apenas 32% dos 393,92 km² de todo o território do concelho. No entanto, nesta área encontram-se 73 dos 101 sítios identificados.

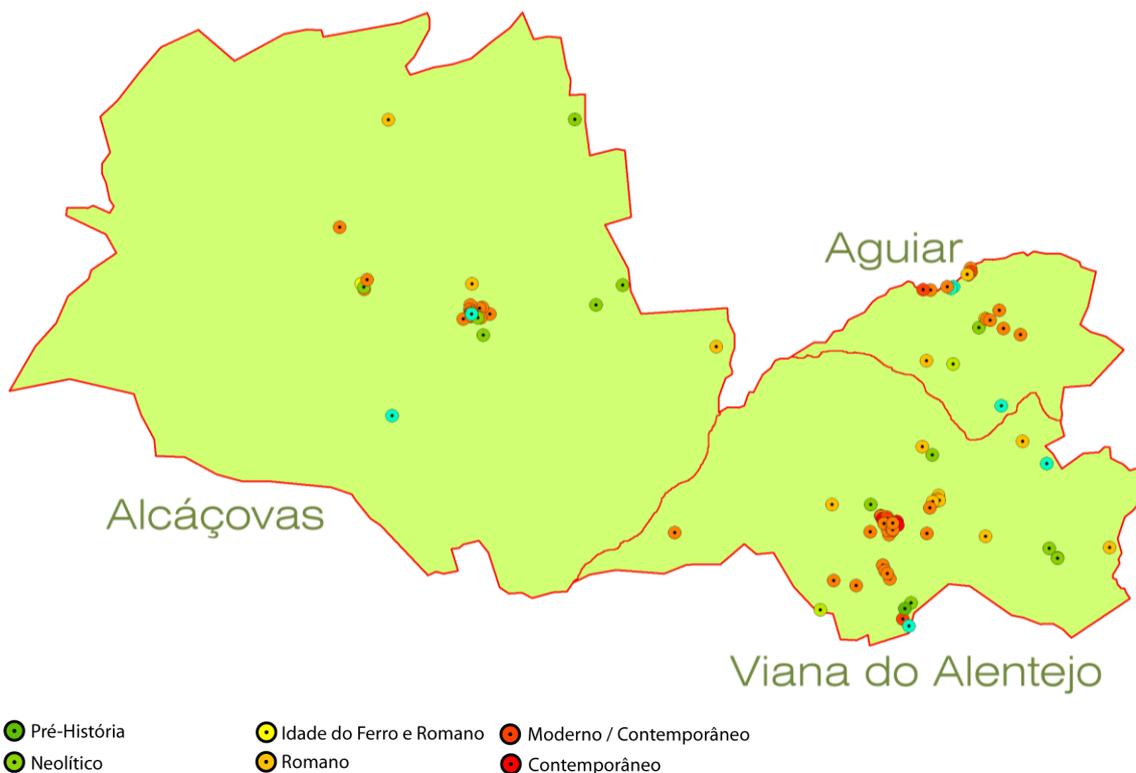


Fig. 5 – O concelho de Viana do Alentejo com os limites das suas freguesias e os sítios arqueológicos e patrimoniais assinalados.

A concentração de sítios em Aguiar e Viana poderá ser explicada pelo facto de não só serem as áreas mais conhecidas como também são as mais movimentadas, em particular com a estrada N254 que passa pelo centro de ambas as vilas. Esta é uma via de comunicação relativamente importante, visto que existe muita movimentação entre Viana do Alentejo e Évora a passar diariamente por esta estrada. O simples facto de haver uma esta quantidade de movimentação poderá resultar num maior reconhecimento do território envolvente e a transmissão de informação por quem passa regularmente por aqui.

Já a freguesia de Alcáçovas apresenta outra realidade. Possui um território maior do que as freguesias de Aguiar e Viana juntas, mas com menor quantidade de movimentação. Ao mesmo tempo, também tem uma densidade populacional relativamente baixa, apenas 7,8 h/km² em contraste com os 25,1 h/km² e 28,9 h/km² de Aguiar e Viana respectivamente (de acordo com os dados de 2001). Assim, grande parte

do território de Alcáçovas parece permanecer ainda não explorado, pelo menos em termos arqueológicos.

Os Períodos

Podemos também usar estes dados para tirar outras conclusões, no que consta a períodos históricos, em relação ao território. Na base de dados, vários períodos históricos estão representados. Os períodos incluídos e a sua ocorrência em quantidade de registos são os seguintes:

Pré-História:	1
Neolítico:	13
Bronze/Ferro:	3
Ferro/Romano:	1
Romano:	15
Medieval/Moderno:	54
Moderno/Contemporâneo:	4
Contemporâneo:	2
Indeterminado:	8

Imediatamente nos salta à vista o elevado número de registos do período medieval/moderno, seguido do período romano e neolítico. No entanto, para podermos olhar para os dados de uma forma mais geral, podemos juntar os registos contíguos/correspondentes em grupos para termos uma visualização mais abrangente.

Assim, podemos reduzir estes dados a três períodos principais: um grupo de Pré-História, um Romano e outro Medieval a Contemporâneo. O grupo “Pré-História” inclui os registos até à Idade do Ferro, o grupo “Romano” inclui os registos Romano e Ferro/Romano, e o “Medieval a Contemporâneo”, como a própria a designação indica, inclui tudo pertencente aos períodos Medieval, Moderno e Contemporâneo.

O único registo classificado como Ferro/Romano, o Povoado da N.^a Sr.^a da Esperança (registo VA-0025), será necessariamente duplicado, aparecendo tanto no grupo da Pré-História como no Romano, por virtude de apresentar vestígios de ambos os períodos.

Pré-História

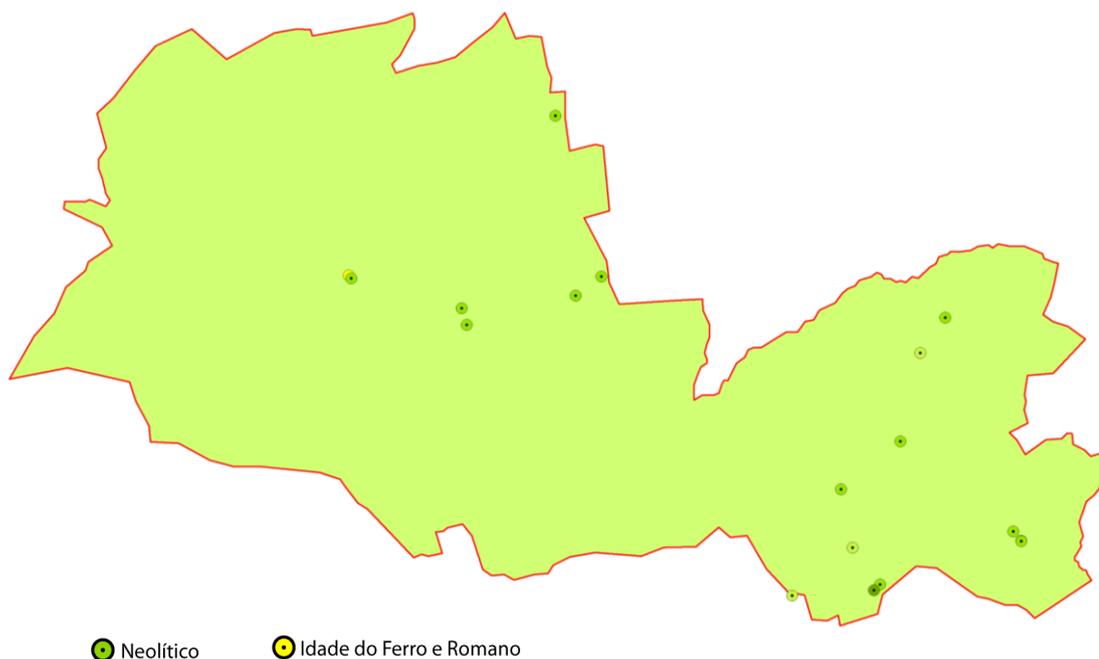


Fig. 6 – Mapa do concelho com os sítios Pré-Históricos assinalados.

No mapa acima é possível ver como os locais pré-históricos estão relativamente dispersos. Podemos dizer que no mapa existem duas zonas de registos, uma localizada na freguesia de Alcáçovas e outra que abrange as freguesias de Aguiar e Viana do Alentejo. As tipologias abrangidas são as seguintes:

Achado isolado:	4
Anta:	8
Sepultura:	1
Menir:	3
Povoado:	2

Dos registos na zona de Alcáçovas, quatro são antas ou notícias/vestígios de antas e dois são de menires, todos do período neolítico. O último registo é o da ocupação do período da Idade do Ferro no Alto da Nossa Sr^a da Esperança.

Na zona de Aguiar e Viana do Alentejo também se encontram quatro registos de antas e uma notícia apenas classificada como sepultura, possivelmente um tholos ou anta, juntamente com dois achados isolados, um machado de pedra polida atribuível ao

Neolítico e um fragmento de percutor apenas possível de identificar como Pré-Histórico.

Das antas, três encontram-se muito próximas, junto do limite sudeste do concelho. Uma delas era já conhecida aquando da realização deste trabalho, enquanto que as outras duas foram identificadas em sequência da visita ao local para realizar o registo geográfico e fotográfico. Trata-se de uma anta (registo VA-0038) com a câmara de sete esteios relativamente intacta e com parte do corredor à vista; vestígios de uma anta e respectiva mamoa (registo VA-0039) já muito destruídos e em grande proximidade à primeira; e em direcção a noroeste, um possível esteio *in situ* embora algo quebrado, nas imediações de um pequeno moroiço (registo VA-0040).



Fig. 7 – Da esquerda para a direita: Anta do Cavalete 01, 02 e 03 (registos VA-0038, VA-0039 e VA-0040).

Existe também um registo de menires em Viana, embora se trate de dois menires cuja memória local lembra que foram trasladados da freguesia de Alcáçovas, provenientes de um (ou até ambos) os locais lá assinalados com a tipologia de “menir”. Uma superficial análise do granito do qual são talhados confirma que foram esculpidos da mesma pedra que os seus gémeos do outro lado do concelho (Fig. 8).



Fig. 8 – Comparação entre exemplares do registo Menires de Alcáçovas 02 (VA-0093), freg. de Viana (img. à esquerda), e de Menires de Alcáçovas 01 (VA-0092) freg. de Alcáçovas (img. À direita).

Finalmente, podemos apontar três registos do período do Bronze/Ferro. Dois deles são registos de achados isolados em forma de zonas de dispersão de cerâmica, possivelmente da Idade do Ferro. O terceiro registo é do grande povoado que se encontra no topo do alto de S. Vicente, imediatamente a sul da Vila de Viana.

Período Romano

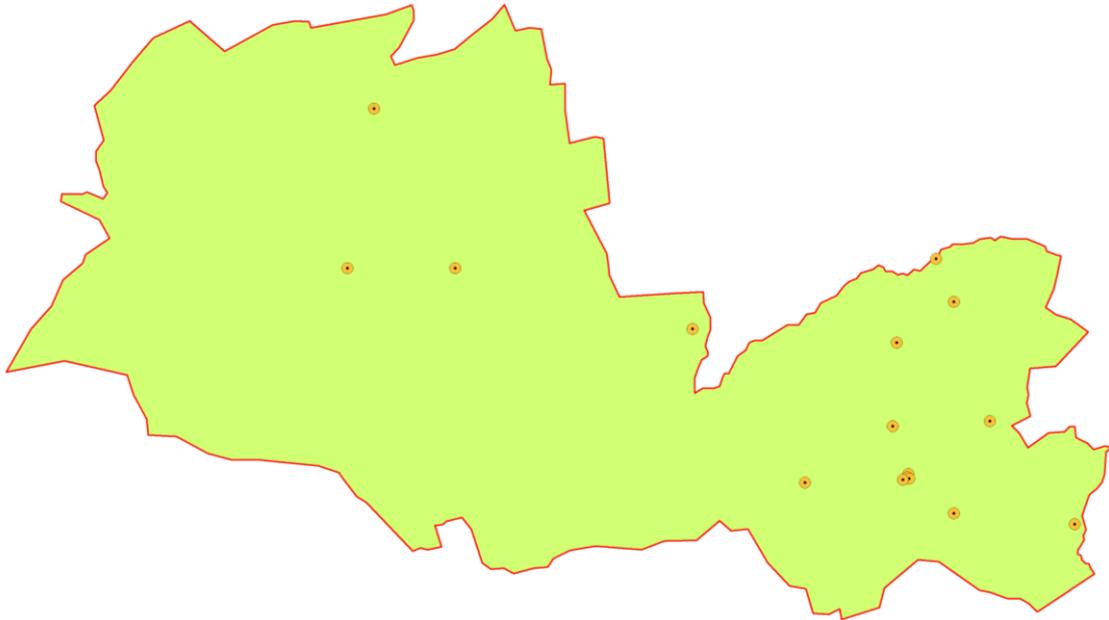


Fig. 9 – Mapa do concelho com os sítios Romanos assinalados.

Nos registos do período romano, podemos também ver uma grande dispersão, com apenas uma concentração próxima da vila de Viana que corresponde ao local da Nossa Senhora d’Aires e a Herdade das Paredes (da qual falaremos mais aprofundadamente noutra secção). As tipologias abrangidas são as seguintes:

Achado isolado:	4
Marco miliário:	4
Vicus:	1
Necrópole:	1
Aqueduto:	1
Villa:	2
Cupa:	2
Povoado fortificado:	1

A maioria destes locais encontra-se nas freguesias de Aguiar e Viana do Alentejo, sendo que apenas quatro se encontram na freguesia de Alcáçovas.

Os registos mais numerosos são os de achados isolados e marcos miliários. Os achados isolados são todos registos de material cerâmico, incluindo cerâmica comum e de construção. Num destes lugares foi encontrada uma ânfora, oferecida a J. L. Vasconcelos nos primeiros anos do século XX. Os marcos miliários encontram-se nas freguesias de Aguiar e Viana e assinalam, de um modo geral, o traçado da via romana Eborá – Pax Iulia. A excepção é um pequeno marco anepígrafo em Aguiar cuja origem se desconhece.

O vicus, necrópole e aqueduto constituem a concentração junto ao Santuário da Nossa Sr.^a d'Aires. Os dois registos marcados como cupa infelizmente já não existem. Subsiste apenas a sua memória e antigo registo fotográfico. O povoado fortificado é a presença romana no já referido Alto da Nossa Sr.^a da Esperança.

Em relação às duas villas, um dos registos é de um lugar onde foram efectuadas prospecções em 1975 que revelaram "vestígios de villa e necrópole anexa" citados no artigo de José Caeiro *in* Almadan 5 Novembro 84/85, pp.17-18. Também aqui existe um marco miliário tombado de uma via que atravessa a herdade. O outro registo refere-se a uma mancha de dispersão de materiais romanos à superfície numa área extensa e a notícia da existência de uma calçada.

Períodos Medieval/Moderno e Contemporâneo



Fig. 10 – Mapa do concelho com os sítios Medievais/Modernos e Contemporâneos assinalados.

No mapa dos vestígios medievais/modernos e contemporâneos passamos para uma realidade diferente. Nestes períodos os registos estão claramente concentrados nas zonas das vilas. Também podemos verificar que existem em maior quantidade em relação aos períodos anteriores. Isto é de esperar, pois por serem os períodos mais recentes e com maior continuidade com o presente, logicamente subsistem em número muito superior. Ao mesmo tempo, por se tratar de três “vilas novas” fundadas em finais do séc. XIII e inícios do séc. XIV, o património construído durante o reino concentra-se essencialmente nas vilas e nos seus arredores.

Neste grupo, 60 ao todo, as tipologias abrangidas são as seguintes:

Capela:	16
Pelourinho:	1
Caminho empedrado:	3
Arquitectura Vernacular:	1
Castelo:	1
Igreja:	8

Convento:	3
Marachão:	1
Pontinha:	1
Material cerâmico:	1
Moinho de Água:	1
Conduta/aqueduto:	1
Cerca para abelhas:	1
Casa de Moleiro:	1
Fonte:	11
Necrópole:	1
Quinta:	1
Forno de tijolo:	1
Indeterminado:	2
Paço:	2
Jardim:	1
Palácio:	1

Como se poderia prever, a arquitectura religiosa domina esta lista. As capelas e igrejas são dos registos mais numerosos, com um total de 24 registos em conjunto. Destes, as igrejas numeram oito e as capelas 16. Existem também três conventos, dois em Viana e um em Alcáçovas.

Fontes são também abundantes, com 11 registos, seis deles em Viana, quatro em Alcáçovas e um em Aguiar. Os restantes sítios são bastante diversos em termos de tipologia. Vários tipos de locais e vestígios são aqui representados, desde calçadas medievais, a um moinho de água, um forno de tijolos, etc.

Embora estes locais estejam sobretudo concentrados nas vilas, é possível também constatar a presença de alguns lugares resultando da cristianização de lugares anteriores, como no Alto da Nossa Sr.^a da Esperança, a oeste de Aguiar, e o Alto de S. Vicente e a Zona do Santuário da Nossa Sr.^a de Aires, a sul e a nordeste de Viana respectivamente.

OS SÍTIOS

Como podemos ver na Fig. 11 na página seguinte, também de forma geral se certifica que, independentemente dos períodos, as maiores concentrações de sítios registados coincidem com as vilas de Aguiar, Alcáçovas e Viana. Como já vimos, estas concentrações resultam principalmente dos centros históricos e os diversos monumentos medievais e modernos em cada um deles. Outras concentrações de incidências, fora dos perímetros urbanos, já indicam uma presença de vestígios arqueológicos que destacam estes locais como pontos importantes na dialéctica histórica do concelho.

Não iremos enunciar e explicar cada um dos 101 registos individualmente. Para tal disponibiliza-se a completa base de dados que é incluída em anexo neste trabalho, em formato digital e impresso. Todos os locais, aqui mencionados ou não, podem ser lá consultados.

No entanto, devido à dificuldade em apresentar uma caracterização do território com base em cronologia, devido ao facto dos sítios serem ainda poucos para um território tão grande, apresenta-se antes as maiores incidências de concentração de registos. Estas concentrações marcam uma continuidade de ocupação e utilização de certos espaços no concelho ao longo de vários períodos. Nas seguintes secções apresentamos estas zonas e alguns dos sítios que as caracterizam.

No capítulo final ainda se analisará três destes lugares em maior pormenor para salientar o potencial arqueológico destes expressivos sítios.

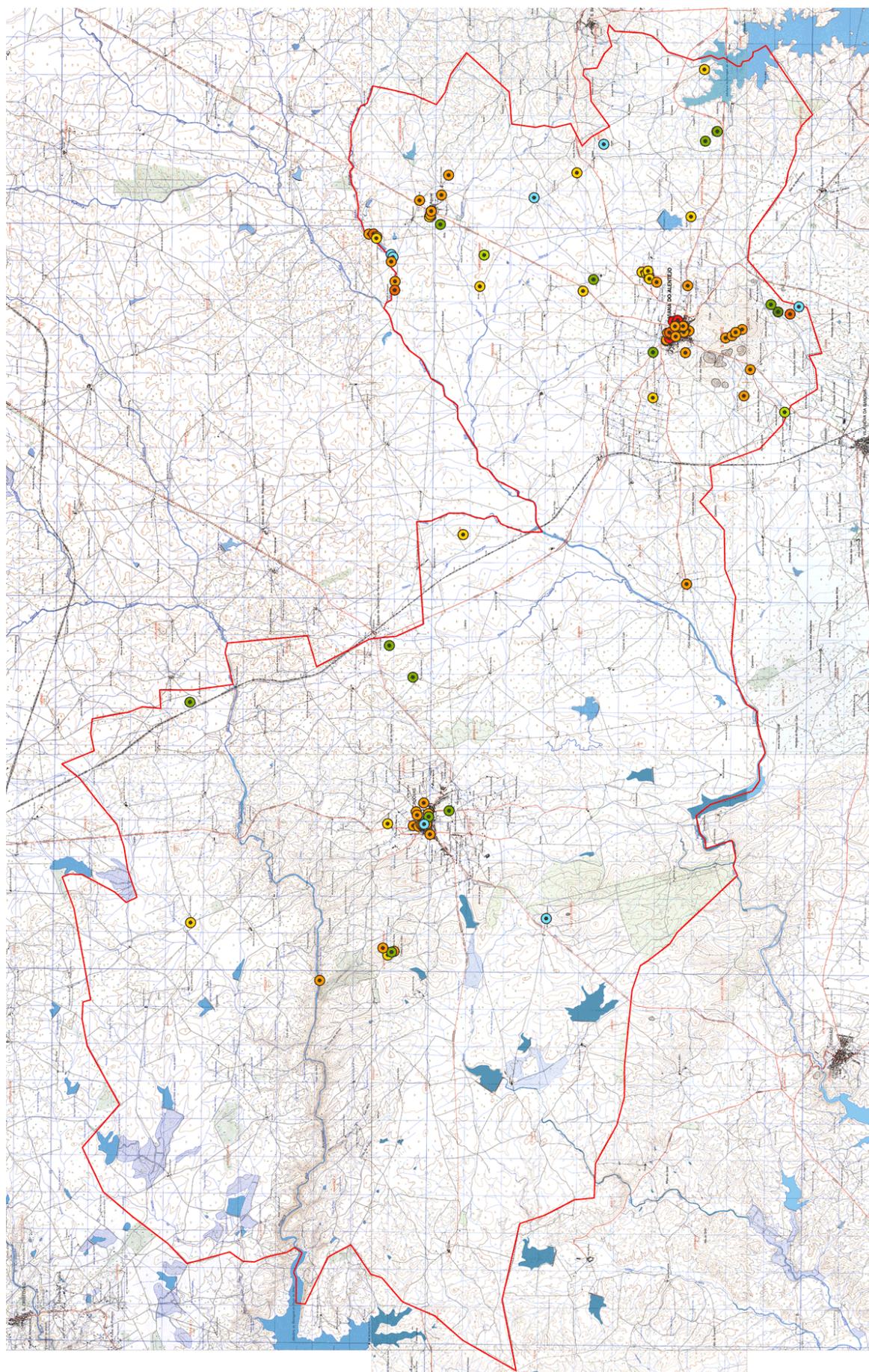


Fig. 11 – O concelho de Viana, com os sítios assinalados .

- Cronologia Indeterminada
- Pré-História
- Neolítico
- Idade do Bronze / Ferro
- Idade do Ferro e Romano
- Romano
- Medieval / Moderno
- Moderno / Contemporâneo
- Contemporâneo

Aguiar

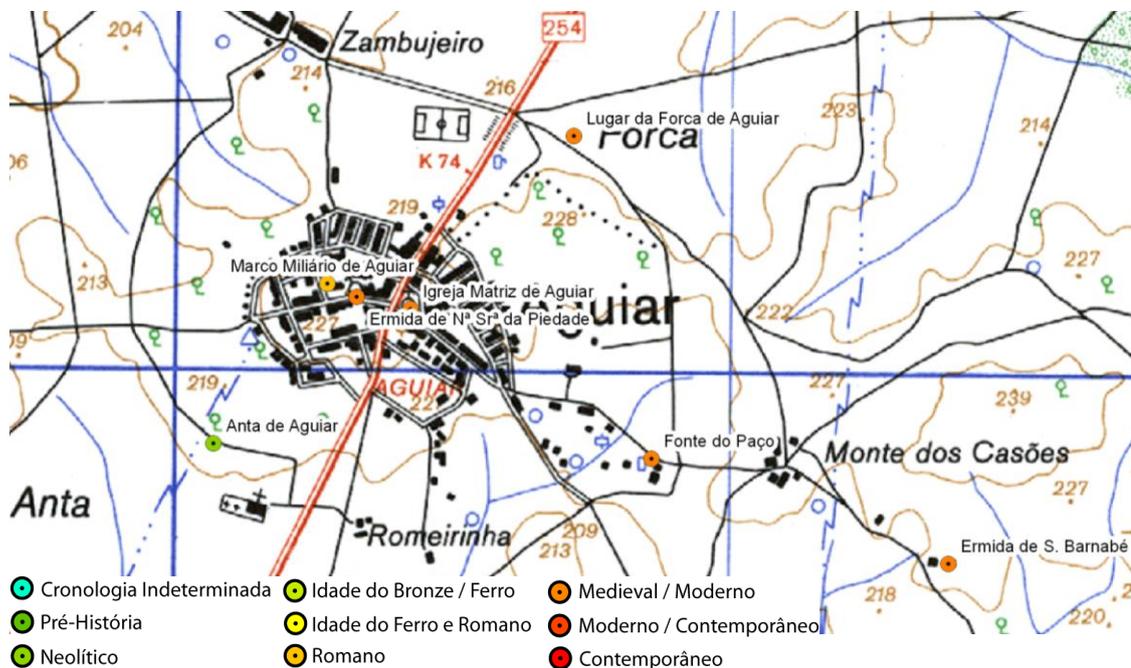


Fig. 12 – A vila de Aguiar e as suas imediações com sítios assinalados, fragmento da CMP 479.

Entre as três vilas do concelho, a de Aguiar é a que menos sítios apresenta dentro do perímetro urbano e nas suas imediações. Em termos de património medieval / moderno, existem apenas cinco lugares assinalados. Dois destes, a Igreja Matriz (registo VA-0056) e a Ermida da Nossa Sr^a da Piedade (registo VA-0055) encontram-se dentro da vila. Para este-sudeste encontramos a fonte do Paço (registo VA-0057) e a Ermida de S. Barnabé (VA-0058), obra de inícios do séc. XVI e hoje já muito destruída (Fig. 13).

O lugar da forca é também assinalado (registo VA-0059), a nordeste da vila, embora não existem hoje vestígios da sua estrutura. Talvez nunca tenha sido construída, havendo apenas o lugar marcado para ela, ou no caso de ter sido erguida, poderia ter sido feita de materiais perecíveis que não



Fig. 13 – Ermida de S. Barnabé.

chegaram até aos nossos dias. O lugar é preservado hoje apenas pela toponímia, visível na carta militar (CMP 479).

Numa propriedade particular dentro da vila, encontra-se um fragmento de um marco miliário romano (Fig. 14). A sua proveniência é desconhecida. Em anos anteriores encontrava-se no exterior, próximo da habitação, até ser recolhido pelo dono da casa de modo a mantê-lo num sítio seguro e evitar que viesse a desaparecer (registo VA-0004).



Fig. 14 – Marco miliário.

A sudoeste da vila encontramos a já referida Anta de Aguiar, o mais reconhecível monumento pré-histórico no concelho (Fig. 15). Encontra-se próximo do cemitério da vila que data de inícios do século XX. Conserva 7 esteios de granito: o de cabeceira tombado para o interior da câmara, outro quebrado e os restantes intactos e de pé. Alguns fragmentos do chapéu encontram-se atrás da câmara e outro em cima do corredor. O corredor é visível e orientado para nascente. Como já foi referido, a anta é conhecida por vários nomes: Anta de Aguiar, Anta do Zambujeiro, Anta do Ferragial de Aguiar (registo VA-0014)



Fig. 15 – Anta de Aguiar.

Ribeira do Aguilhão

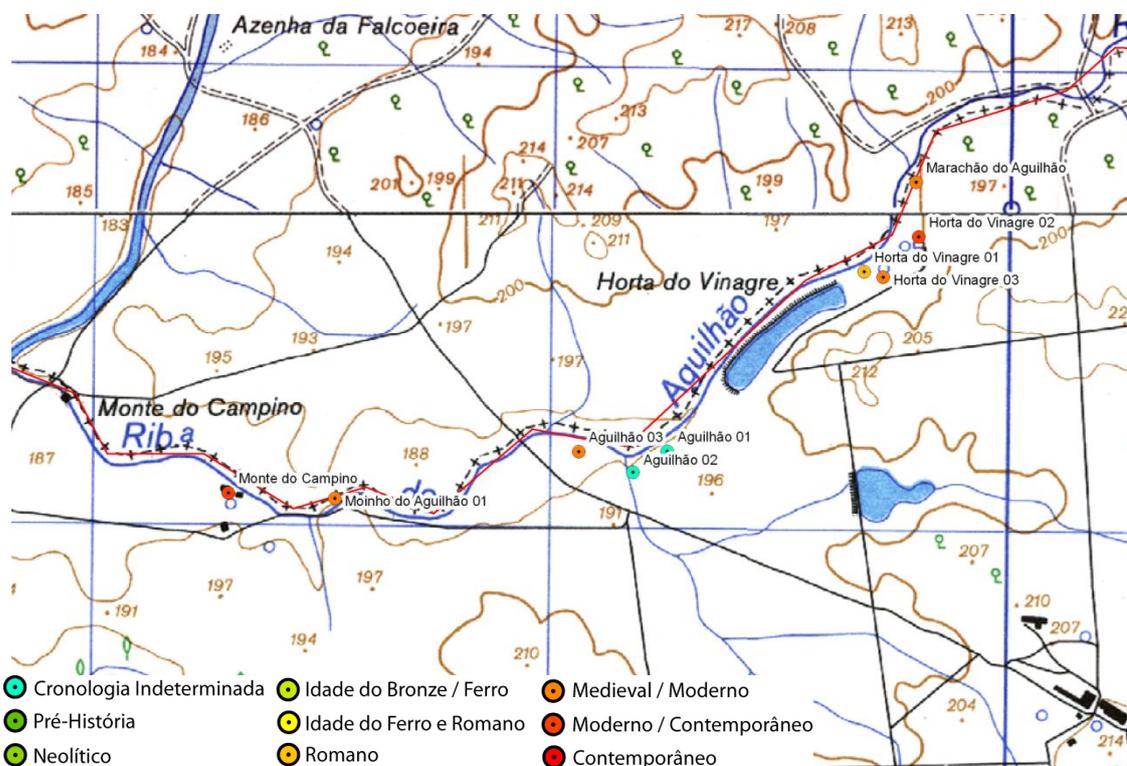


Fig. 16 – A Ribeira do Aguilhão com sítios assinalados, fragmentos das CMP 470 e 479.

A concentração de sítios verificados ao longo da Ribeira do aguilhão resulta de uma visita realizada com o intuito de tentar confirmar uma notícia acerca da presença de ruínas de um possível moinho de água e localizar o marco miliário e as fundações da ponte referidos por Francisco Bilou no artigo *Testemunhos arqueológicos da rede viária romana na região de Évora* (Sep. de A Cidade de Évora, II Série, N° 4, C.M. de Évora, 2000).

O marco miliário foi identificado (Fig. 17), embora não fosse possível averiguar a presença de quaisquer vestígios de uma ponte devido ao coberto vegetal ao longo da maioria do percurso da ribeira que, na altura da visita, era extremamente denso. Encontra-se assinalado como Horta do Vinagre 01 na Fig. 16 (registo VA-0030).

Também foi possível localizar o possível moinho de água (Fig. 18), embora os seus vestígios se reduzem a fundações de várias divisões em pedra seca e pedra entaipada. Aparenta ser relativamente antigo, provavelmente medieval, mas deve ter sido utilizado pelo menos até ao período moderno, a julgar por um fragmento de faiança embutido num pedaço de argamassa. Encontra-se assinalado como Moinho do Aguilhão 01 (registo VA-0021).



Fig. 17 – marco miliário



Fig. 18 – possível moinho de água

Durante esta volta foram identificados vários outros vestígios ao longo da ribeira que mereceram inclusão na base de dados. Próximo do marco miliário, foram encontrados uma estrutura de retenção e extracção de água aparentemente moderna / contemporânea, com um aqueduto em tijoleira (assinalado como Horta do Vinagre 02 / registo VA-0016), e uma pequena ponte em pedra seca que serve de passagem por cima de uma antiga conduta de água, talvez medieval, delimitada em pedra e ainda visível mas já muito destruída (assinalado como Horta do Vinagre 03 / registo VA-0017).

Mais adiante, ao longo da ribeira, identificaram-se dois moroiços que, em inspecção mais próxima, revelaram ter uma estrutura coerente embora com propósito desconhecido. Estão assinalados como Aguilhão 01 (registo VA-0018) e Aguilhão 02 (registo VA-0019). O primeiro é o mais expressivo e mostra uma aparente estrutura circular parcial-



Fig. 19 – moroiço com estrutura

mente ocultada pelas pedras do moroiço (Fig. 19). O segundo encontra-se ocultado pela vegetação mas parece possuir uma estrutura semelhante ao primeiro. Próximo destes moroiços, existe uma mancha de dispersão de material cerâmico medieval / moderno em torno de um outro moroiço não estruturado (registo VA-0020).

Num ponto mais avançado, depois da estrutura do moinho, junto a um monte alentejano, existe o que parece ser uma casa de moleiro. A estrutura da casa contava com inúmeras mós aproveitadas como degraus, chão, bancos, etc. Foi registada devido à possível ligação entre este sítio e a proximidade com o moinho já referido. Encontra-se assinalada como Monte do Campino, por este ser o topónimo mais próximo (registo VA-0022).

Alcáçovas

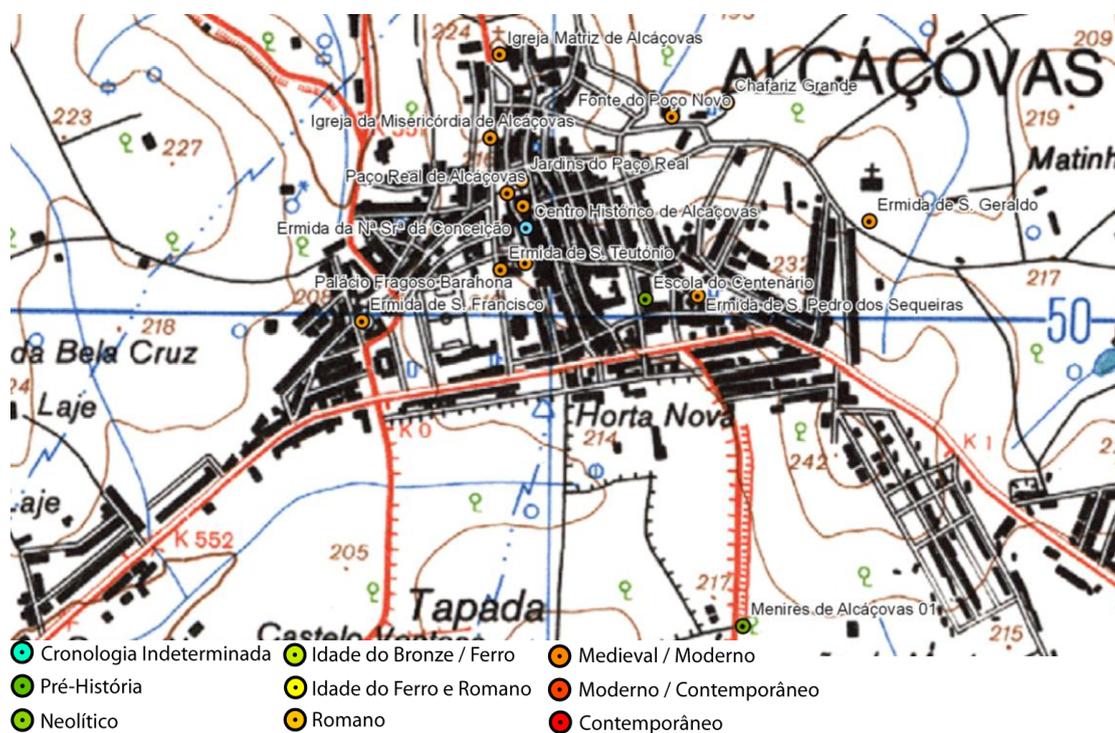


Fig. 20 – A vila de Alcáçovas com sítios assinalados, fragmento da CMP 478.

A vila de Alcáçovas é caracterizada essencialmente por património medieval / moderno. No limite norte da vila encontra-se a Igreja Matriz (registo VA-0063) dedicada a Santa Maria e originalmente fundada em 1308 pelo bispo de Évora, D. Fernando II. Em meados do séc. XVI, a igreja foi reconstruída em estilo maneirista. Um pouco a sul desta está a Igreja da Misericórdia (registo VA-0064), que se começou a construir em 1551. Actualmente, o seu aspecto apresenta as características oitocentistas que substituíram os elementos anteriores (Espanca, 1978, p.488).

No limite nordeste encontram-se as fontes do Poço Novo (registo VA-0062) e do Chafariz Grande (registo VA-0061), ambas do séc. XVI. No limite leste existe a Ermida de S. Geraldo (registo VA-0060), reputadamente construída por uma comissão de devotos em 1599 (Espanca, 1978, p.488).

Outras capelas na vila incluem as Ermidas de S. Francisco (registo VA-0070) e a de S. Pedro dos Sequeiros (registo VA-0069), ambas do séc. XVI mas com remodelações posteriores, e as Ermidas de S. Teutónio (registo VA-0068) e da Nossa Sr.ª da Conceição (registo VA-0067), construídas no séc. XVII. A Ermida da Nossa Sr.ª

da Conceição, fundada por D. Henrique Henriques, encontra-se no centro da vila e apresenta decoração com revestimento de conchas, búzios, pequenas pedras, azulejos, faianças e porcelana (Fig. 21).

Também no centro da vila encontra-se o Paço Real de Alcáçovas, ou “dos Henriques” (registo VA-0065) e os jardins do paço (registo VA-0066). O Paço Real (Fig. 22) foi edificado no século XIV e sofreu mais obras no séc. XVI. Foi onde D. Afonso V recebeu a embaixada dos Reis Católicos para a assinatura do Tratado de Alcáçovas. O monumento possui manifestação do estilo gótico, manuelino e maneirista. Os jardins são decorados da mesma forma que a capela da Nossa Sr.^a da Conceição (Espanca, 1978, 489 – 492).

Próximo da Ermida de S. Teutónio existe o palácio Fragoso Barahona, casa senhorial do século XVIII que foi sede do antigo morgadio instituído por Martim Afonso de Melo, bispo da Guarda (Espanca, 1978, p.493).

Juntamente com estes monumentos medievais / modernos, existem dois registos pré-históricos assinalados como Menires de Alcáçovas 01 (registo VA-0092), a sul da vila, e a Escola do Centenário (registo VA-0094), encontrada dentro do perímetro urbano. O primeiro representa um grupo de 4 menires que actualmente se encontram depositados junto a uma árvore à beira da estrada do cemitério (Fig. 23 e 24 na página seguinte).



Fig. 21 – Decoração da Ermida da Nossa Sr.^a da Conceição



Fig. 22 – Paço Real de Alcáçovas

Fazem parte de um conjunto de menires trasladados de dois locais em Alcáçovas (os restantes encontram-se em Viana - registo VA-0093). Foram removidos dos locais conhecidos como Chão de Mocho, nas proximidades do registo, e da actual Escola do Centenário. Neste segundo registo, antigamente conhecido como Rossio de S. Pedro, parte da escola actual assenta sobre um aterro que poderá esconder ainda outros monólitos, de acordo com os relatos orais recolhidos.



Fig. 23 – Menires de Alcáçovas 01



Fig. 24 – Menires de Alcáçovas 01 – pormenor.

Alto da Nossa Sr.^a da Esperança

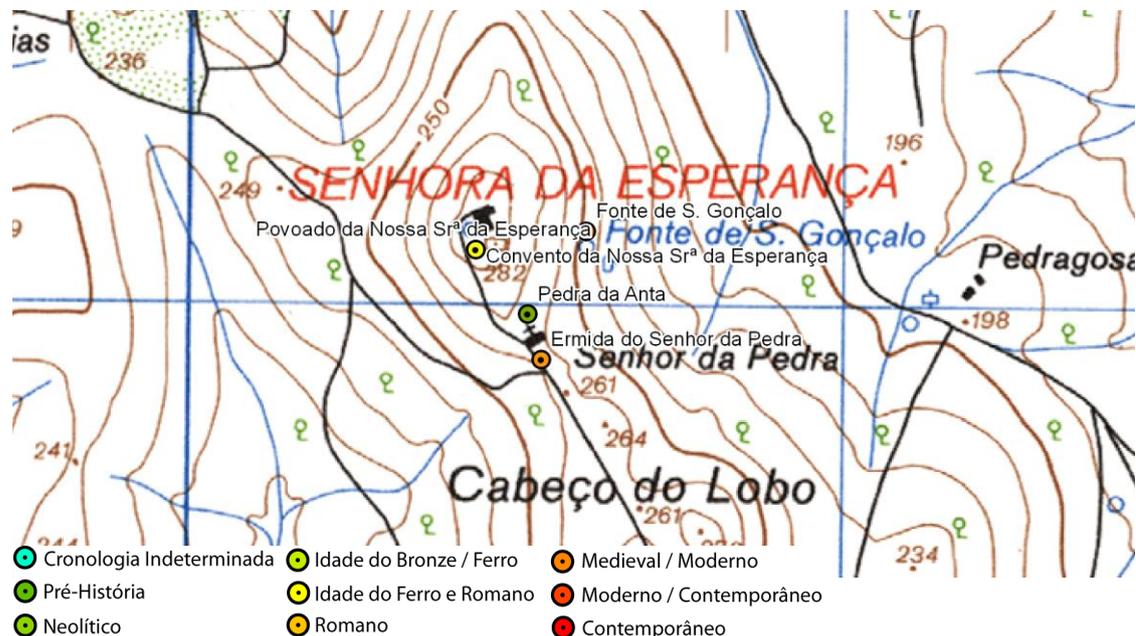


Fig. 25 – Alto da Nossa Sr.^a da Esperança com sítios assinalados, fragmento da CMP 478.

No Alto da Nossa Sr.^a da Esperança encontram-se vestígios medievais modernos, romanos, da idade do ferro e do neolítico. O local é analisado em pormenor no capítulo seguinte, portanto limitamo-nos aqui a enunciar a natureza das evidências nele presentes. Em termos de património medieval / moderno, no caminho que vem da direcção de Alcáçovas, ainda antes do ponto mais alto da elevação, encontra-se a Ermida do Senhor da Pedra (registo VA-0023). É uma capela de meados do séc. XVIII e que assenta sobre o local onde antes havia um cruzeiro do séc. XVI. O altar-mor albergava a coluna e capital jónico do antigo cruzeiro, hoje desencaixado e caído no chão da capela. É defrontada de um arco em tijoleira, parte da antiga cerca religiosa (Fig. 26).



Fig. 26 – Ermida do Senhor da Pedra.

Já no topo da elevação encontramos o Convento da Nossa Senhora da Esperança (registo VA-0024) que terá tido origem numa ermida manuelina dedicada à Nossa Sr.^a

da Graça que foi cedida em 1541. O convento foi integrado na Ordem de S. Domingos. Nas memórias paroquiais de 1758 é descrito como “caza de romagem aonde concorrem pessoaz de diversaz villaz e fregueziaz que pello decurso do anno fazem outro festaz” (*Memórias Paroquiais*, Vol. 39, nº 150, pp. 891-910).

Na encosta leste encontra-se uma fonte dedicada a S. Gonçalo (registo VA-0096). É uma pequena fonte com a data de 1718 inscrita na argamassa e encimada pelo escudo da Ordem Dominicana. Junto deste local, encontra-se uma saída de uma aparente mina de água, provavelmente pertencente ao convento, conhecido como Buraco dos Frades.



Fig. 27 – Convento da N. Sr.ª da Esperança.



Fig. 28 – Estruturas defensivas.

Por todo o alto se encontram vestígios de edificações antigas e material de construção de diversos períodos. É de salientar a presença de uma quantidade considerável de *tegulae*. Também é possível verificar a presença de materiais da idade do ferro, também como fortes e expressivas estruturas defensivas atribuíveis a este mesmo período, interpretadas como um importante povoado (Fig. 28) e assinaladas na Fig. 25 como Povoado da Nossa Srª da Esperança (registo VA-0025).

Existe também uma referência a uma anta, ou vestígios de, localizada a noroeste da Ermida do Senhor da Pedra. Seria conhecida como Pedra da Anta (registo VA-0080) e poderá ser uma indicação para o nome da ermida que lhe é próxima. A sua presença nos nossos dias não foi possível verificar devido ao coberto vegetal no sítio. No entanto, e em semelhança ao terreno circundante, é uma área que não escasseia em termos de vestígios arqueológicos.

Viana do Alentejo

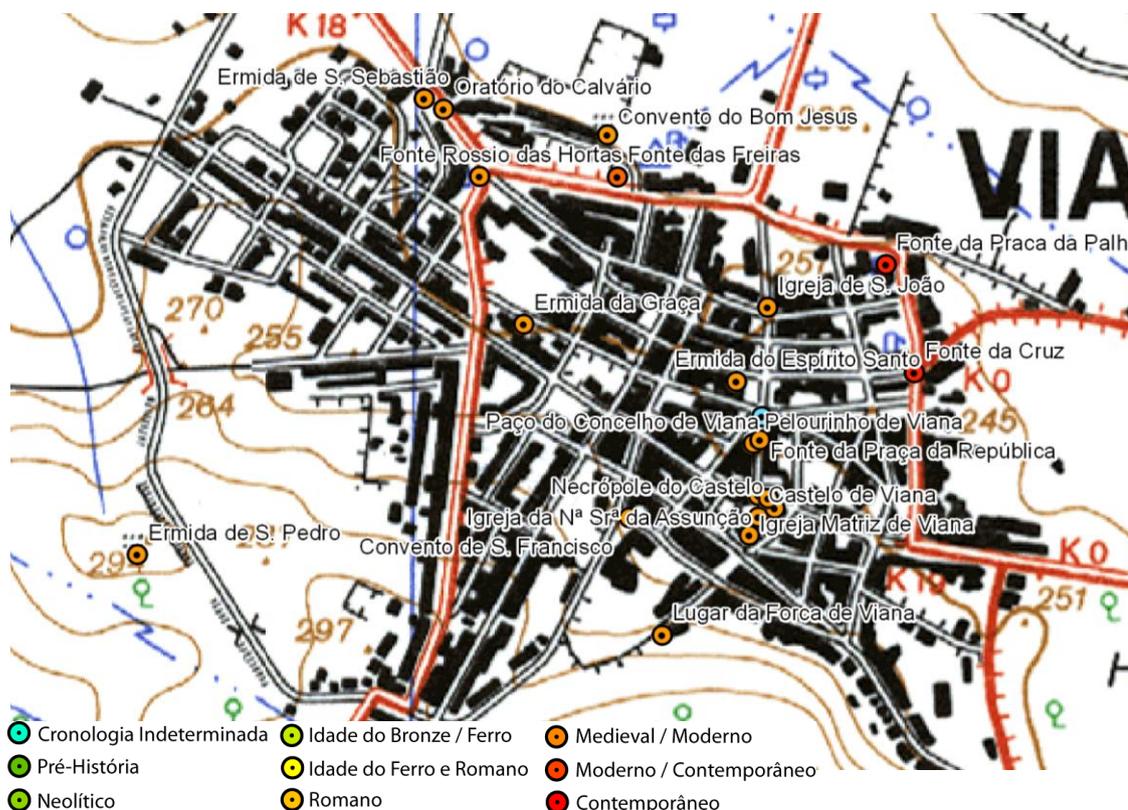


Fig. 29 – Vila de Viana do Alentejo com sítios assinalados, fragmento da CMP 479.

A vila de Viana do Alentejo apresenta uma maior concentração de sítios de interesse, por virtude de ser a localidade com mais relevo no concelho. Vários templos se encontram dentro do perímetro urbano e nas suas imediações. São estas: A Ermida de S. Sebastião (registo VA-0044) provavelmente da primeira metade do séc XVI embora se desconheça a altura da sua fundação e que sofreu obras em finais do século XVII e sucessivamente (Espanca, 1978, p. 445). O Oratório do Calvário (registo VA-0045), pequeno templete posterior a 1758, de planta circular, totalmente caiado de branco e cuja estrutura simbolicamente evoca o caminho do calvário. A Ermida da Graça (registo VA-0052), Hospital Civil e capela fundada em 1357 onde se



Fig. 30 – Ermida da Graça.

também anexou a Albergaria da Nossa Senhora ou dos Ovelheiros; foi incorporada na administração da Misericórdia no séc. XVI, período em que também sofreu obras de ampliação. a Igreja de São João (registo VA-0100) que já não existe e onde actualmente se encontra uma escola primária no seu lugar, embora o aterro em que assenta a escola e a área circundante poderá esconder ainda elementos arquitectónicos pertencentes à igreja. A Ermida do Espírito Santo (registo VA-0051), de provável fundação no séc. XVI, já em ruínas no ano 1700; lê-se a inscrição "ESTA CASA HE DO ESPIRITO SANTO" no seu lintel. A Ermida de São Pedro (registo VA-0043), de fundação desconhecida embora seja obra aparentemente manuelina e que se encontra em ruína (Espanca, 1978, p. 447).

Também dentro do castelo se podem encontrar mais três templos. A Igreja da Nossa Sr.^a da Assunção (registo VA-0099) encontra-se no interior do castelo, do lado esquerdo da porta principal. O portal é manuelino, no entanto, no interior encontram-se elementos anteriores, alguns possivelmente ainda românicos. Isto inclui uma janela entretanto tapada pela muralha, indicando que a igreja é anterior ao castelo. Em frente, do lado direito do portão, encontra-se a Igreja da Misericórdia (registo VA-0041). A Confraria da Misericórdia de Viana foi instituída em 1516. O portal e interior são manuelinos e é possível ver-se várias sepulturas nela contidas. Sofreu alterações com as obras de requalificação do castelo da DGEMN entre 1970-74 (Fig. 31).



Fig. 31 – Igreja da Misericórdia.

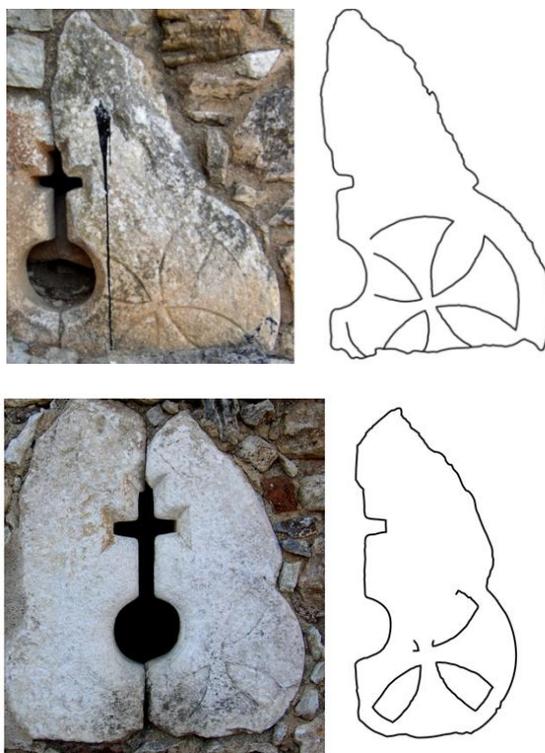


Fig. 32 – Portal da Igreja Matriz.

Encostada à muralha sul está a Igreja Matriz de Viana (registo VA-0012), de origens mais remotas. Em documento datado de 1269, D. Martinho, Bispo de Évora, reconhecia o direito a um quarto dos dízimos da denominada "igreja de Fochem". D. Dinis, cedeu a povoação e a igreja ao então infante D. Afonso, que a fez integrar nos bens de D. Beatriz de Castela, com a designação de Capelas de D. Afonso IV. No século XV, depois de pertencer a D. João de Bragança e os antigos Condes de Viana (família dos Meneses), voltou à posse da coroa. D. Manuel ordenou a sua reconstrução, de onde resulta o edifício actual, considerado um dos mais belos exemplos da arquitectura manuelina no sul do país (Fig. 32). A actual igreja é atribuída a Diogo de Arruda (Espanca, 1978, 416-427).

Entre a Igreja Matriz e a Igreja da Nossa Sr.^a da Assunção, junto à muralha, existe uma necrópole medieval / moderna (registo VA-0042). Contam os moradores da terra que em dias de chuva, são visíveis ossos num talude junto à Igreja da Misericórdia.

O Castelo de Viana (registo VA-0011) é já um caso mais singular. Pela sua estrutura, disposição e o facto de se encontrar a meia-encosta, não seria precipitado afirmar que é uma fortaleza desprovida de qualquer função militar. Em 1313, com a carta de foral a Viana do Alentejo, D. Dinis manda edificar uma "cerca de muro em que seia a villa de quatrocentas braças uma braça de espessura e altura tal que impedisse um cavaleiro montado de ferir com lança de nove côvados a quem estivesse entre as ameias", na qual teriam que ser rasgadas três portas, doando para a obra mil libras. Isto é frequentemente citado como a origem do castelo, no entanto, a fortificação actual não corresponde a esta intenção régia, pois a cerca dionisina provavelmente não chegou a ser construída e o castelo actual em nada corresponde ao mandato régio. Talvez seja obra de finais do século XV ou inícios do século XVI (Pais, 2004, pp.133-137).



Figs. 33 e 34 – Troneiras do Castelo de Viana.

O castelo também contém uma considerável quantidade de material reaproveitado. Entre vários elementos arquitectónicos, os mais evidentes são as estelas funerárias usadas nas troneiras das muralhas (Figs. 33 e 34). São todas manifestamente medievais e em forma de cruz orbicular. A presença das estelas nas muralhas, juntamente com a larga colecção de estelas semelhantes provenientes da necrópole no interior do castelo, poderá indicar que têm a mesma origem. Se a necrópole foi parcialmente destruída aquando da construção do castelo, e as estelas aproveitadas nesse período, será mais outra indicação para uma data de construção mais tardia do castelo.

Também existem em Viana dois conventos, o de S. Francisco e o do Bom Jesus. O convento de S. Francisco (registo VA-0029) é de origens debatidas, mas a Igreja, o principal elemento que hoje subsiste, parece datar de 1528 e era inicialmente uma instituição de um beatério destinado a senhoras idosas e pobres. O Convento do Bom Jesus (registo VA-0047) é outro caso singular na vila. Trata-se do único convento da ordem Hieronimita em Portugal (Fig. 35). Foi fundado em 1548, pertencente à Comunidade de Santo Agostinho que se integrou na Ordem Hieronimita. Tinha capacidade para mais de 60 freiras e foi encerrado em 1901, altura em que tinha apenas uma (Espanca, 1978, 427-435). Encontra-se hoje em estado lamentável e em perigo de ruir.

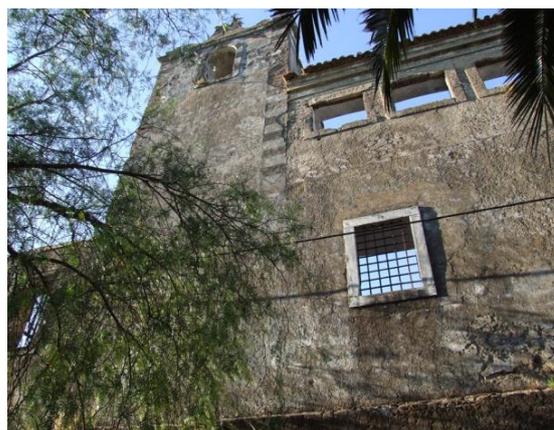


Fig. 35 – Convento do Bom Jesus.

Várias fontes também se encontram na vila, datáveis dos períodos moderno e contemporâneo. As fontes contemporâneas são a Fonte da Praça da Palha (registo VA-0049), construída em 1904, e a Fonte da Cruz (registo VA-0050), de 1898 e com sucessivas alterações.

Próximo do Convento do Bom Jesus encontra-se a Fonte das Freiras (registo VA-0048), construída no reinado de D. João V a pedido das freiras do convento para abastecimento do mesmo. Está hoje muito alterada, com elementos e estrutura do séc. XIX e com data de 1896. Deve-se ao facto de ter sido parcialmente demolida em

Setembro de 1820, durante uma grande seca que atingiu a vila e devido à discordância do povo por esta fonte servir apenas o convento.

A Fonte do Rossio das Hortas (registo VA-0046) é a única confirmadamente medieval, pois existem referências a esta fonte no reinado de D. Afonso V. No reinado de D. Manuel I, sofreu obras e foi-lhe colocado um escudo de armas. Abastecia os gados da colónia dos ovelheiros, conhecida desde a idade média (Espanca, 1978).

A Fonte da Praça da República (registo VA-0054) é também conhecida como Fonte da Renascença e erradamente designada como Fonte dos Escudeiros. Data provavelmente da 2ª metade do séc. XVI. Os baixos-relevos que nela figuram têm recentemente sido interpretados como uma dialéctica envolvendo a terra, a água, o sol e a árvore da vida. Nos quatro almofadados, que noutros tempos poderão ter contido outras figuras, estão inscritos os números de uma data. O almofadado central encontra-se há muito quebrado e tapado, mas os restantes deixam-nos com a legenda 1 [?] 9 7 (Baião, 2010, pp.16-17).



Fig. 36 – Fonte da Praça da República.

A Fonte é incorporada no edifício dos antigos Paços do Concelho (registo VA-0053). O edifício dos tem sofrido várias obras ao longo dos séculos e encontra-se muito alterado. Possui um brasão da vila na sua fachada com a data de 1683.

Dentro dos Paços do Concelho, encontra-se hoje a base e fuste do pelourinho de Viana (Fig. 37) (registo VA-0003), provavelmente uma base e coluna

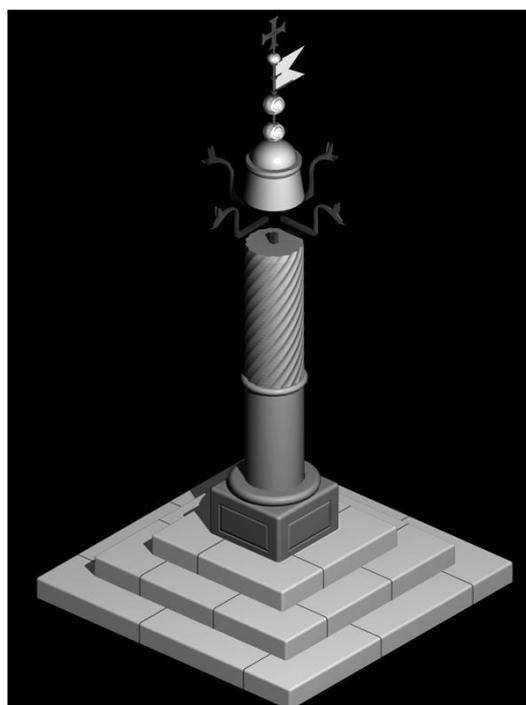


Fig. 37 – Pelourinho de Viana, Reconstrução 3D de Manuel Baião.

romanas reaproveitadas, que serviram durante muitos anos de pilar num alpendre do Matadouro Municipal. Parte do capitel, com as armas/empresa de D. Manuel foi identificado na torre do Convento do Bom Jesus (depois de um relâmpago ter destruído parte da argamassa que o cobria) enquanto que dois dos seus ferros encontram-se hoje incorporados numa varanda da vila, na Rua Teófilo Braga. O pelourinho fora erguido em consequência do foral novo de D. Manuel, em 1517 (Baião, 2003, pp. 9-19).



Fig. 38 – Os diversos elementos do Pelourinho de Viana até agora identificados.

Alto de S. Vicente

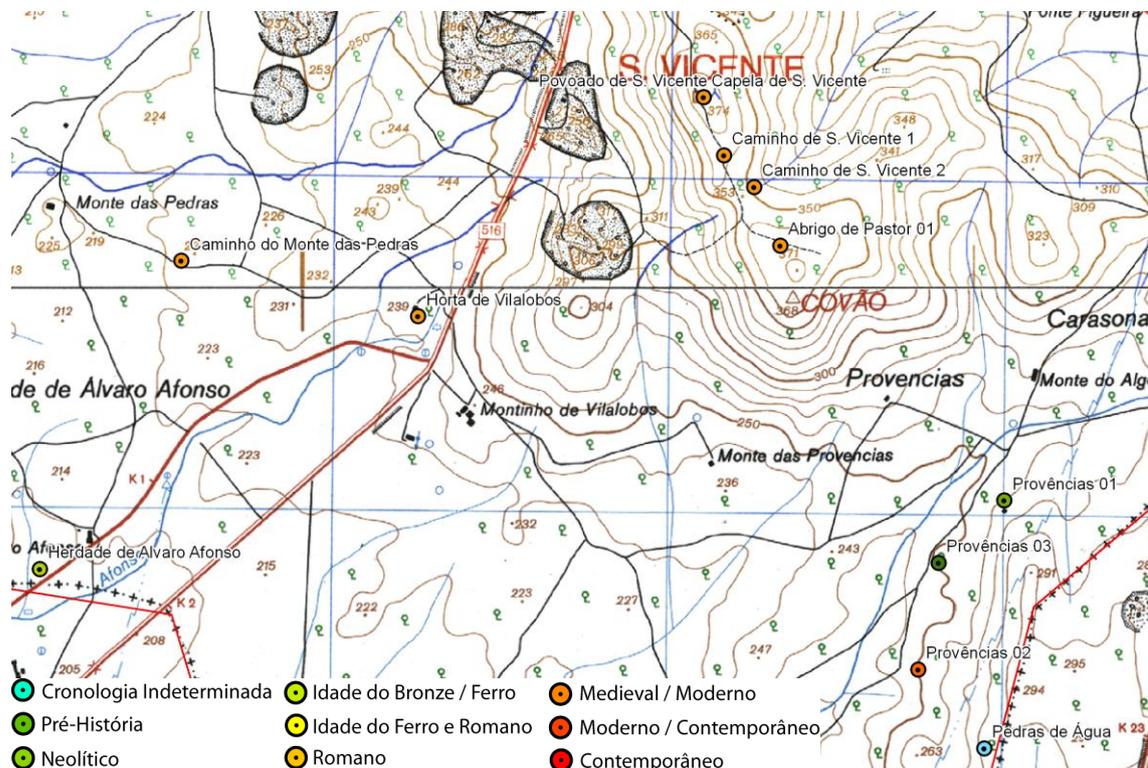


Fig. 39 – Alto de S. Vicente e zona circundante, fragmentos das CMP 479 e 488.

No alto de São Vicente existem evidências desde a Pré-História até à Idade Moderna. O local é tratado em pormenor no capítulo seguinte, portanto limitamo-nos aqui a uma análise mais superficial.

No ponto mais alto da elevação, a 374 m de altitude, encontra-se a Capela de S. Vicente (registo VA-0002), ermida que dá o nome a esta serra. É uma construção provavelmente do séc. XVII e encontra-se hoje em ruína. Conserva apenas parte da absida, muros e frontaria. É hoje encimada por um marco geodésico de 1ª classe instalado pela primeira vez em 1851, segundo Túlio Espanca, e alterado em 1944-62.

A presença da capela obedece à necessidade de cristianizar um lugar pagão, manifestado nos



Fig. 40 – Capela de S. Vicente com marco geodésico de 1ª classe.

inúmeros vestígios que indicam uma ocupação longínqua deste lugar. Vários vestígios já aqui foram identificados, no entanto, a maior expressividade da elevação parece apontar para uma presença forte durante a idade do ferro, na forma de um povoado fortificado de grandes dimensões (registo VA-0002).

A sul da elevação encontraram-se alguns vestígios materiais pré-históricos, incluindo utensílios em pedra lascada e polida na Herdade de Álvaro Afonso (registo VA-0072), e nos locais de Provências 01 (registo VA-0005) e Provências 03 (registo VA-0008).

Também se encontram vários sítios medievais e modernos nesta zona sul da Serra de S. Vicente. Para oeste da elevação existe uma calçada possivelmente medieval, assinalada como Caminho do Monte das Pedras (registo VA-0026). Trata-se de um caminho calcetado e lateralmente estruturado com cerca de 2 m de largura. Já o topónimo “Monte das Pedras” é bastante elucidativo da possibilidade de se encontrar por esta zona mais vestígios arqueológicos.



Fig. 41 – Caminho do Monte das Pedras.

Não muito longe, a sudoeste da elevação, encontra-se localizada a Horta de Vilalobos (VA-0095). Vilalobos é um topónimo medieval referenciado já no foral dionisino da vila. Neste terreno, próximo do monte, encontra-se um forno de tijolos construído em pedra argamassada e tijoleira, que já existia no séc. XVI (Espanca, 1978).



Fig. 42 – Forno da Horta de Vilalobos.

No local assinalado como Provências 02 (registo VA-0006) encontra-se uma pequena área quadrangular (aproximadamente 10X10m) delimitada por um muro com cerca de 1.5 m de altura, com umas secções em pedra e outras em taipa com fiadas separadas por pedra entaipada de pequenas dimensões. O muro delimita uma área

dedicada à apicultura e que teria contido recipientes para albergar as colmeias. Será provavelmente moderno ou talvez já contemporâneo.

A sudeste, já nos limites do concelho, está assinalado o local conhecido localmente como Pedras de Água (registo VA-0007). Trata-se de um afloramento rochoso onde, por vias de um fenómeno geológico, a água rebenta a cerca de 260 m de altura. Existe memória de uma pedra epigrafada, alegadamente com caligrafia árabe, neste local. Nenhuma das várias tentativas de a localizar tem tido sucesso até hoje. No entanto, é de salientar que existem vários topónimos de origem árabe nesta zona sul do Alto de S. Vicente. Estes incluem: Monte do Algozim, Herdade dos Alfanges e Horta das Almoínhas.



Fig. 43 – Pedras de Água com o Alto de S. Vicente no fundo da imagem.

Nossa Sr.^a d'Aires

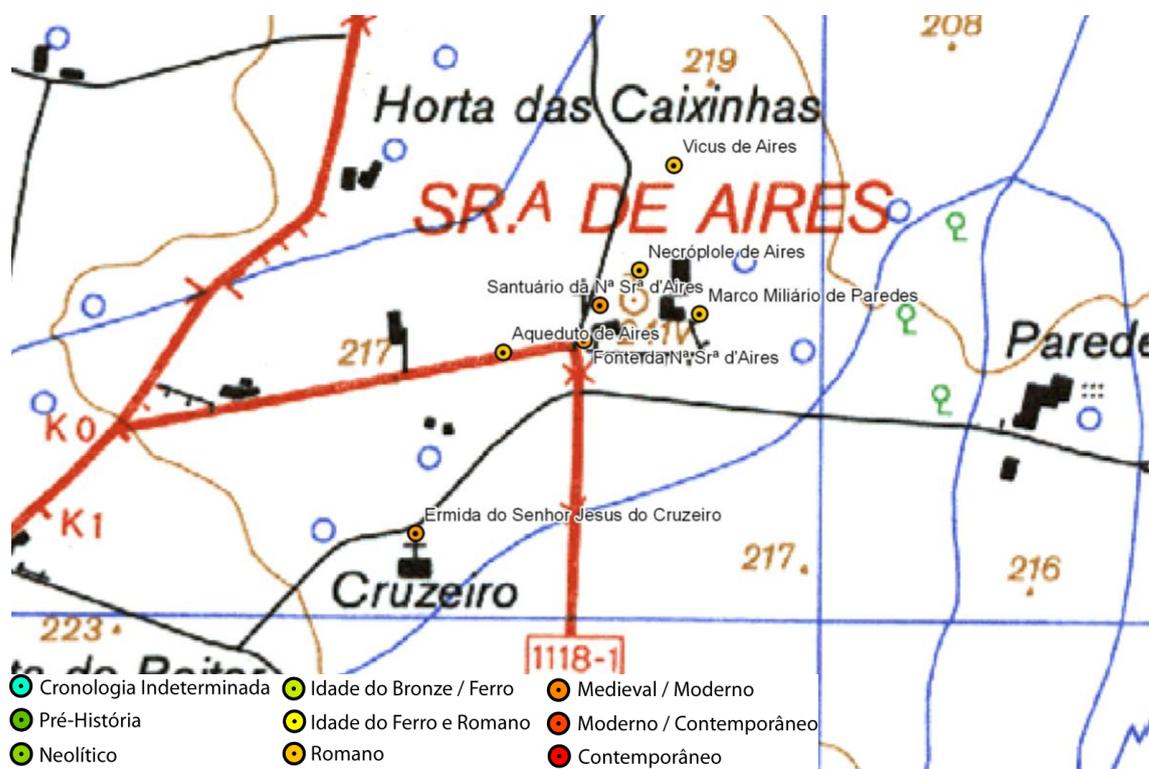


Fig. 44 – zona do Santuário da Nossa Sr.^a d'Aires, fragmento da CMP 479.

Finalmente apresentamos a zona do Santuário da Nossa Sr.^a d'Aires. Este é o terceiro local que será analisado em pormenor no capítulo seguinte, portanto limitemo-nos a uma apresentação superficial. Esta é uma zona que apresenta evidências de dois períodos principais: e o período moderno e a ocupação romana.

O Santuário (registo VA-0031) é considerado uma das mais importantes obras do Barroco no sul do país e a sua construção foi iniciada em meados do séc. XVIII. No interior encontra-se uma estátua da Virgem da Piedade, a imagem de Nossa Senhora a que o santuário é dedicado. Contém uma colecção de ex-votos verdadeiramente impressionante.

Junto ao Santuário existe uma fonte (registo VA-0034) com data de 1640 e a seguinte inscrição:

SONETO

SOV POR MEV CLARO NOME CONHECIDA
AQVI NESTA APRAZIVEL SOLEDADE
DOS GODOS TRAGO MINHA ANTIGVIDADE
E LEMBRA-ME DE HESPANHA SER PERDIDA
JA CHOREI LVSITANIA DESTRVIDA
E DE TREVAS CVBERTA A CHRISTANDADE
POSTO Q. AQVELLA INFAVSTA E TRISTE IDADE
DEIXOV MINHA CORRENTE REPREMIDA
AGORA Q.IA GOZO DOCEMENTE
DOS FRESCOS ARES DA DEVINA AVRORA
Q. SE OCVLTAVA A BARBAROS INDIGNOS
FESTEJO SVA LVZ RESPLANDECENTE
CORRENDO EM SEV LOVVOR CLARA E SONORA
BEBEI E DAI-LHE AS GRACAS PEREGRINOS

A sudoeste do Santuário encontra-se a Ermida do Senhor Jesus do Cruzeiro (registo VA-0037), datado do séc. XVIII.



Fig. 45 Badalquino do Santuário.



Fig. 46 Fonte do Santuário da N. Sr.ª d'Aires.

Em toda esta zona também se identificam vários materiais de origem romana. Com maior relevo, salienta-se um aqueduto (registo VA-0036), uma necrópole (registo VA-0033) e as ruínas de uma povoação, provavelmente um *vicus* (registo VA-0032), e um marco miliário (VA-0035). Estas evidências já são bastante elucidativas mas a presença romana neste lugar não se limita a estes sítios. Veremos estas e outras evidências novamente seguinte capítulo.

CASOS DE INTERESSE ESPECIAL

Nas secções deste capítulo, apresentam-se três casos particulares onde os vestígios arqueológicos os tornam particularmente interessantes: a ocupação proto-histórica e romana do Alto da Nossa Sr.^a da Esperança, a ocupação proto-histórica do Alto de S. Vicente e a ocupação romana da zona do Santuário da Nossa Sr.^a d'Aires.

Estes três sítios demonstram amplamente o potencial arqueológico do concelho e são os lugares mais propícios para eventuais investigações que se sejam realizadas no futuro. Os vestígios evidentes são diversos e muito expressivos, em comparação com os restantes locais apresentados neste trabalho. Justificam por si só, uma análise mais aprofundada das realidades que atestam.

Alto da Nossa Sr.^a da Esperança

Como já foi referido, no Alto da Nossa Sr.^a da Esperança (registo VA-0024) encontra-se o convento que dá o seu nome à elevação. O convento ocupa o ponto mais alto do alto e foi construído em meados do séc. XVI, tendo origem numa antiga ermida manuelina dedicada à Nossa Sr.^a da Graça, e foi fundado como casa dominicana. A sua comunidade nunca ultrapassou os 12 membros de hábito, segundo Túlio Espanca, e já se encontrava extinta em 1776 quando o convento e o seu terreno foram adquiridos por um tenente-general. (Espanca, 1978, p.504). Outras obras foram realizadas no convento depois de passar para mãos privadas, como atesta uma chaminé na traseira do edifício com a data de 1876. No claustro existe um bocal de cisterna em mármore com fundos sulcos rasgados pelas cordas usadas para retirar dela a água.



Fig.47 - Convento da Nossa Sr.^a da Esperança.

A Ermida do Senhor da Pedra, defrontada pelo arco em tijoleira que marca o limite da cerca conventual, e a Fonte de S. Gonçalo completam o conjunto religioso neste local.

O nome Ermida da Pedra é tradicionalmente atribuído ao facto de ter havido neste local um cruzeiro, cujo fuste e capitel hoje se encontram dentro da capela. No entanto, existe em grande proximidade a notícia do já referido registo denominado Pedra da Anta. É uma referência georreferenciada de uns antigos registos de serviços regionais de cultura mas cuja proveniência já é incerta. A referência não se encontrou, até agora, duplicada noutros locais e, infelizmente, vestígios da anta não foram ainda confirmados no terreno (Espanca, 1978).

No entanto, são outras evidências que agora nos chamam para este local. Os vestígios antigos que aqui se encontram, são há muito conhecidos e alguns, segundo a memória, estendem-se para a elevação vizinha, o Cebeço do Lobo. Em 1743 o padre

dominicano Frei Francisco de Oliveira descobriu nas fundações da capela dos Reis uma cupa romana com a inscrição:

D.M.S.
LAMA XXXV
I.C.T.L.A.E.S

Esta ara esteve depois no santuário e, posteriormente, no pórtico da respectiva igreja. Em 1890, José Leite de Vasconcelos mandou recolhê-la para o espólio do Museu de Arqueologia e Etnografia de Belém (Espanca, 1978, p.506).

Túlio Espanca fala em “volumosas construções castrenses e do domínio romano” neste local. São referidos achados em forma de moedas de bronze, prata e ouro, objectos metálicos, cerâmica e vidros.

Esta presença “castrense” é ainda hoje evidente em todo o local em forma de materiais e estruturas facilmente identificáveis nas encostas da elevação. Também os vestígios romanos são claros, embora parecem ter sido mais abundantes em anos anteriores no topo do alto, uma realidade talvez resultante de campanhas de limpeza do sítio.

No topo da elevação e nas encostas, é possível identificar alguns fragmentos de cerâmica comum, provavelmente de origem romana, também como alguma cerâmica de construção. O mais expressivo deste material é sem dúvida os vários fragmentos de *tegulae* que estão dispersos pelo alto e que se encontram com alguma regularidade.

Para além dos materiais romanos, também se encontra alguma cerâmica datável à idade do ferro nas encostas. A sua incidência é especialmente marcada ao longo da encosta leste. Também nas encostas se verifica uma grande quantidade de pedra de pequenas e médias dimensões provenientes de construções anteriores.

Os vestígios que mais saltam ao olho do arqueólogo são as fortes e expressivas linhas de muralha visíveis à superfície. Uma destas é claramente evidente durante uma extensão surpreendentemente longa. A Fig. 48, na página seguinte, assinala os principais elementos no alto da Nossa Sr.^a da Esperança, incluindo as linhas de muralha do antigo povoado.

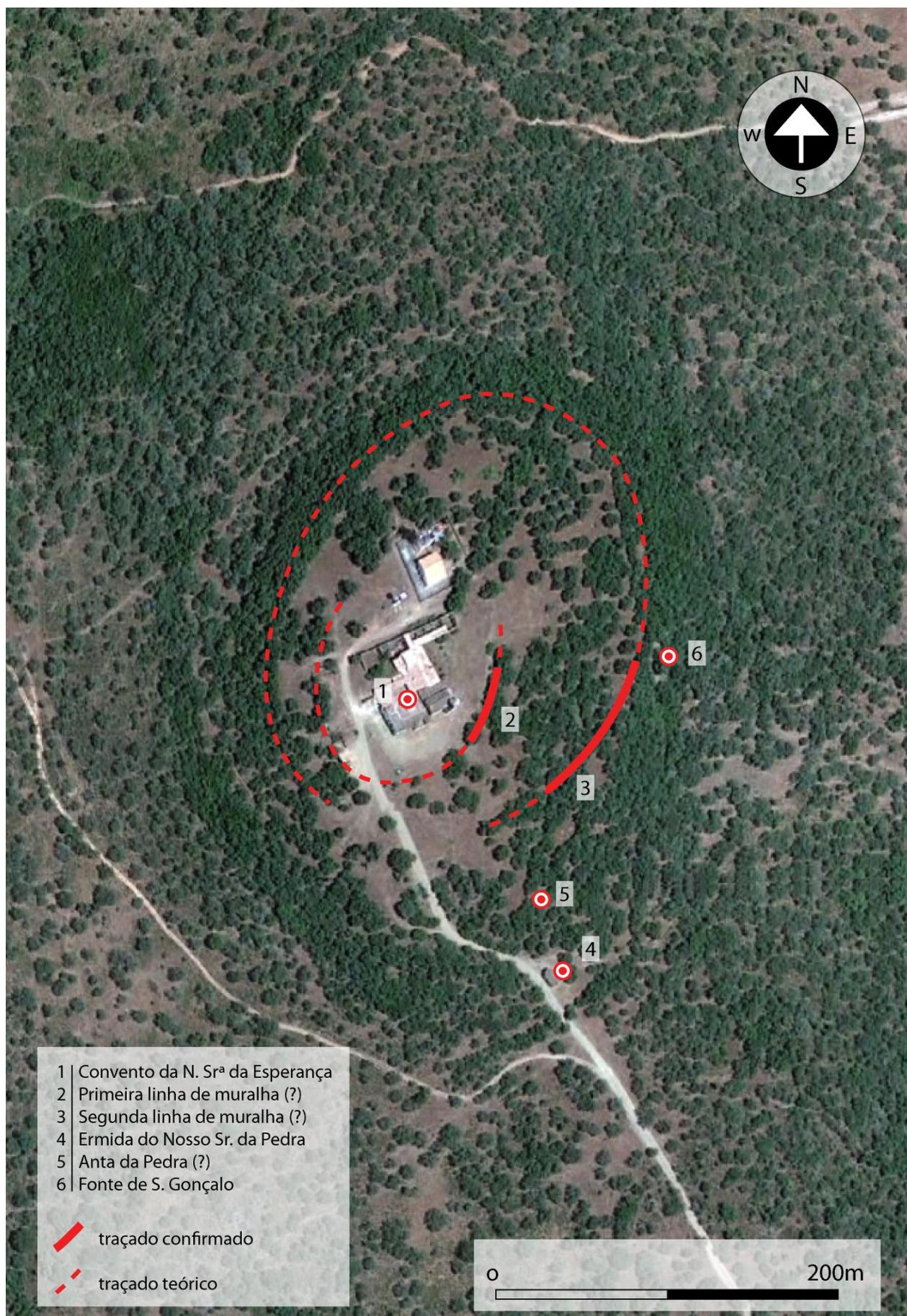


Fig. 48 – Vista aérea da zona do Alto da Nossa Sr.ª da Esperança com locais de interesse assinalados.

Na página anterior, vemos os principais pontos patrimoniais, juntamente com a localização dos vestígios de muralhas da Idade do Ferro. Está assinalado o traçado confirmado destas muralhas *in situ* juntamente com o traçado teórico que poderiam seguir. A marcação do traçado teórico fez-se com base na análise dos declives e taludes visíveis na encosta e a sugestiva disposição de linhas de árvores.

O que aparenta ser a primeira linha de muralha está hoje mais escondida por virtude de se encontrar na zona mais mexida da elevação. No entanto, é possível avistá-la próximo da torre do actual convento. O seu traçado é hoje incerto, mas indica-se uma possibilidade na Fig. 48 com base no terreno e na disposição das árvores que, muitas vezes, favorecem as construções humanas para assentar as suas raízes.

Podemos também verificar que o talude da presumível segunda linha de muralhas existe aparentemente em redor de toda a elevação. É apenas interrompido pela estrada actual que dá acesso ao convento. Toda a zona está repleta de pedra proveniente do desmoronamento das muralhas. Também se verifica uma quantidade considerável de cerâmica comum. Embora esta linha pareça certamente continuar em todo o redor, o restante traçado teórico não foi confirmado no local por motivos de limitação de tempo e dificuldades inerentes à vegetação e terreno. No entanto, as evidências observadas não deixam em dúvida a natureza dos vestígios (Fig 49).



Fig. 49 - Vestígios de fortificações.

Durante uma extensão de várias dezenas de metros, é claramente visível parte da face exterior desta muralha. É construída em pedra seca, com pedras de pequenas e médias dimensões encaixadas umas nas outras de modo a construir uma estrutura bem consolidada. A largura das muralhas deverá rondar 2,5 m e, segundo a quantidade de material de construção que é possível observar *in loco*, seriam fortificações fortes e certamente imponentes.

Na Fig 50, é possível ver o aspecto actual de vários pontos ao longo do percurso destas estruturas. Como as imagens amplamente demonstram, as muralhas encontram-se à mão de semear e facilmente detectáveis.



Fig. 50 - Estruturas defensivas no Alto da Nossa Sr.ª da Esperança.

O perfil dos taludes resultantes da presença da segunda linha de muralhas também indica como estas condicionavam, e ainda condicionam, o espaço. Dentro do seu perímetro, junto às muralhas, o terreno é plano, criando um efeito semelhante ao de um socalco. No que corresponderá à face interior da muralha confirma-se a presença de um pequeno alto ao longo do seu percurso, confirmando o que já se suspeitaria, que a muralha era mais alta do que o terreno no seu interior.

Deste ponto, o seu desmoronamento resulta num declive mais ou menos regular, de sensivelmente 35°, onde é visível uma quantidade muito grande de pedra de construção. No fim do talude, onde este se junta ao declive natural da elevação, encontra-se então a visível face exterior da muralha (Fig. 51). Este perfil ocorre em quase toda a extensão do troço confirmado.

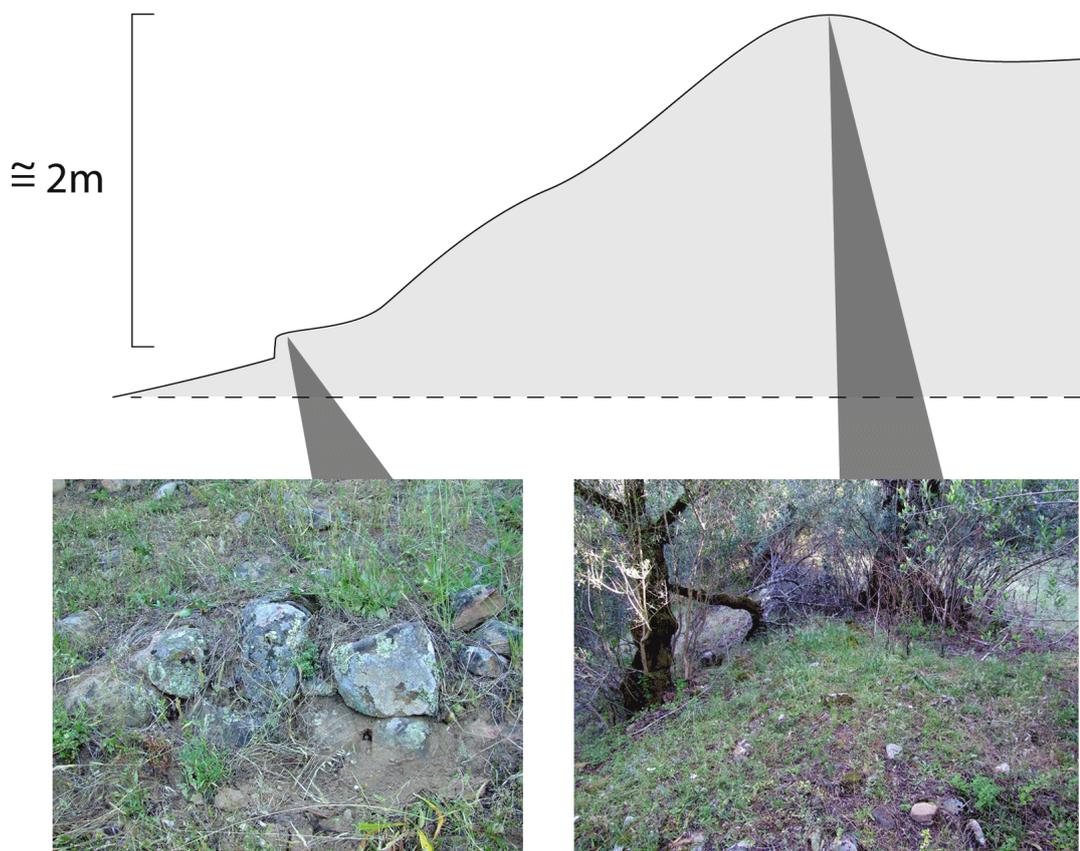


Fig. 51 – Perfil de talude e vestígios de fortificações.

Para além do material cerâmico disperso por esta zona. Foi também possível encontrar um fragmento de mó manual (dormente) em granito junto à segunda cintura de muralha. Apesar do grão grosso do granito em questão, a face côncava encontrava-se bastante polida.



Fig. 52 – Mó manual em granito.

Com todos estes vestígios, torna-se evidente a importância e significado arqueológico deste local no panorama geral da região. É o local mais expressivo conhecido em toda a freguesia de Alcáçovas e um dos mais importantes em todo o concelho. Apenas se conhece outro local pré-romano com expressividade comparável a este, o Alto de S. Vicente.

Alto de S. Vicente

Imediatamente a sul da vila de Viana do Alentejo encontra-se o Alto de S. Vicente. Este é o ponto dominante do território envolvente. Com um ponto alto a 374 m de altitude e outro, a meio quilómetro em direcção a sul/sudeste, com uma altitude de 371 m, não existe outra elevação comparável em todo o concelho. É uma posição que garante um domínio total da paisagem envolvente e de onde é possível uma vista muito extensa sobre o território (Fig. 53).

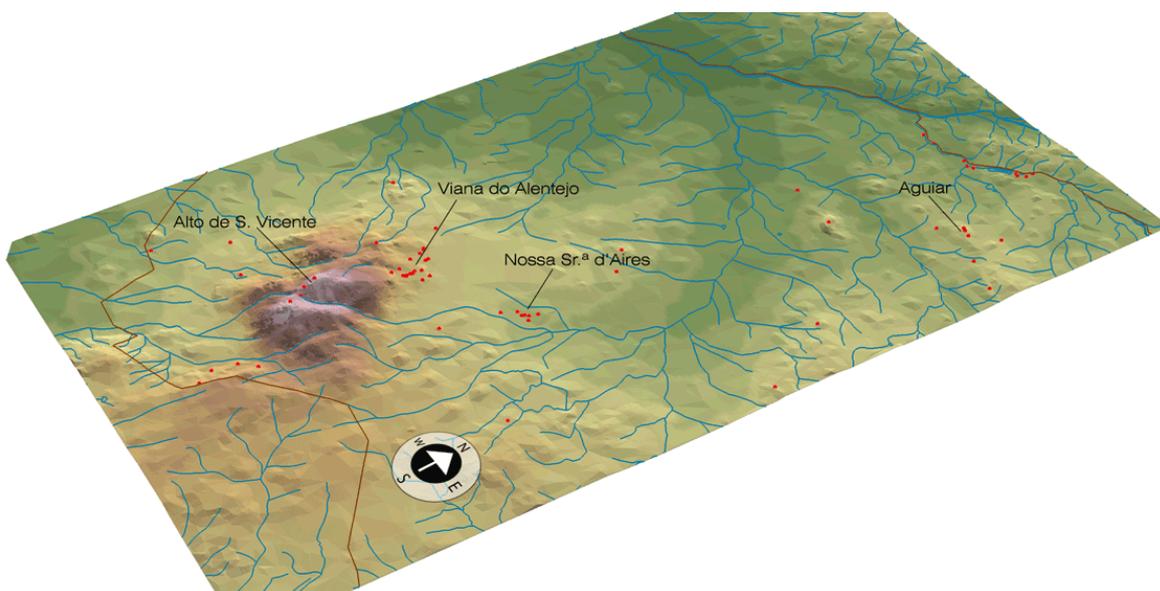


Fig. 53 – Modelo tridimensional de uma faixa de território que abrange as áreas mais importantes das freguesias de Viana do Alentejo e Aguiar.

No topo do ponto mais alto, encontramos hoje a já referida ruína da Ermida de S. Vicente, capela construída no séc. XVII. Em meados do séc. XIX encontrava-se já em ruína, pois em 1851 foi construído um marco geodésico de 1ª classe em cima da estrutura (Espanca, 1978).

Também neste alto é ainda possível ver vestígios de dois caminhos calcetados medievais. Um deles liga os dois pontos altos da elevação, atravessando o pequeno “vale” no meio, enquanto que o outro parte deste vale e desce a encosta em direcção a noroeste. Ambos os caminhos são lateralmente estruturados com pedras de maior dimensão do que as da calçada. O primeiro tem troços relativamente bem conservados, enquanto que o segundo encontra-se já mais destruído.

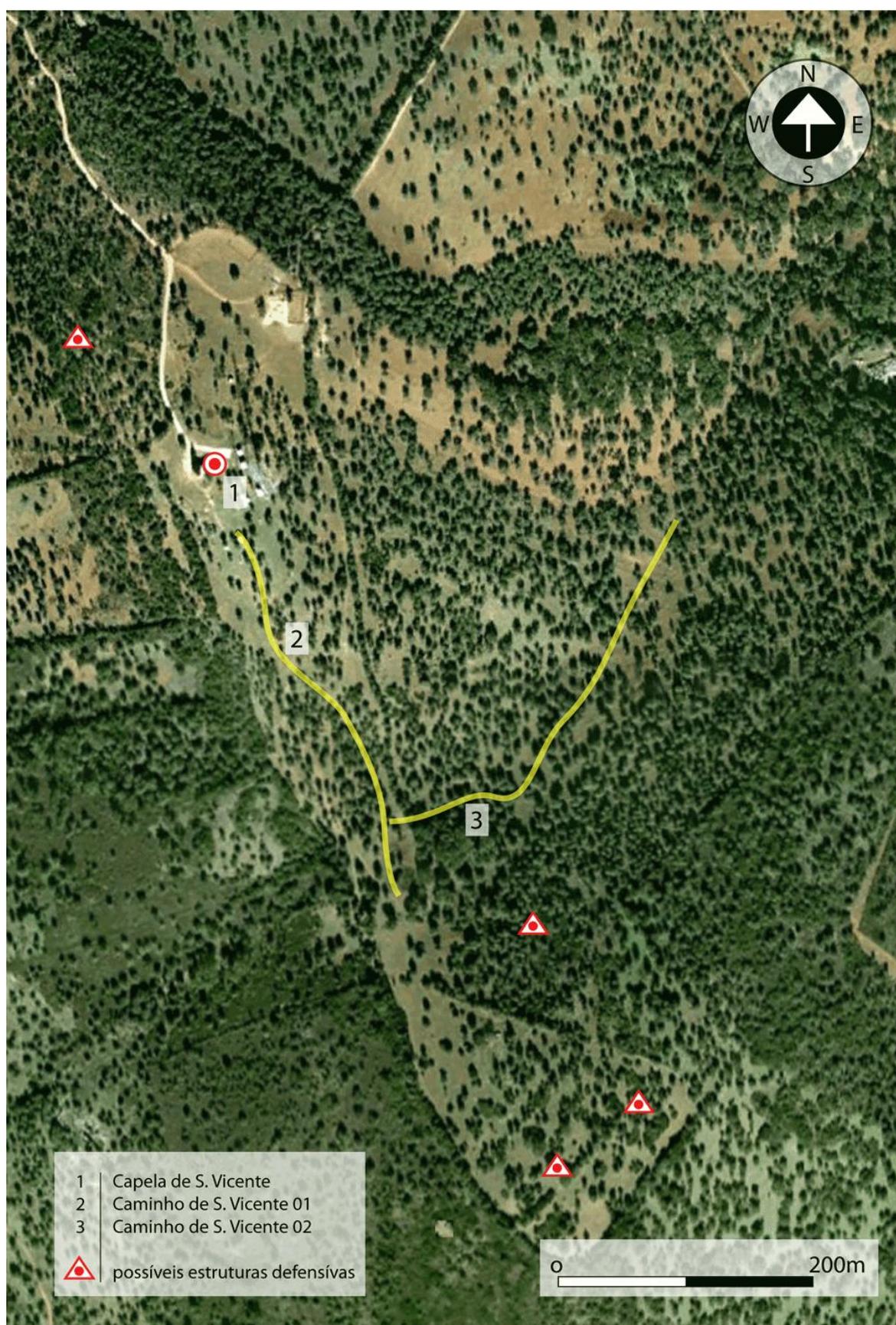


Fig. 54 – Vista aérea do Alto de S. Vicente com locais de interesse assinalados.

Para além destes vestígios medievais/modernos, existem ainda outras evidências muito anteriores. Nas encostas e nos dois pontos altos encontram-se algumas estruturas que aparentam indicar a presença neste local de um grande povoado provavelmente da Idade do Ferro. Talvez possa ser ainda mais antigo, com ocupação da Idade do Bronze ou mesmo anterior, reforçada ainda pela informação apresentada em capítulos anteriores de três achados isolados pré-históricos a sul da elevação, junto à sua encosta, e outros encontrados no topo da elevação.

As estruturas identificadas são construídas em pedra seca e algumas apresentam dimensões consideráveis. A destruição das estruturas que uma vez ocuparam este local é também evidente. Por toda a elevação se encontra uma quantidade surpreendente de pedra proveniente das construções anteriores. A presença de tal quantidade de material de construção dificulta por vezes a leitura do terreno, por ocultar grandes porções dele. No entanto, alguns troços de estruturas, aparentemente defensivas, ainda se podem encontrar conservadas o suficiente para meditarmos acerca da sua função.

Na imagem da página anterior (Fig. 54) estão assinalados quatro pontos específicos onde se podem encontrar algumas destas estruturas. Um encontra-se na encosta noroeste a caminho do ponto mais alto, onde se encontra a capela. Trata-se de uma estrutura a meia-encosta, aparentemente de planta semi-circular (Fig. 55) e que aproveita o afloramento rochoso do local para parte dos alicerces. Em redor deste sítio é também possível identificar pequenos troços menos expressivos pela sua degradação (Fig. 56).



Fig. 55 – Possível estrutura semi-circular.



Fig. 56 – Troço de estrutura.

A sudeste, no segundo ponto alto, também se encontram três pontos assinalados que correspondem a algumas estruturas semelhantes. Deste conjunto, aquele localizado mais a norte corresponde a uma acumulação de pedra de pequenas e médias dimensões que parece indicar a presença de uma estrutura pequena de forma circular e com cerca de 3 m de diâmetro.



Fig. 57 – Estrutura circular.



Fig. 58 – Estrutura em pedra seca.



Fig. 59 – Estrutura em pedra seca.

Mais a sul, encontram-se outros dois exemplos assinalados. Ambos são troços de largos muros (muralhas?), em pedra seca e com cerca de 2 m de largura. Encontram-se ainda relativamente bem estruturados. Um destes troços apresenta-se com 7 m de comprimento. Devido ao desmoronamento destas estruturas, existem concentrações de moroiços em grande proximidade e por vezes em alinhamento com elas.

Material de construção cerâmico é relativamente escasso no Alto de S. Vicente, com a exceção da zona em redor da capela. Para aquela que se encontra não é possível atribuir uma cronologia, visto que os fragmentos são pequenos e já muito rolados. No entanto, na encosta oeste encontrou-se o que poderá ser um fragmento de *tegula* (Fig. 60), este também muito fragmentado e desgastado. Até ao momento é o único fragmento de material construtivo possivelmente romano encontrado neste local

Para além deste fragmento, existe ainda outra evidência romana, uma moeda encontrada em 2004 nas imediações da capela (Fig. 61). É uma moeda de Arcadius, imperador do Oriente e irmão de Honorius, imperador do Ocidente. No anverso mostra a efígie do imperador com a legenda DN ARCADIVS PF AVG e no averso uma figura do senador com um estandarte na sua mão direita e um globo na esquerda, rodeado da legenda GLORIA ROMANORVM. Debaixo desta figura encontram-se as letras ANTB, a sigla de Antioquia, o seu local de cunho. Em comparação com moedas semelhantes já conhecidas, foi possível determinar que foi cunhada entre 393 e 395 d.c. Em relação a este achado, é ainda necessário deixar a observação de que a presença romana neste local continua longe de comprovada, dado que, para além de ser uma moeda já bastante tardia, moedas deste género foram usadas durante toda a idade média e até na idade moderna.

Em termos de material cerâmico, ele encontra-se por toda a elevação com alguma regularidade, sem haver nenhum local detectado com maior incidência. Este material abrange desde cerâmica atribuível à Idade do Ferro, cerâmica medieval e cerâmica vidrada moderna.

Existem ainda dois elementos cerâmicos idênticos em forma de cilindro com pouco mais de 5 cm de comprimento cada um (Fig. 62). São feitos de uma pasta alaranjada com grande quantidade de elementos não plásticos. A sua função é ainda



Fig. 60 – Possível fragmento de *tegula*.



Fig. 61 – Moeda de Arcadius.

desconhecida, mas talvez de trate de algo com a função de apoio, visto que existe mais do que um, de dimensão igual.

Juntamente com o material lítico pré-histórico encontrado a sul do Alto de S. Vicente, também no topo de elevação se encontraram, em 2004, um fragmento de pedra polida, provavelmente um machado, e um núcleo de quartzito.

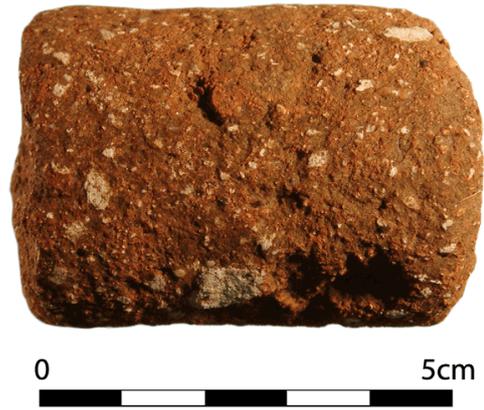


Fig. 62 – Cilindro cerâmico.

O Vicus d'Aires

A Documentação

O local onde se encontra o actual Santuário da Nossa Sr^a d'Aires é há muito conhecido pelos vestígios arqueológicos que nele abundam. O Santuário em si encontra-se a cerca de 1300 m para este/nordeste da vila de Viana e é considerado um ex-líbris do Barroco Alentejano do séc. XVIII. O templo actual (Fig. 63) é da autoria do Padre arquitecto João Baptista (com obras entre 1743/1760) e que substituiu a igreja primitiva (talvez medieval). A decoração interior tem origem, maioritariamente, no séc. XIX. Possui um baldaquino de talha dourada onde se encontra uma pietà ou Virgem da Piedade que é a imagem de Nossa Senhora d'Aires, em pedra de ançã de cor clara, policromada, do século XV. (Espanca, 1978). A Casa dos Milagres e as dependências que circundam a capela-mor exibem uma grande quantidade de ex-votos populares. O mais antigo ex-voto data de 1735, anterior ao actual Santuário, e os mais recentes do séc XX.



Fig. 63 – Santuário da Nossa Senhora d'Aires.

Não obstante a singularidade do templo, o que aqui nos interessa é a área que circunda o Santuário e a zona conhecida como a Herdade das Paredes. Como o próprio nome da herdade indica, a presença de estruturas arqueológicas e material de construção é manifesta. Os vestígios são de origem romana e objecto de interesse desde meados do séc. XVIII. Contudo, a primeira verdadeira investigação de natureza arqueológica neste local foi realizada pelo erudito José Leite de Vasconcelos quando visitou o local a convite de, e após alguma correspondência com, um natural da vila e interessado por história e etnografia, José Albino Dias. Os resultados desta visita foram divulgados num artigo intitulado “Antiguidades de Vianna do Alemtejo” publicado no *Arqueólogo Português*, Vol IX, de 1904; p 271-297.

Neste artigo são citadas as fontes do séc. XVIII que falam das antiguidades descobertas em torno do local do Santuário aquando da sua construção. A demolição do templo antigo teve início em 29 de Abril de 1743 e a abertura do terreno para a construção do novo edifício a 5 de Outubro (Espanca, 1978, p.449). É citado um “Livro manuscrito existente no Archivo das Religiosas do Mosteiro do Bom-Jesus de Vianna do Alemtejo” com data de 1744 e que menciona, entre outras coisas, o achado da Imagem da N^a Sr^a por Martim Vaqueiro, fundador da Igreja, que ao lavrar o terreno achou com o arado “aquelle thesouro, que alli tinha escondido a piedade dos Monges de Arens, cujo mosteiro estava no termo d’Alvito, no sítio em que hoje está o de S. Francisco.” Este nome de “Arens” é por vezes citado como a origem do topónimo de Aires. No entanto, parece uma possibilidade improvável, tendo em conta que esta é uma lenda comum a muitos Santuários, como o próprio J.L. Vasconcelos aponta numa nota de rodapé na página 275 do seu artigo. Será uma teoria sem fundamento histórico genuíno. Outras origens se podem procurar, até com algum fundamento arqueológico, para o topónimo de Aires, uma das quais se apresentará mais adiante.

O mesmo Livro Manuscrito refere notícias arqueológicas que correspondem a umas referências também encontradas no primeiro volume, página 409, do *Diccionario Geographico* do Padre Luís Cardoso datado de 1747. Estas notícias referem-se a sepulturas e inscrições romanas descobertas no local.

As seguintes inscrições são listadas no Livro Manuscrito e também, embora com alguns erros segundo J.L. de Vasconcelos, no *Diccionario Geographico*:

I·D·CAS·SELSA

FLORENTIS D·D

D·M·S

MVSA VIXIT ANN. LX

LIVIA LIBERATOS :::

H·I·M·S

S·T·T·L

O artigo também faz referência à presença de cupas que, no Livro Manuscrito são descritas como lápides de “forma e feitio de huma pipa, porém mociça” (Vasconcelos, 1904, p. 276).

Uma destas lápides tinha a inscrição:

D·M·S

DIGNITAS ::: VIXIT ANN · XXV

CRVSERUS MARITVS POSUIT

H·S·E·S·T·T·L

É feita ainda mais uma referência a uma obra existente na Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa (gab 5º, est 13, n.º23) intitulada Collecção de Monumentos Romanos de Frei Vicente Salgado onde, na página 40, fala acerca de uma possível estátua de Marte, também descoberta no séc. XVIII, muito provavelmente proveniente da Herdade das Paredes.

Túlio Espanca, na sua análise arquitectónica exaustiva, analisa os dois cipos romanos que ainda hoje se podem apreciar a ladear o adro do Santuário. Foram descobertas também nas obras de abertura dos alicerces em 1743 e incorporados no novo templo pouco antes de 1758, numa interessante diacronia entre rituais separados pelo tempo e unidos pela geografia. A transcrição das suas inscrições no *Inventário Artístico* tem alguns erros, porém, devido à sua boa conservação é possível fazer-se a sua leitura no local. No cipo que assenta no lado esquerdo do muro que circunda o adro, encontra-se a inscrição:

D·M·S·C

MARIA EVPREPI

A QVAE FATE

CONSESSERV

NT VIVERE A

NIS XXXXV BEN

EMERENTI MO

DESTVS CONIV

GI SVE POSVIT

Traduzida diz: Consagrado aos deuses Manes, Maria Euprepia, a quem as fadas concederam a viver 45 anos. Modesto colocou à sua conjugue. No cipo que assenta na extremidade direita do adro, lê-se:

D·M·S
MARIVS
LETOIDES
VIXIT
ANNIS
LXXXV
H·S·E·M·S·T
T·L

Que se traduz como: Consagrado aos deuses manes, Mário Letoides, viveu 85 anos. Aqui está sepultado, morto, que a terra te seja leve.

A visita de Leite de Vasconcelos a Viana do Alentejo deu-se em Outubro de 1901 e levou “vários objectos para o Museu Ethnológico” a seu cargo (Vasconcelos, 1904, p.271). Acerca do sítio, fala de “numerosos restos de alicerces antigos – d’onde o nome de Paredes dado ao sítio” e onde se encontram fragmentos de ânforas e dolia, tegulas e imbrices, opus signinum, moedas romanas, escórias de fornos de olaria, e canos. Diz que “um dos alicerces é mesmo muito grande, pois mede 150 metros de comprimento e 1,68 de largura, estando a pedra que o constitui ligada com argamassa duríssima; temos aqui certamente um troço de muralhas.”

Não está claro se a estrutura que é citada como muralha é na realidade um troço de aqueduto em pedra e *opus caementicium*, que ainda hoje é visível nas imediações do santuário, ou se se trata do mesmo registo mencionado pelo Félix Alves Pereira, que visitou o local no ano seguinte, 1902, citado como muralha noutra secção deste mesmo artigo.

Outros materiais arqueológicos, para além de elementos de construção, também foram alvo de interesse. Fala-se de uma moeda encontrada por volta da altura da visita, moeda esta que classifica como sendo provavelmente do séc. IV. No anverso era

possível ler-se ainda “F AV” que será o que restava da legenda P[IVS] F[ELIX] AVG[VSTVS] e, no verso, uma figura de pé com um globo na mão direita e parte da legenda “RE” ou “REIP”, interpretada como REPARATIO REIPUBLICAE, com recurso a exemplares semelhantes. Refere ainda outras moedas encontradas no local com as legendas: (anverso) DN MAG MAXIMVS P F AUG / (verso) REPARATIO REIPVB, e (anverso) GRATIANVS / (verso) REPARATIO REIPVB, dos imperadores Magnus Maximus e Flavius Gratianus respectivamente, ambos imperadores do conturbado séc. IV.

A visita de J. L. de Vasconcelos não se prendeu pela zona do Santuário. Visitou também a vila de Viana onde lhe foram apresentados outros vestígios, Numa casa da vila estava guardado um capitel romano de mármore e, já noutra casa, encontrou uma coluna de mármore de 2.36m de altura. Ambos exemplos terão sido trazidos da N^a Sr^a d’Aires.

No castelo identificou um cipo romano de mármore (107 cm X 55 cm X 27 cm) que, trabalhada para o efeito, servia de parte de uma das “seteiras” como lhes chamou, embora sejam correctamente designadas como *troneiras cruzetadas*, na torre que se encontra por cima do Penedo Escorregadio (zona hoje aterrada, pois o penedo já não é visível). O cipo teria volutas com rozetas, uma das quais relativamente intacta, e uma *patera* lateral. A face onde provavelmente estaria o *praefericulum* foi cortada para nela se esculpir metade da dita troneira. Era este um cipo raro por ser totalmente anepígrafo. (Vasconcelos, 1904, p.280).

J. Albino Dias chegou ainda a oferecer, para o Museu Ethnológico, uma ânfora de barro vermelho encontrada noutra local, conhecido como Herdade do Palanque, localizado a 1000 m para oeste da actual vila e 3300 m para oeste da N^a Sr^a d’Aires.

No ano a seguir a esta primeira visita, 1902, foram descobertas algumas sepulturas de inumação junto ao Santuário quando foram feitas algumas obras no local. Fez-se então um “reconhecimento arqueológico do local” que é relatado na segunda parte deste mesmo artigo do Arqueólogo Português, desta vez por Félix Alves Pereira.

As sepulturas encontravam-se na zona imediatamente a norte do Santuário. É citada a presença de grandes quantidades de *tegulae*, tijolos quadrantes e fragmentos de

opus signinum (alguns de grandes dimensões). É feita referência a uma realidade que, até visto, não se consegue averiguar hoje no terreno que poderá corresponder à observação feita em 1901 por J. L. de Vasconcelos: “em um ponto, a atravessar a ribeira, subsistem ainda ruínas de larga muralha de alvenaria, rijamente argamassada; em outro, vêm-se trechos de envasamento de largas construções circulares, como torres (Pereira, 1904, p.283).

As várias sepulturas identificadas incluíam uma sepultura de criança, com lajes de mármore laterais, cabeceiras de *tegulae* e *lateres*, e fundo e tampa de mármore. O esqueleto era acompanhado de uma moeda identificada apenas como “imperial”. Havia também uma sepultura estruturada em tijoleira cujo enterramento era acompanhado de uma jarra com um “monograma” gravado com letreiro em nexo (Fig. 64). Segundo a interpretação dos autores, isolam-se as letras “T, I, A, L, N” que poderão representar um nome semelhante a LATINA, NATILIA, TILIANA, etc.

Outros elementos foram identificados, como um plinto de estátua (Fig. 65) epigrafado com a legenda:

BONO
REIP (VBLICAE)
NATO

P289: A fórmula desta inscrição, em comparação com semelhantes inscrições já datadas no *Corpus Inscriptionum* de Emilio Hubner, parece indicar que a pedra será do séc. IV, contemporâneo de muitas das moedas identificadas no local. (Pereira, 1904, p.289)

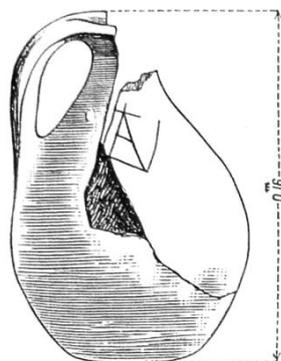


Fig. 64 – Peça com monograma.



Fig. 65 – Plinto de estátua.

in: Vasconcelos e Pereira, 1904, pp.286 e 288.

Encontraram-se ainda: um pequeno capitel em mármore com simples decoração vegetalista e provavelmente de período de decadência do império romano ou já visigótico; um fuste de coluna em mármore com 32 cm de diâmetro; um sarcófago monolítico em mármore com 2 m de comprimento e 58 cm de altura; um elaborado capitel jónico também em mármore, de período tardio e proveniente da zona da povoação e não da necrópole; três exemplares de *acus* (alfinetes de roupa ou cabelo) dobrados de modo a criarem uma espécie de fíbula simples; e uma sepultura fechada com dois tijolos de grandes dimensões (84 cm X 56 cm), cuja cabeceira era composta por um fragmento de uma pilastra canelada.

Túlio Espanca também relata, na página 449 do vol. IX do *Inventário Artístico de Portugal*, os diversos vestígios encontrados nesta zona, com algum recurso ao artigo supracitado. Apresenta também a informação de achados de moedas de Traianus e Marcus Aurelius, do séc. II, e ainda de duas cupas encontradas nos montes de Ceiceiro e Teixeira que, de acordo com a tradução oral dos locais, terão sido levados da zona da N^a Sr^a d'Aires. Feitos em calcário regional, um, que seria de sepultura de criança, encontrava-se muito danificado, e o outro terá servido de apoio a um portão. Não se conhece hoje o paradeiro de um ou outro mas podemos ainda reproduzir os seus registos fotográficos (Figs. 66 e 67).



Fig. 66 – Cupa proveniente do monte do Ceiceiro.



Fig. 67 – Cupa proveniente do monte da Teixiera.

A actualidade

No século que decorreu entre estas investigações e os nossos dias, mais nenhuma pesquisa de natureza arqueológica foi realizada no sítio da Sr^a d'Aires. Os vestígios hoje visíveis correspondem, em larga medida, ao que nos foi transmitido pelos pioneiros da nossa arqueologia. Contudo, a passagem do tempo e a conseqüente alteração, tanto no que consta às realidades físicas no terreno, como à nossa capacidade académica e tecnológica de as interpretar, obrigam a uma nova leitura do sítio e as evidências que ele nos apresenta.

Desde o ano de 2005, passado um século depois da publicação do artigo de J. L. de Vasconcelos e F. A. Pereira, que visito o local da Nossa Sr^a d'Aires, frequentemente acompanhado pelo colega Francisco Baião. Visitámos regularmente o local, às vezes por simples gosto de um sítio tão arqueologicamente expressivo e em busca de novos vestígios que não foram identificados em visitas anteriores, ou no âmbito de investigações para trabalhos de disciplinas da licenciatura que, sempre que nos era possível, usámos como pretexto para realizar investigações mais aprofundadas em vários locais do concelho, incluindo a Sr^a d'Aires.

Nestas visitas ao campo tem sido possível identificar uma grande quantidade de vestígios arqueológicos, tanto em forma de estruturas *in loco*, materiais de construção e outros materiais arqueológicos, que veremos mais adiante.

O reconhecimento do território actual é, logicamente, de primeira importância. Para além de percorrer o terreno a pé, também através das ferramentas de visualização da superfície terrestre, como o Google Earth, podemos observar com facilidade a disposição e morfologia da área em questão. Estas ferramentas permitem fazê-lo de forma mais compreensiva e abrangente, pois facilitam um *bird's-eye view* (trad literal: vista de pássaro) de toda a zona em questão juntamente com as diversas áreas em redor. No que respeita à Herdade das Paredes e o Santuário, é possível identificar vários elementos do terreno, e até algumas nuances, que poderão resultar da estruturação do território feita pela mão do homem.



Fig. 68 – Vista aérea da zona do Santuário e da Herdade das Paredes.

Na Fig. 68, o Santuário da N^a Sr^a d' Aires encontra-se sensivelmente no centro da imagem entre os caminhos e campos de lavoura que se dispõem de forma orgânica, resultado dos séculos de exploração dos terrenos. Contudo, o que ressalta imediatamente à vista é a mancha hexagonal que se destaca no centro. Se esta forma é proveniente de antiga estruturação humana ou se é apenas um resultado do acaso é, por enquanto, desconhecido. O que é certo, porém, é que esta área abrange o actual santuário, a necrópole romana, a provável zona principal de estruturas, e diversos outros vestígios, alguns dos quais encontram-se assinalados na Fig. 70 na página seguinte.

Nesta Fig. 70 é claramente visível o edifício do Santuário com a localização dos cipos de Marius Letoides e Maria Euprepia identificados como ponto 1 e 2 respectivamente. Imediatamente a norte do Santuário, marcado como ponto 9 encontra-se a área da necrópole explorada por F. A. Pereira em 1902. Hoje em dia, esta é uma zona de descanso, com várias mesas de piquenique.

A leste do Santuário, na Herdade das Paredes, é possível identificar várias estruturas que se avistam à superfície, também como o “marco das paredes”, um miliário romano (Fig. 69) onde ainda hoje é possível ler-se a milha



Fig. 69 – Marco miliário da Herdade das Paredes.



Fig. 70 – Vista aérea da zona do Santuário da N. Sr.ª d'Aires e Herdade das Paredes com locais de interesse assinalados.

XVII (ponto 5 na Fig. 70). Devido ao desgaste do granito, é difícil averiguar se este número está completo ou se seria eventualmente XVIII.

A poucos metros a oeste do santuário e dos pontos 7 e 8, as estruturas já modernas da Alameda dos Romeiros e a Fonte do Santuário, encontra-se um troço do antigo aqueduto que servia o local (ponto 10). É construído em pedra de pequenas e médias dimensões e em *opus caementicium* (Fig. 71). Devido à sua robustez e dimensões, o aqueduto poderá ser o que J. L. de Vasconcelos interpretou como muralha em 1901. No entanto, nenhuma realidade encontrada em campo, até agora, corresponde satisfatoriamente ao relato supracitado de F. A. Pereira.



Fig. 71 – Troço de aqueduto em pedra e *opus caementicium*.

Outro possível candidato para a ideia de uma zona amuralhada encontra-se a norte da necrópole. Trata-se da área de maior concentração de estruturas e materiais arqueológicos assinalada como ponto 3. É uma área grande e vedada, nitidamente delimitada e que sobressai visualmente em relação ao terreno envolvente. Embora os materiais arqueológicos e de construção se encontrem regularmente por todo este local, a concentração nesta zona em particular é muito acentuada em comparação. A possibilidade de ser uma zona amuralhada vem do facto de se tratar de uma zona relativamente quadrangular e elevada, formando um pequeno planalto que se apresenta com uma altura manifestamente superior a todo o restante terreno. Não deverá ser uma elevação natural, pois apresenta uma cota regular na maioria da sua extensão.

Em toda esta zona é possível encontrar materiais de construção em forma de *tegulae*, imbrices, tijolos quadrantes, pedra de pequenas e médias dimensões e fragmentos de *opus caementicium*. São também visíveis várias estruturas à superfície (Fig. 72), embora a vegetação que está sempre presente no sítio



Fig. 72 – Estruturas à superfície.

dificulta uma observação mais aprofundada, com poucas excepções, de toda esta zona elevada. Contudo, uma observação a algumas das zonas junto às vedações, onde se verifica a referida diferença em elevação, revela zonas onde a vegetação não cresce com facilidade devido à forte presença de estruturas soterradas, algumas destas bem visíveis.

Não muito longe do limite norte desta área, numa visita em 2005, identificou-se uma área do terreno plantado em que a vegetação tinha particular dificuldade em crescer, embora não fosse possível averiguar a presença de estruturas. O que abundava neste ponto em particular eram pequenos e médios fragmentos de metal resultando da sua fundição, muita dela já bastante apurada (Figs. 73 e 74). A quantidade de metal que foi possível recolher nesta zona foi realmente surpreendente. A presença de tal quantidade de metal fundido indica o seu apuramento neste local. Tendo em conta possibilidade de haver uma produção de objectos metálicos neste lugar e a perspectiva de o que poderia ainda ser descoberto em contexto arqueológico torna este um ponto de interesse fulcral.



Figs. 73 e 74 – Fragmentos de fundição de metal.

Poucos fragmentos de vidro também se podem encontrar à superfície. O Dr. José Carlos Caetano identificou alguns destes fragmentos por nós recolhidos como sendo provavelmente romanos.

Junto ao declive nordeste deste pequeno planalto, existe uma acumulação de grande quantidade de materiais de construção, assinalado como ponto 6. Inclui não só materiais como *tegulae*, imbrices e tijolos, como também são visíveis vários silhares de granito. Esta acumulação tem crescido aos poucos ao longo dos últimos anos devido à contínua exploração agrícola do terreno a norte e leste do pequeno planalto, e o revolvimento dos materiais pela maquinaria, indicando que também esta zona esconde muitas estruturas soterradas.

No outro lado do planalto, imediatamente a oeste e marcado como número 4, existe uma estrutura de origem desconhecida mas cujo formato e construção aponta também para uma origem romana. Teve, em tempos, outras funções, pois são ainda bem visíveis os vestígios da construção moderna que assentou sobre ele e que foi demolida no séc. XX. O que nos interessa é a sua base, rectangular, elevada e semelhante ao pódio de um templo romano (Fig. 75). Devido ao entulho e vegetação em seu redor, é difícil determinar as suas dimensões exactas, mas tem sensivelmente 20 m de comprimento e 10 m de largura. Sem uma limpeza à estrutura e o entulho que a oculta, é difícil dizer mais sobre ela.



Fig. 75 – Estrutura rectangular.

Finalmente, a cerca de 330 m para sudoeste do Santuário, encontra-se a Ermida do Senhor Jesus do Cruzeiro, edificação barroca do séc. XVIII (ponto 11 na Fig. 70). Este apresenta alguns materiais romanos aproveitados na sua estrutura. Algumas pedras de cunhal apresentam o formato de silhares romanos e elementos arquitectónicos diversos. Há ainda uma pedra de médias dimensões e perfil semelhante a uma cupa inserida num cunhal (Fig. 76). Apresenta o que seria a face inferior lisa, virada para o exterior, com a superfície cilindrada virada para o interior da construção e escondida pela alvenaria da estrutura. Também embutida numa das paredes existe um fragmento de mármore de pequenas dimensões com uma forma que parece invulgar para simples material de construção e poderá revelar-se como elemento decorativo (Fig. 77).

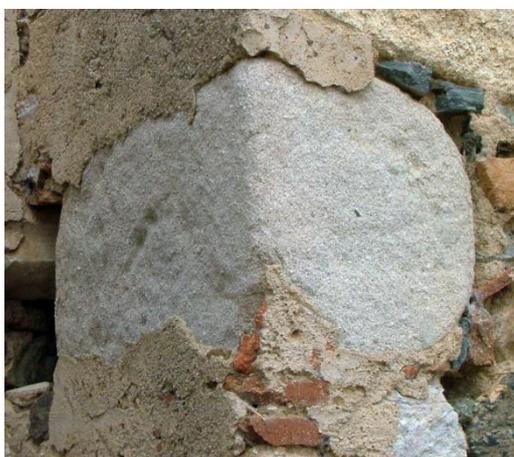


Fig. 76 – Silhar de granito cupiforme.



Fig. 77 – Fragmento de mármore.

A publicação de A.F. Barata regista outras inscrições descobertas e 1743. Uma, que J. L. Vasconcelos transcreveu como I·D·CAS·SELSA / FLORENTIS D·D, é transcrita como:

HISLONENCAS · SELSAS

FLORENTIS · D · D

Outra inscrição incluída nas três publicações citadas lê-se (transcrita aqui do referido *Gabinete Histórico*):

D · M · S

PERENIA MAK

POS · QUAE

MOR · XXXV

Sem acesso às inscrições originais e tendo em conta as pequenas divergências entre as fontes, é difícil pronunciarmo-nos com certeza absoluta acerca do seu conteúdo. No entanto, o que não deixa de saltar à vista é a origem manifestamente grega dos nomes *Letoides*, *Cryseros*, *Hislonencas* e *Makpos*.

Isto poderá ser muito significativo em conjunto com a presumível estátua de Marte aqui recolhida no séc. XVIII. Juntando os nomes gregos à figura do importante deus da guerra, poderemos ter o início de uma dialéctica histórica passível de explicar a origem do topónimo de *Aires*. Este conjunto de monumentos funerários também poderá apontar para a presença de uma comunidade de gentes de origem grega neste local.

Por fim, toda a informação exposta neste capítulo expõe habilmente a razão pela qual estes vestígios são aqui designados explicitamente pelo *Vicus d'Aires*. A grande quantidade de estruturas e material de construção, juntamente com a presença da necrópole, os materiais cerâmicos e as evidências de produção metálica levam à conclusão que se trata de um local com alguma dimensão e um importante ponto de passagem na Estrada do Diabo, nome popular que adquiriu a via romana Ebor a Pax Iulia, nome ainda usado pela população local para designar a actual via entre Viana e Évora.

CONCLUSÕES

Com toda esta informação, é evidente que o Concelho de Viana do Alentejo tem um acentuado potencial arqueológico. As realidades apresentadas neste trabalho abrangem diversos períodos históricos e servem de exemplo acerca do que poderá ainda haver por descobrir neste território. Diversas zonas, como a Ribeira do Aguilhão onde numa tentativa de localizar dois sítios conhecidos se identificaram uma série de vestígios até então desconhecidos, ou a encosta sul da Serra de Viana que tem revelado uma série de achados isolados do período pré-histórico, servem como testemunho à fertilidade arqueológica de todo o concelho.

Ao mesmo tempo, alguns dos lugares já conhecidos, sobretudo o Alto da Nossa Sr.^a da Esperança, o Alto de S. Vicente e o Santuário da Nossa Sr.^a d'Aires, apresentam-se como sítios com uma riqueza arqueológica pontual surpreendente. Ao visitar estes lugares e presenciar os mais diversos vestígios que encontramos à mão de semear é estar na presença de realidades que quase que nos rogam por serem investigadas.

É também com este intuito que deixo a situação actual do conhecimento arqueológico do concelho fixado na memória historiográfica. É a minha esperança que este trabalho, com alguma divulgação, venha resultar num despertar de consciencialização de que este é um património que se encontra esquecido há demasiado tempo e que é definitivamente digno do nosso investimento. Ele representa uma potencial fonte de conhecimento enorme. Seria uma pena se deixássemos para o futuro este grande ponto de interrogação que é o Concelho de Viana numa zona onde o conhecimento arqueológico tem aumentado tanto nos últimos anos.

Este documento reúne já uma considerável quantidade de informação, contudo considero que se trata apenas de um ponto de partida, pois há muito mais trabalho ainda a fazer. O que é aqui apresentado evidencia amplamente o potencial do concelho em termos arqueológicos, no entanto, e como já foi referido, esta informação é ainda muito insuficiente para fazer uma verdadeira caracterização da ocupação do território e os respectivos períodos. Para tal é necessário promover uma prospecção sistemática do concelho e a elaboração de uma carta arqueológica. Isto não só possibilitava um

conhecimento aprofundado, como poderia promover a imagem do concelho, ajudar a planear obras e desenvolvimento do território, também como determinar que futuros projectos arqueológicos ou campanhas de conservação e restauro poderão ser promovidos.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, Jorge.; *O Domínio Romano em Portugal*. Mem-Martins: Publicações Europa-América, 1988.
- IDEM, Jorge; *Roman Portugal*, Warminster, 1988.
- ALMEIDA, José António Ferreira de; *Alcáçovas, Tesouros Artísticos de Portugal*, Lisboa, 1976.
- Aquilégio Medicinal*, 1726 (Ed. Fac-similada, IGM, 1998), pp. 199. / *O Novo Aquilégio* -[www.aguas.ics.ul.pt/index.htm]. Citado em 13-08-2011.
- BARATA António Francisco; *O Alentejo Histórico, Religioso, Civil e Industrial no Districto de Évora, Portel, Redondo, Reguengos e Vianna, Évora*, Typ. Eborense de Francisco da C. Bravo, 1893.
- BILOU, Francisco; Testemunhos arqueológicos da rede viária romana na região de Évora, Sep. do Boletim A Cidade de Évora, II Série, Nº 4, C.M. de Évora, 2000.
- BAIÃO, Francisco; BAIÃO Manuel; LOPES, Alice; *O Pelourinho de Viana do Alentejo, Propostas Para a Sua Reconstrução*, Folheto de Exposição no Posto de Turismo de Viana do Alentejo, 20 de Setembro 2003.
- BAIÃO, Francisco; "Património (A Fonte da Praça da Palha)", *Boletim Municipal de Viana do Alentejo*, nº66, Abril 2010, pp.16-17.
- CAEIRO, José; "Cerâmica Romana do Monte da Romeira (Viana do Alentejo)", *Almadan*, nº5, Novembro84/85, pp.17-18.
- CARITA, Hélder; CARDOSO, Homem; *Tratado da Grandeza dos Jardins em Portugal ou da originalidade e desaires desta arte*, 1978, pp. 40 - 43.

CARNEIRO, André; *Itinerários Romanos do Alentejo*, Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Alentejo, Lisboa, 2008.

Castelo e Igreja Matriz de Viana do Alentejo, Lisboa, 2004.

ENCARNAÇÃO, José; *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis - Subsídios para o Estudo da Romanização*, 2 volumes, Coimbra, 1984.

IDEM; *Introdução ao Estudo da Epigrafia Latina*, Coimbra, 1997.

ESPANCA, Túlio, "Igreja de S. Salvador de Alcáçovas", *A Cidade de Évora*, nº 60, Évora, 1968, pp. 211-225.

IDEM; *Inventário Artístico de Portugal - vol. IX (Distrito de Évora, Zona Sul, volume I)*, Lisboa, 1978.

IDEM; "Paço Real da vila de Alcáçovas", *A Cidade de Évora*, nº 60, Évora, 1968, pp. 285 - 289.

FONSECA, P. E.; FONSECA, M. M.; MUNHÁ, J. M.; "Ocorrência de aragonite em mármore da região de Alvito-Viana do Alentejo (Zona de Ossa-Morena): significado geodinâmico", *Caderno Lab. Xeolóxico de Laxe*, Coruña. 2004. Vol. 29, pp. 79-96.

Gabinete Histórico, tomo IX, de 1730 até 1745, Lisboa, Na Imprensa Nacional, 1823.

GONÇALVES, Ana, TEICHNER, Felix, SILVA, Ricardo, TAVARES, Paula, SANTOS, Ana Luísa, "Necrópole do Castelo de Viana do Alentejo: síntese da intervenção arqueológica e do estudo antropológico", *Património - Estudos*, nº7, Lisboa, 2004, pp.138-145.

HOCK, Martin; KALB, Philine; "Novas investigações em Vale de Rodrigo", *Trabalhos de Arqueologia 16*, Instituto Português de Arqueologia, 2000, pp. 159-166.

LEAL, Augusto Pinho; "Vianna do Alentejo", *Portugal Antigo e Moderno*, Lisboa, Livraria Editora de Mattos Moreira, vol. X, pp. 322-334.

Memórias Paroquiais, 1758, vol. 1, nº 58, pp. 405-410; vol. 39, nº 150, pp. 891-910.

OLIVEIRA DAMAS, Carlos A. - Carta Arqueológica do Concelho de Viana,
Levantamento Preliminar (trabalho efectuado no âmbito da cadeira de pré-
história do curso de história da Faculdade de Letras de Lisboa), 1989.

OLIVEIRA, Jorge; PANAGIOTIS, Sarantopoulos; BALESTEROS, Carmen; "Antas-
capelas e capelas junto a antas no território português: elementos para o seu
estudo", *A Cidade de Évora*, II série, nº1, 1994-5.

PAIS Ana Cristina; "Projecto de recuperação, conservação e valorização do Castelo de
Viana do Alentejo", *Património - Estudos*, nº7, pp.133-137, Lisboa, 2004.

PARENTE, João; *As Moedas Romanas do Museu da Guarda*, Guarda, 2002.

PEREIRA, Esteves; RODRIGUES Guilherme; "Vianna do Alemtejo", *Portugal*,
Dicionário Histórico, Chorográfico, Biográfico, Bibliográfico, Heráldico,
Numismático e Artístico, vol. VII, pp. 404-407.

SANTA MARIA, Frei Agostinho de; *Santuário Mariano*, Lisboa, 1933.

SERRÃO, Vítor; *História da Arte em Portugal - O barroco*, Lisboa, 2003.

SILVA, Isabel; *Dicionário Enciclopédico das Freguesias*, vol. 4, 1998, pp.312-315.

SILVA, José Custódio Vieira da; *O Tardo-Gótico em Portugal, a Arquitectura no
Alentejo*, Lisboa, 1989.

SOUSA, Catarina Vilaça de, *Rota do Fresco - Roteiro*, Cuba, 2003.

Suplemento à Gazeta de Lisboa, nº 4, 30 de Janeiro de 1744.

VASCONCELOS, José Leite de; PEREIRA, Félix Alves; “Antiguidades de Viana do Alentejo”, *Archeologo Português*, vol. IX, 1904.

WHITER, Walter; *Etymologicon Universale*, vol II, Cambridge, 1825.

ANEXO I

BASE DE DADOS VIANA DO ALENTEJO

número VA-0001

tipologia Povoado fortificado

designação Povoado de S. Vicente

período Bronze/Ferro

conservação Destruído

ameaças Gado, Abandono

classificação
ou protecção

freguesia Viana do Alentejo

coord N: WGS 84 38°19'19.85"

coord W: WGS 84 008°00'18.38"

coord X Lisboa militar 211191,37

coord Y Lisboa militar 150571,09

fotografias Ulrico Galamba



bibliografia

descrição

Presença de estruturas largas em pedra seca, possivelmente defensivas, e grande quantidade de pedra solta proveniente destas estruturas. Encontraram-se abundantes vestígios de cerâmica da Idade do Ferro e Medieval e um possível fragmento de tégula muito rolada; um núcleo de quartzito, um fragmento de pedra polida; e, em 2004, foi encontrada uma moeda romana (de Arcadius, Imperador do Oriente, cunhada entre 393 e 395 em Antioquia).

número VA-0002

tipologia Capela

designação Capela de S. Vicente

período Medieval/Moderno

conservação Mau

ameaças Abandono

classificação
ou protecção

freguesia Viana do Alentejo

coord N: WGS 84 38°19'19.85"

coord W: WGS 84 008°00'18.38"

coord X Lisboa militar 211191,37

coord Y Lisboa militar 150571,09

fotografias Posto de Turismo de Viana



bibliografia ESPANCA, Túlio, "Inventário Artístico de Portugal - vol. IX (Distrito de Évora, Zona Sul, volume I)", Lisboa, 1978.

descrição

Construção provavelmente do séc XVII. Encontra-se em ruína. Conserva-se apenas parte da ábside, muros e frontaria. É hoje encimada por um marco geodésico de 1ª classe instalado pela primeira vez em 1851 (segundo Túlio Espanca) e alterado em 1944-62.

número VA-0003

tipologia Pelourinho

designação Pelourinho de Viana

período Medieval/Moderno

conservação Mau

ameaças

classificação ou protecção Imóvel de Interesse Público / Decreto n.º 23 122, DG n.º 231, de 11-10-1933

freguesia Viana do Alentejo

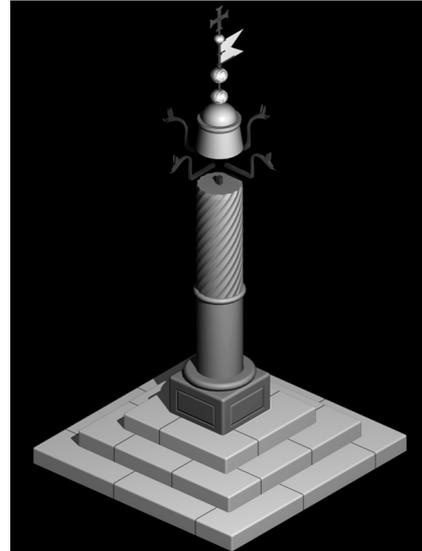
coord N: WGS 84 38°19'58.52"

coord W: WGS 84 008°00'06.05"

coord X Lisboa militar 211489,2

coord Y Lisboa militar 151763,87

fotografias Francisco Baião



bibliografia BAIÃO, Francisco; BAIÃO Manuel; LOPES, Alice; O Pelourinho de Viana do Alentejo, Propostas Para a Sua Reconstrução; Folheto de Exposição no Posto de Turismo de Viana do Alentejo; 20 de Setembro 2003.

descrição

Pelourinho erguido em consequência do foral novo de D. Manuel, em 1517. A base e fuste, provavelmente uma base e coluna romanas reaproveitadas, serviram durante muitos anos de pilar num alpendre do Matadouro Municipal. Parte do capitel, com as armas/empresa de D. Manuel, foi identificada na torre do Convento de Jesus e dois dos ferros numa varanda da vila na Rua Teófilo Braga. (BAIÃO, Francisco).

número VA-0004

tipologia Marco Miliário

designação Marco Miliário de Aguiar

período Romano

conservação Regular

ameaças

classificação
ou protecção

freguesia Aguiar

coord N: WGS 84 38°23'35.47"

coord W: WGS 84 007°58'3.80"

coord X Lisboa militar 214446,44

coord Y Lisboa militar 158458,16

fotografias Francisco Baião



bibliografia

descrição

Peneno marco miliário em granito que hoje se encontra dentro de uma habitação particular.

número VA-0005

tipologia Achado Isolado

designação Provências 01

período Neolítico

conservação

ameaças

classificação
ou protecção

freguesia Viana do Alentejo

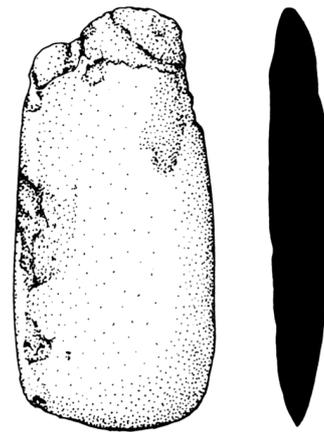
coord N: WGS 84 38°18'40.56"

coord W: WGS 84 007°59'41.52"

coord X Lisboa militar 212088,53

coord Y Lisboa militar 149360,89

fotografias Ulrico Galamba



bibliografia

descrição

Pequeno machado em pedra polída encontrado à superfície.

número VA-0006

tipologia Cerca para abelhas

designação Provências 02

período Moderno/Contemporâneo

conservação Regular

ameaças Abandono

classificação
ou protecção

freguesia Viana do Alentejo

coord N: WGS 84 38°18'24.12"

coord W: WGS 84 007°59'52,14"

coord X Lisboa militar 211831,26

coord Y Lisboa militar 148853,6

fotografias Ulrico Galamba



bibliografia

descrição

Pequena área (aproximadamente 10X10m) delimitado por um muro em pedra e taipa com fiadas separadas por pedra entaipada de pequenas dimensões (1.5m de altura). Delimita uma área dedicada à apicultura e que teria contido recipientes para albergar as colmeias.

número VA-0007

tipologia Afloramento rochoso

designação Pedras de Água

período

conservação

ameaças

classificação
ou protecção

freguesia Viana do Alentejo

coord N: WGS 84 38°18'16.44"

coord W: WGS 84 007°59'44.04"

coord X Lisboa militar 212028,28

coord Y Lisboa militar 148617,08

fotografias Ulrico Galamba



bibliografia

descrição

Afloramento rochoso onde, por vias de um fenómeno geológico, a água brota em altura. Existe memória de uma pedra epigrafada com caligrafia árabe neste local. Nenhuma das várias tentativas de a localizar tiveram sucesso. No entanto, existem vários topónimos de origem árabe nesta zona a sul do Alto de S. Vicente.

número VA-0008

tipologia Achado Isolado

designação Provências 03

período Pré História

conservação

ameaças

classificação
ou protecção

freguesia Viana do Alentejo

coord N: WGS 84 38°18'34.50"

coord W: WGS 84 007°59'49.62"

coord X Lisboa militar 211892,02

coord Y Lisboa militar 149173,75

fotografias Ulrico Galamba



bibliografia

descrição

Fragmento de percutor em quartzito encontrado à superfície.

número VA-0009

tipologia Caminho empedrado

designação Caminho de S. Vicente 1

período Medieval/Moderno

conservação Mau

ameaças Gado, Abandono

classificação
ou protecção

freguesia Viana do Alentejo

coord N: WGS 84 38°19'14.2"

coord W: WGS 84 008°00'15.90"

coord X Lisboa militar 211251,85

coord Y Lisboa militar 150396,96

fotografias Ulrico Galamba



bibliografia

descrição

Caminho empedrado e lateralmente estruturado, provavelmente medieval.

número VA-0010

tipologia Arquitectura Vernacular

designação Abrigo de Pastor 01

período Medieval/Moderno

conservação Destruído

ameaças Gado, Abandono

classificação
ou protecção

freguesia Viana do Alentejo

coord N: WGS 84 38°19'05.4"

coord W: WGS 84 008°00'09.00"

coord X Lisboa militar 211419,84

coord Y Lisboa militar 150125,85

fotografias Ulrico Galamba



bibliografia

descrição

Estrutura quadrangular em pedra entaipada e com algum tijolo.

número VA-0011

tipologia Castelo

designação Castelo de Viana

período Medieval/Moderno

conservação Bom

ameaças

classificação Monumento Nacional / Decreto de 16-06-1910, DG n.º 136, de 23-06-1910 / ZEP: DG, II Série, n.º 150, de 30-06-1948.

freguesia Viana do Alentejo

coord N: WGS 84 38°19'55.83"

coord W: WGS 84 008°00'05.85"

coord X Lisboa militar 211494,17

coord Y Lisboa militar 151680,94

fotografias Ulrico Galamba, Posto de Turismo de Viana



bibliografia Castelo e Igreja Matriz de Viana do Alentejo, Lisboa, 2004. / ESPANCA, Túlio, "Inventário Artístico de Portugal - vol. IX (Distrito de Évora, Zona Sul, volume I)", Lisboa, 1978.

descrição

Em 1313, com a carta de foral a Viana do Alentejo, D. Dinis manda edificar uma "cerca de muro em que seia a villa de quatrocentas braças uma braça de espessura e altura tal que impedisse um cavaleiro montado de ferir com lança de nove côvados a quem estivesse entre as ameias", na qual teriam que ser rasgadas três portas, doando para a obra mil libras. Isto é frequentemente citado como a origem do Castelo de Viana, no entanto, a fortificação actual não corresponde a esta intenção régia, pois a cerca dionisina não chegou a ser construída. O Castelo de Viana do Alentejo talvez seja obra dos finais do século XV ou inícios do século XVI. (PAIS Ana Cristina, "Projecto de recuperação, conservação e valorização do Castelo de Viana do Alentejo", Património - Estudos, nº7, pp.133-137, Lisboa, 2004).

número VA-0012

tipologia Igreja

designação Igreja Matriz de Viana

período Medieval/Moderno

conservação Bom

ameaças

classificação Monumento Nacional / Decreto de 16-06-1910, DG n.º 136, de 23-06-1910 / ZEP: DG, II Série, n.º 150, de 30-06-1948

freguesia Viana do Alentejo

coord N: WGS 84 38°19'55.17"

coord W: WGS 84 008°00'06.26"

coord X Lisboa militar 211484,24

coord Y Lisboa militar 151660,57

fotografias Ulrico Galamba, Posto de Turismo de Viana



bibliografia "Castelo e Igreja Matriz de Viana do Alentejo", Lisboa, 2004. / ESPANCA, Túlio, "Igreja Matriz de N.ª. S.ª. da Anunciação de Viana do Alentejo", in A Cidade de Évora, nº 60", Évora, 1972. / SILVA, José Custódio Vieira da, "O Tardo-Gótico em Portugal, a Arquitectura no Alentejo", Lisboa, 1989.

descrição

Em documento datado de 1269, D. Martinho, Bispo de Évora, reconhecia o direito a um quarto dos dízimos da denominada "igreja de Fochem". D. Dinis, cedeu a povoação e a igreja ao então infante D. Afonso, que a fez integrar nos bens de D. Beatriz de Castela, já com a designação de capelas de D. Afonso IV. Esteve posteriormente na mão de D. João de Bragança e dos antigos Condes de Viana (família dos Meneses). Voltou à posse da coroa no século XV. D. Manuel ordenou a sua reconstrução, substituindo o edifício medieval pelo que hoje é considerado um dos mais belos exemplos da arquitectura manuelina do Sul do país. A actual igreja está atribuída a Diogo de Arruda. Recebeu muitas intervenções ao longo do séculos.

número VA-0013

tipologia Caminho empedrado

designação Caminho de S. Vicente 2

período Medieval/Moderno

conservação Mau

ameaças Gado, Abandono

classificação
ou protecção

freguesia Viana do Alentejo

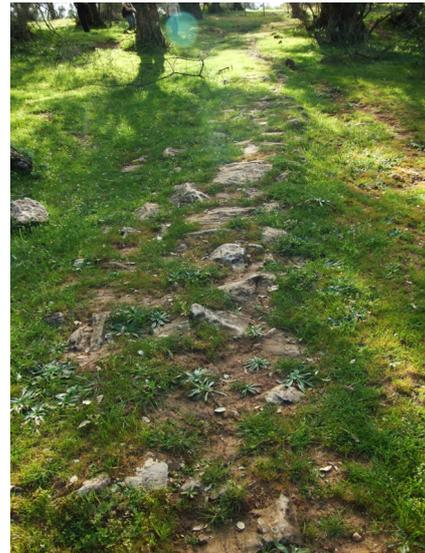
coord N: WGS 84 38°19'11.10"

coord W: WGS 84 008°00'12.20"

coord X Lisboa militar 211341,86

coord Y Lisboa militar 150301,5

fotografias Ulrico Galamba



bibliografia

descrição

Caminho empedrado e lateralmente estruturado, provavelmente medieval

número VA-0014

tipologia Anta

designação Anta de Aguiar

período Neolítico

conservação Bom

ameaças

classificação
ou protecção

freguesia Aguiar

coord N: WGS 84 38°23'26.10"

coord W: WGS 84 007°58'12.30"

coord X Lisboa militar 214240,67

coord Y Lisboa militar 158168,87

fotografias Ulrico Galamba



bibliografia "Antas-capelas e capelas junto a antas no território português: elementos para o seu estudo", A Cidade de Évora, 1996.

descrição

Anta em granito, com 7 esteios, um tombado para dentro da câmara (esteio de cabeceira), um quebrado, os restantes de pé. Alguns fragmentos do chapéu atrás da câmara e outro em cima do corredor. O corredor é visível e orientado para nascente. Conhecida por vários nomes: Anta de Aguiar, Anta do Zambujeiro, Anta do Ferragial de Aguiar.

número VA-0015

tipologia Marachão

designação Marachão do Aguilhão

período Medieval/Moderno

conservação Regular/Mau

ameaças Abandono

classificação
ou protecção

freguesia Aguiar

coord N: WGS 84 38°24'27.80"

coord W: WGS 84 007°58'22.80"

coord X Lisboa militar 213982,58

coord Y Lisboa militar 160070,93

fotografias Ulrico Galamba



bibliografia

descrição

Estrutura de marachão/represa ao longo da ribeira do Aguilhão que estrutura toda a linha de água. Secções medievais em pedra seca e modernas em pedra seca e argamassa.

número VA-0016

tipologia Conduto/Aqueduto

designação Horta do Vinagre 02

período Moderno/Contemporâneo

conservação Regular

ameaças Abandono

classificação
ou protecção

freguesia Aguiar

coord N: WGS 84 38°24'23.90"

coord W: WGS 84 007°58'22.60"

coord X Lisboa militar 213987,64

coord Y Lisboa militar 159950,69

fotografias Ulrico Galamba



bibliografia

descrição

Pequeno aqueduto que liga duas estruturas de retenção ou extracção de água. Provavelmente obra do séc XVIII ou XIX.

número VA-0017

tipologia Pontinha

designação Horta do Vinagre 03

período Medieval/Moderno

conservação Regular

ameaças Abandono

classificação
ou protecção

freguesia Aguiar

coord N: WGS 84 38°24'21.00"

coord W: WGS 84 007°58'25.80"

coord X Lisboa militar 213910,15

coord Y Lisboa militar 159861,13

fotografias Ulrico Galamba



bibliografia

descrição

Pequena pontinha em pedra seca que serve de passagem por cima de uma antiga conduta de água já muito destruída/enterrada.

número VA-0018

designação Aguilhão 01

período

ameaças Abandono

classificação
ou protecção

tipologia Moroço com estrutura não
identificada

conservação Regular

freguesia Aguiar

coord N: WGS 84 38°24'08.6"

coord W: WGS 84 007°58'45.3"

coord X Lisboa militar 213437,65

coord Y Lisboa militar 159477,98

fotografias Ulrico Galamba



bibliografia

descrição

Moroço de pedra solta de pequenas e médias dimensões que econde uma aparente estrutura semi-circular.

número VA-0019
designação Aguilhão 02
período
ameaças Abandono

tipologia Moroço com estrutura não identificada

conservação Regular

classificação
ou protecção

freguesia Aguiar

coord N: WGS 84 38°24'07.1"

coord W: WGS 84 007°58'48.4"

coord X Lisboa militar 213362,51

coord Y Lisboa militar 159431,61

fotografias Ulrico Galamba



bibliografia

descrição

Moroço de pedra solta de pequenas e médias dimensões que econde uma aparente estrutura semi-circular.

número VA-0020

tipologia Material cerâmico

designação Aguilhão 03

período Medieval/Moderno

conservação

ameaças

classificação
ou protecção

freguesia Aguiar

coord N: WGS 84 38°24'08.6"

coord W: WGS 84 007°58'53.3"

coord X Lisboa militar 213243,54

coord Y Lisboa militar 159477,66

fotografias Ulrico Galamba



bibliografia

descrição

Mancha de dispersão de material cerâmico em redor de um moroiço - cerâmica comum e vidrada e material de construção (tijolo e telha).

número VA-0021

tipologia Moinho de Água

designação Moinho do Aguilhão 01

período Medieval/Moderno

conservação Destruído

ameaças Abandono

classificação
ou protecção

freguesia Aguiar

coord N: WGS 84 38°24'05.3"

coord W: WGS 84 007°59'15.3"

coord X Lisboa militar 212709,89

coord Y Lisboa militar 159375,06

fotografias Ulrico Galamba



bibliografia

descrição

Alicerces de um antigo moinho de água - várias divisões em pedra seca e alguns troços de pedra argamassada.

número VA-0022

tipologia Casa de Moleiro

designação Monte do Campino

período Moderno/Contemporâneo

conservação Bom

ameaças

classificação
ou protecção

freguesia Aguiar

coord N: WGS 84 38°24'05.7"

coord W: WGS 84 007°59'24.9"

coord X Lisboa militar 212476,93

coord Y Lisboa militar 159387,03

fotografias Ulrico Galamba



bibliografia

descrição

Monte alentejano com possível casa de moleiro destacada - esta contém várias mós aproveitadas como pavimento, degraus, etc.

número VA-0023

tipologia Capela

designação Ermida do Senhor da Pedra

período Medieval/Moderno

conservação Bom

ameaças

classificação
ou protecção

freguesia Alcáçovas

coord N: WGS 84 38°24'06.4"

coord W: WGS 84 008°11'36.9"

coord X Lisboa militar 194715,36

coord Y Lisboa militar 159400,91

fotografias Ulrico Galamba



bibliografia ESPANCA, Túlio, "Inventário Artístico de Portugal - vol. IX (Distrito de Évora, Zona Sul, volume I)", Lisboa, 1978.

descrição

Capela de meados do séc XVIII que assenta sobre o local de um cruzeiro de séc XVI. É defrontada de um arco em tijoleira. O altar-mor albergava a coluna e capital jónico do antigo cruzeiro, hoje desencaixado e caído no chão da capela.

número VA-0024

tipologia Convento

designação Convento da Nossa Sr^a da Esperança

período Medieval/Moderno

conservação Bom

ameaças

classificação
ou protecção

freguesia Alcáçovas

coord N: WGS 84 38°24'11.9"

coord W: WGS 84 008°11'41.0"

coord X Lisboa militar 194615,99

coord Y Lisboa militar 159570,57

fotografias Ulrico Galamba



bibliografia ESPANCA, Túlio, "Inventário Artístico de Portugal - vol. IX (Distrito de Évora, Zona Sul, volume I)", Lisboa, 1978.

descrição

O convento terá origem numa ermida manuelina dedicada à Nossa Sr^a da Esperança, que foi cedida em 1541. O convento foi integrado na Ordem de S. Domingos.

número VA-0025

tipologia Povoado fortificado

designação Povoado da Nossa Sr^a da Esperança

período Bronze/Ferro e Romano

conservação Mau

ameaças Abandono

classificação
ou protecção

freguesia Alcáçovas

coord N: WGS 84 38°24'11.9"

coord W: WGS 84 008°11'41.0"

coord X Lisboa militar 194615,99

coord Y Lisboa militar 159570,57

fotografias Ulrico Galamba



bibliografia

descrição

Material de construção Romano (tegulae) e estruturas defensivas em pedra seca e com abundante material cerâmico. Identificou-se uma mó (dormente) numa das muralhas. Em 1989 também se identificou um fragmento de conta de colar em pasta de vidro azul (OLIVEIRA DAMAS, Carlos A. - Carta Arq. do C. de Viana, Levant. Prelim. 1989).

número VA-0026

tipologia Caminho empedrado

designação Caminho do Monte das Pedras

período Medieval/Moderno

conservação Mau

ameaças Abandono, Actividade agrícola

classificação
ou protecção

freguesia Viana do Alentejo

coord N: WGS 84 38°19'04.0"

coord W: WGS 84 008°01'22.5"

coord X Lisboa militar 209634,41

coord Y Lisboa militar 150080,38

fotografias Ulrico Galamba



bibliografia

descrição

Caminho medieval calcetado e lateralmente estruturado, cerca de 2 m de largura. (Coordenadas do percurso visível -- [N38°19'04.0" W008°01'22.5"], [N38°19'03.5" W008°01'19.8"], [N38°19'03.5" W008°01'17.0"], [N38°19'03.7" W008°01'15.3"], [N38°19'02.2" W008°01'11.7"])

número VA-0027

tipologia

designação Centro Histórico de Viana do Alentejo

período

conservação

ameaças

classificação
ou protecção

freguesia Viana do Alentejo

coord N: WGS 84 38°19'59.51"

coord W: WGS 84 008°00'5.67"

coord X Lisboa militar 211498,38

coord Y Lisboa militar 151794,41

fotografias Ulrico Galamba, Francisco Baião



bibliografia

descrição

Conjunto de elementos arquitectónicos antigos e característicos da Vila, não incluídos noutros registos específicos. Tipicamente portais ou janelas medievais, manuelinos, etc.

número VA-0028

tipologia

designação Lugar da Forca de Viana

período Medieval/Moderno

conservação

ameaças

classificação
ou protecção

freguesia Viana do Alentejo

coord N: WGS 84 38°19'51.5"

coord W: WGS 84 008°00'10.3"

coord X Lisboa militar 211386,28

coord Y Lisboa militar 151547,27

fotografias Ulrico Galamba



bibliografia

descrição

Propriedade onde se encontrava a forca medieval/moderna de Viana, agora destruída. Resta apenas o topónimo.

número VA-0029

tipologia Convento

designação Convento de S. Francisco

período Medieval/Moderno

conservação Bom

ameaças

classificação
ou protecção

freguesia Viana do Alentejo

coord N: WGS 84 38°19'55.8"

coord W: WGS 84 008°00'11.8"

coord X Lisboa militar 211349,66

coord Y Lisboa militar 151679,81

fotografias Ulrico Galamba



bibliografia ESPANCA, Túlio, "Inventário Artístico de Portugal - vol. IX (Distrito de Évora, Zona Sul, volume I)", Lisboa, 1978.

descrição

Origens debatidas, mas a Igreja parece datar de 1528 e era, inicialmente, uma instituição de um beatério destinado a senhoras idosas e pobres.

número VA-0030

tipologia Marco Miliário

designação Horta do Vinagre 01

período Romano

conservação Regular

ameaças Abandono

classificação
ou protecção

freguesia Aguiar

coord N: WGS 84 38°24'21.4"

coord W: WGS 84 007°58'27.5"

coord X Lisboa militar 213868,88

coord Y Lisboa militar 159873,39

fotografias Ulrico Galamba



bibliografia BILOU, Francisco - Testemunhos arqueológicos da rede viária romana na região de Évora, Sep. do Boletim A Cidade de Évora, II Série, Nº 4, C.M. de Évora, 2000.

descrição

Fuste de marco miliário tombado. A zona circundante encontra-se totalmente ofuscada por vegetação, mas segundo [<http://viasromanas.planetaclix.pt/>] haverá uma "ponte romana sobre a ribeira da Murteira ou do Aguilhão na Horta do Vinagre (só vestígios; fuste e base de miliário anepígrafo na margem esquerda e a sua base no leito do rio correspondente à milha XIV)" / (IGESPAR IP: CNS: 4852)

número VA-0031

tipologia Igreja

designação Santuário da N^a Sr^a d'Aires

período Medieval/Moderno

conservação Bom

ameaças

classificação Em vias de classificação / com ZEP ou protecção

freguesia Viana do Alentejo

coord N: WGS 84 38°20'27.1"

coord W: WGS 84 007°59'08.6"

coord X Lisboa militar 212883,12

coord Y Lisboa militar 152647,21

fotografias Ulrico Galamba, Posto de Turismo de Viana



bibliografia ESPANCA Túlio, "Inventário Artístico de Portugal - vol. IX (Distrito de Évora, Zona Sul, volume I)", Lisboa, 1978. / SANTA MARIA, Frei Agostinho de, "Santuário Mariano", Lisboa, 1933. / SERRÃO, Vítor, "História da Arte em Portugal - O barroco", Lisboa, 2003.

descrição

Um Ex Libris do Barroco Alentejano do séc. XVIII. O templo actual é da autoria do Padre arquitecto João Baptista, com obras entre 1743/1760, e que substituiu a igreja primitiva (medieval?). A decoração interior tem origem, maioritariamente, no séc. XIX. Possui um baldaquino de talha dourada onde se encontra uma Pietà (Virgem da Piedade - imagem de Nossa Senhora d'Aires), em pedra de ançã (pedra calcária de cor clara), policromada, do século XV. A Casa dos Milagres e as dependências que circundam a capela-mor exibem uma grande quantidade de ex-votos populares. O mais antigo ex-voto data de 1735, anterior ao actual templo, e os mais recentes do séc XX. Nas esquinas frontais do muro do adro da igreja, encontram-se dois cipos romanos com os nomes "MARIVS LETOIDES" e "MARIA EVPREPRIA". "LETOIDES" é um nome grego alusivo a Leto (filha dos titans Febe e Céos) ou aos seus filhos gémeos: Apolo e Artémis (Diana).

número VA-0032

tipologia Vicus

designação Vicus de Aires

período Romano

conservação Destruído

ameaças Abandono, Actividade agrícola

classificação ou protecção Abrangido pela ZEP do Santuário da N^a Sr^a d'Aires

freguesia Viana do Alentejo

coord N: WGS 84 38°20'31.9"

coord W: WGS 84 007°59'05.4"

coord X Lisboa militar 212960,59

coord Y Lisboa militar 152795,34

fotografias Ulrico Galamba



bibliografia ESPANCA, Túlio, "Inventário Artístico de Portugal - vol. IX (Distrito de Évora, Zona Sul, volume I)", Lisboa, 1978.

descrição

Vestígios de estruturas e material de construção ao longo de uma área alargada nas imediações do Santuário da Nossa Senhora de Aires. Area explorada pelo J. Leite de Vasconcelos em inícios do séc XX, a convite de José Albino Dias. Já em meados do séc XVIII (num livro manuscrito de 1744 no Arquivo das Religiosas do Mosteiro do Bom-Jesus de Vianna; e no Dicionário Geographico, vol I, de 1747 do Padre Luis Cardoso) se faz referência a achados arqueológicos em forma de inscrições e supulturas neste local. O Inventário Artístico de Túlio Espanca cita: "apareceram durante as escavações para os alicerces do templo actual ou nos acidentais lavramentos de terras, inúmeros vestígios da civilização cesária e da época visigótica, em cerâmica, objectos de metal, escultura e moedas dos imperadores Marco Aurélio, Trajano, Constantino e Diocleciano (sécs II e IV). Das várias peças recolhidas no Museu Etnológico de Belém, conhecem-se os cipos achados em 1743-45, cujas inscrições se publicaram na Gazeta de Lisboa e no Agiologio Lusitano e, mais tarde, por Leite de Vasconcelos e Félix Alves Pereira no Arqueólogo Português, vols. V, p.118 e IX, p.282; o pelinto de estátua com o leitreiro: BONO REIP (ULICAE); a estátua do presumível Deus Marte, citada por Fr. Vicente Salgado na sua colecção de Monumentos Romanos (Biblioteca da Academia de Ciências de Lisboa, Gab. 5, est. 13, num.º 23); o capitel romano-visigótico e a coluna, ambos de mármore, que no ano de 1910 se encontrava na posse de José Albino Dias.

número VA-0033

tipologia Necrópole

designação Necrópole de Aires

período Romano

conservação Mau

ameaças Abandono

classificação ou protecção Abrangido pela ZEP do Santuário da N^a Sr^a d'Aires

freguesia Viana do Alentejo

coord N: WGS 84 38°20'28.3"

coord W: WGS 84 007°59'06.9"

coord X Lisboa militar 212924,34

coord Y Lisboa militar 152684,27

fotografias Ulrico Galamba



bibliografia

descrição

Local de necrópole romana associada ao Vicus de Aires onde foram encontradas sepulturas e inscrições durante a construção do Santuário. Incluem uma estátua de Marte, os cipos que ladeam o adro do Santuário e, segundo a tradição oral local, as cupas nas que existiam nas herdades da Teixeira e Ceisseiro.

número VA-0034

tipologia Fonte

designação Fonte da N^a Sr^a d'Aires

período Medieval/Moderno

conservação Bom

ameaças

classificação ou protecção Abrangido pela ZEP do Santuário da N^a Sr^a d'Aires

freguesia Viana do Alentejo

coord N: WGS 84 38°20'25.9"

coord W: WGS 84 007°59'09.3"

coord X Lisboa militar 212866,17

coord Y Lisboa militar 152610,18

fotografias Ulrico Galamba



bibliografia

descrição

Fonte de 1640, nas imediações do Santuário da Nossa Sr^a d'Aires. Tem uma inscrição em forma de soneto:

SOV POR MEV CLARO NOME CONHECIDA
AQVI NESTA APRAZIVEL SOLEDADE
DOS GODOS TRAGO MINHA ANTIGVIDADE
E LEMBRA-ME DE HESPANHA SER PERDIDA
JA CHOREI LVSITANIA DESTRVIDA
E DE TREVAS CVBERTA A CHRISTANDADE
POSTO Q. AQVELLA INFAVSTA E TRISTE IDADE
DEIXOV MINHA CORRENTE REPREMIDA
AGORA Q.IA GOZO DOCEMENTE
DOS FRESCOS ARES DA DEVINA AVRORA
Q. SE OCVLTAVA A BARBAROS INDIGNOS
FESTEJO SVA LVZ RESPLANDECENTE
CORRENDO EM SEV LOVVOR CLARA E SONORA
BEBEI E DAI-LHE AS GRACAS PEREGRINOS

número VA-0035

tipologia Marco Miliário

designação Marco Miliário de Paredes

período Romano

conservação Bom

ameaças

classificação ou protecção Abrangido pela ZEP do Santuário da N^a Sr^a d'Aires

freguesia Viana do Alentejo

coord N: WGS 84 38°20'26.8"

coord W: WGS 84 007°59'04.3"

coord X Lisboa militar 212987,55

coord Y Lisboa militar 152638,12

fotografias Ulrico Galamba



bibliografia

descrição

Marco miliário em granito, cerca de 1,55m de altura. É facilmente visível o número XVII, mas devido ao desgaste, é difícil averiguar se haveria mais numeração (ex: XVIII / XVIII).

número VA-0036

tipologia Aqueduto

designação Aqueduto de Aires

período Romano

conservação Mau

ameaças Gado, Abandono

classificação ou protecção Abrangido pela ZEP do Santuário da N^a Sr^a d'Aires

freguesia Viana do Alentejo

coord N: WGS 84 38°20'25.5"

coord W: WGS 84 007°59'12.8"

coord X Lisboa militar 212781,2

coord Y Lisboa militar 152597,71

fotografias Ulrico Galamba



bibliografia

descrição

Aqueduto em Opus Caementicium com pedra de pequenas e médias dimensões, com a caleira visível e cerca de 1m a 1.5m de largura.

número VA-0037

tipologia Capela

designação Ermida do Senhor Jesus do Cruzeiro

período Medieval/Moderno

conservação Mau

ameaças Abandono

classificação ou protecção Em Vias de Classificação (Homologado como Imóvel de Interesse Público)

freguesia Viana do Alentejo

coord N: WGS 84 38°20'19.3"

coord W: WGS 84 007°59'16.6"

coord X Lisboa militar 212689,21

coord Y Lisboa militar 152406,39

fotografias Ulrico Galamba



bibliografia ESPANCA, Túlio, "Inventário Artístico de Portugal - vol. IX (Distrito de Évora, Zona Sul, volume I)", Lisboa, 1978.

descrição

Ermida do séc. XVIII, em forma de cruz grega . Alçado principal com adornos barrocos em argamassa caiada. Formato possivelmente de herança das "cubas" alentejanas de influência árabe (mas com dimensões muito superiores). A sua estrutura inclui vários elementos construtivos romanos, nomeadamente silhares e uma possível cupa em granito. Em redor também se identificam, frequentemente, materiais de construção, sobretudo tegullae.

número VA-0038

tipologia Anta

designação Anta do Cavalete 01

período Neolítico

conservação Bom

ameaças Gado, Abandono

classificação
ou protecção

freguesia Viana do Alentejo

coord N: WGS 84 38°19'27.0"

coord W: WGS 84 007°56'30.0"

coord X Lisboa militar 216738,49

coord Y Lisboa militar 150801,08

fotografias Ulrico Galamba



bibliografia

descrição

7 esteios de pé e in situ, 5 dos quais aparentemente inteiros. Parte do chapéu da câmara está caído por trás do esteio de cabeceira. São visíveis também dois ou três esteios do corredor.

número VA-0039

tipologia Anta

designação Anta do Cavalete 02 (possível anta)

período Neolítico

conservação Mau

ameaças Gado, Abandono

classificação
ou protecção

freguesia Viana do Alentejo

coord N: WGS 84 38°19'26.6"

coord W: WGS 84 007°56'30.0"

coord X Lisboa militar 216738,52

coord Y Lisboa militar 150788,74

fotografias Ulrico Galamba



bibliografia

descrição

Possível câmara de anta, destruída. Zona semi-circular com possíveis esteios e chapéu, juntamente com grande quantidade de pedra de pequenas dimensões, possivelmente a mamoa.

número VA-0040

tipologia Anta

designação Anta do Cavalete 03 (possível anta)

período Neolítico

conservação Mau

ameaças Gado, Abandono

classificação
ou protecção

freguesia Viana do Alentejo

coord N: WGS 84 38°19'37.0"

coord W: WGS 84 007°56'40.6"

coord X Lisboa militar 216480,39

coord Y Lisboa militar 151108,89

fotografias Ulrico Galamba



bibliografia

descrição

Possível esteio de anta, próximo de um pequeno moroiço.

número VA-0041

tipologia Igreja

designação Igreja da Misericórdia de Viana

período Medieval/Moderno

conservação Bom

ameaças

classificação ou protecção Abrangido pela ZEP do Castelo de Viana

freguesia Viana do Alentejo

coord N: WGS 84 38°19'56.61"

coord W: WGS 84 008°00'05.85"

coord X Lisboa militar 211494,14

coord Y Lisboa militar 151704.99

fotografias Ulrico Galamba, Francisco Baião



bibliografia

descrição

A Confraria da Misericórdia de Viana foi instituída em 1516, durante o reinado de D. Manuel I. Portal e interior manuelinos, com várias sepulturas. Sofreu alterações com as obras de requalificação do castelo da DGEMN entre 1970-74.

número VA-0042

tipologia Necrópole

designação Necrópole do Castelo

período Medieval/Moderno

conservação Regular

ameaças

classificação ou protecção Abrangido pela ZEP do Castelo de Viana

freguesia Viana do Alentejo

coord N: WGS 84 38°19'56.14"

coord W: WGS 84 008°00'05.07"

coord X Lisboa militar 211513,1

coord Y Lisboa militar 151690,52

fotografias Ulrico Galamba



bibliografia GONÇALVES, Ana, TEICHNER, Felix, SILVA, Ricardo, TAVARES, Paula, SANTOS, Ana Luísa, "Necrópole do Castelo de Viana do Alentejo: síntese da intervenção arqueológica e do estudo antropológico", Património - Estudos, nº7, pp.138-145", Lisboa, 2004.

descrição

Necrópole localizada entre as igrejas da Assunção e Matriz, junto à muralha do castelo. Contam os moradores da terra que em dias de chuva, são visíveis ossos no talude junto à Igreja da N. Sr.^a da Assunção.

número VA-0043

tipologia Capela

designação Ermida de S. Pedro

período Medieval/Moderno

conservação Destruído

ameaças Abandono

classificação
ou protecção

freguesia Viana do Alentejo

coord N: WGS 84 38°19'54.48"

coord W: WGS 84 008°00'34.53"

coord X Lisboa militar 210797,66

coord Y Lisboa militar 151638,36

fotografias Posto de Turismo de Viana



bibliografia ESPANCA, Túlio, "Inventário Artístico de Portugal - vol. IX (Distrito de Évora, Zona Sul, volume I)", Lisboa, 1978.

descrição

Desconhece-se a altura da sua fundação, embora seja obra manuelina. Encontra-se em ruína

número VA-0044

tipologia Capela

designação Ermida de S. Sebastião

período Medieval/Moderno

conservação Bom

ameaças

classificação
ou protecção

freguesia Viana do Alentejo

coord N: WGS 84 38°20'11.19"

coord W: WGS 84 008°00'21.26"

coord X Lisboa militar 211119,25

coord Y Lisboa militar 152154,03

fotografias Posto de Turismo de Viana



bibliografia ESPANCA, Túlio, "Inventário Artístico de Portugal - vol. IX (Distrito de Évora, Zona Sul, volume I)", Lisboa, 1978.

descrição

Desconhece-se a altura da sua fundação, embora seja provavelmente da primeira metade do séc XVI. Sofreu obras em finais do século XVII e sucessivamente.

número VA-0045

tipologia Capela

designação Oratório do Calvário

período Medieval/Moderno

conservação Bom

ameaças

classificação
ou protecção

freguesia Viana do Alentejo

coord N: WGS 84 38°20'10.81"

coord W: WGS 84 008°00'20.35"

coord X Lisboa militar 211141,37

coord Y Lisboa militar 152142,35

fotografias Posto de Turismo de Viana



bibliografia

descrição

Pequeno calvário de planta circular, totalmente caiado de branco. Simbolicamente, evoca o caminho pedregoso do calvário e é obra posterior a 1758.

número VA-0046

tipologia Fonte

designação Fonte Rossio das Hortas

período Medieval/Moderno

conservação Bom

ameaças

classificação
ou protecção

freguesia Viana do Alentejo

coord N: WGS 84 38°20'08.33"

coord W: WGS 84 008°00'18.69"

coord X Lisboa militar 211181,79

coord Y Lisboa militar 152065,93

fotografias Posto de Turismo de Viana



bibliografia ESPANCA, Túlio, "Inventário Artístico de Portugal - vol. IX (Distrito de Évora, Zona Sul, volume I)", Lisboa, 1978.

descrição

Existem referências a esta fonte no reinado de D. Afonso V. No reinado de D. Manuel I, sofreu obras e foi-lhe colocado um escudo de armas. Abastecia os gados da colónia dos ovelheiros, conhecida desde a idade média.

número VA-0047

tipologia Convento

designação Convento do Bom Jesus

período Medieval/Moderno

conservação Mau

ameaças Abandono

classificação
ou protecção

freguesia Viana do Alentejo

coord N: WGS 84 38°20'09.85"

coord W: WGS 84 008°00'12.80"

coord X Lisboa militar 211324,77

coord Y Lisboa militar 152113

fotografias Ulrico Galamba



bibliografia ESPANCA, Túlio, "Inventário Artístico de Portugal - vol. IX (Distrito de Évora, Zona Sul, volume I)", Lisboa, 1978.

descrição

Fundado em 1548, pertencente à ordem Hieronimita da comunidade de Santo Agostinho, com capacidade para mais de 60 monjas. Encerrado em 1901, altura em que tinha apenas uma freira. É o único convento da ordem Hieronimita feminina em Portugal. Em estado lamentável, encontra-se em perigo de ruir.

número VA-0048

tipologia Fonte

designação Fonte das Freiras

período Moderno/Contemporâneo

conservação Bom

ameaças

classificação
ou protecção

freguesia Viana do Alentejo

coord N: WGS 84 38°20'08.32"

coord W: WGS 84 008°00'12.33"

coord X Lisboa militar 211336,25

coord Y Lisboa militar 152065,84

fotografias Ulrico Galamba



bibliografia ESPANCA, Túlio, "Inventário Artístico de Portugal - vol. IX (Distrito de Évora, Zona Sul, volume I)", Lisboa, 1978.

descrição

Construída no reinado de D. João V a pedido das freiras do convento das Jerónimas de Jesus, para abastecimento do mesmo. Encontra-se, contudo, muito alterada, com elementos e estrutura do séc XIX, e com data de 1896. Deve-se ao facto de ter sido parcialmente demolida em Setembro de 1820, durante uma grande seca que atingiu a vila, acto originado por falta de documentação judicial e discordância do povo por esta fonte servir apenas o convento.

número VA-0049

tipologia Fonte

designação Fonte da Praça da Palha

período Contemporâneo

conservação Bom

ameaças

classificação
ou protecção

freguesia Viana do Alentejo

coord N: WGS 84 38°20'05.08"

coord W: WGS 84 007°59'59.92"

coord X Lisboa militar 211637,79

coord Y Lisboa militar 151966,36

fotografias Posto de Turismo de Viana



bibliografia ESPANCA, Túlio, "Inventário Artístico de Portugal - vol. IX (Distrito de Évora, Zona Sul, volume I)", Lisboa, 1978.

descrição

Chafariz construído em 1904 que serviu de lavadouro municipal. É formado por dois tanques de alvenaria. Os 16 metros de pedra anexa servia de amarração para gado e poleiro para cavalaria.

número VA-0050

tipologia Fonte

designação Fonte da Cruz

período Contemporâneo

conservação Bom

ameaças

classificação
ou protecção

freguesia Viana do Alentejo

coord N: WGS 84 38°20'01.11"

coord W: WGS 84 007°59'58.61"

coord X Lisboa militar 211669,78

coord Y Lisboa militar 151843,99

fotografias Ulrico Galamba



bibliografia ESPANCA, Túlio, "Inventário Artístico de Portugal - vol. IX (Distrito de Évora, Zona Sul, volume I)", Lisboa, 1978.

descrição

Construída em 1898 e tem sofrido sucessivas alterações.

número VA-0051

tipologia Capela

designação Ermida do Espírito Santo

período Medieval/Moderno

conservação Bom

ameaças

classificação
ou protecção

freguesia Viana do Alentejo

coord N: WGS 84 38°20'00.80"

coord W: WGS 84 008°00'06.83"

coord X Lisboa militar 211470,16

coord Y Lisboa militar 151834,15

fotografias Ulrico Galamba



bibliografia ESPANCA, Túlio, "Inventário Artístico de Portugal - vol. IX (Distrito de Évora, Zona Sul, volume I)", Lisboa, 1978.

descrição

Pequena capela no centro da vila de Viana. No lintel lê-se "ESTA CASA E DO ESPIRITO SANTO". Provável fundação no séc. XVI, já se encontrava em ruínas em 1700.

número VA-0052

tipologia Capela

designação Ermida da Graça

período Medieval/Moderno

conservação Bom

ameaças

classificação
ou protecção

freguesia Viana do Alentejo

coord N: WGS 84 38°20'02.91"

coord W: WGS 84 008°00'16.68"

coord X Lisboa militar 211230,84

coord Y Lisboa militar 151898,88

fotografias Ulrico Galamba



bibliografia ESPANCA, Túlio, "Inventário Artístico de Portugal - vol. IX (Distrito de Évora, Zona Sul, volume I)", Lisboa, 1978.

descrição

Hospital Civil. Fundada em 1357 onde se também anexou a Albergaria da Nossa Senhora ou dos Ovelheiros. No séc. XVI for incorporada na administração da Misericórdia, época em que também sofreu obras de ampliação.

número VA-0053

tipologia Paço

designação Paço do Concelho de Viana

período Medieval/Moderno

conservação Bom

ameaças

classificação
ou protecção

freguesia Viana do Alentejo

coord N: WGS 84 38°19'58.52"

coord W: WGS 84 008°00'06.05"

coord X Lisboa militar 211489,2

coord Y Lisboa militar 151763,87

fotografias Ulrico Galamba



bibliografia ESPANCA, Túlio, "Inventário Artístico de Portugal - vol. IX (Distrito de Évora, Zona Sul, volume I)", Lisboa, 1978.

descrição

Possui um braço da vila na sua fachada com a data de 1683. Tem sofrido várias alterações ao longo dos séculos.

número VA-0054

tipologia Fonte

designação Fonte da Praça da República

período Medieval/Moderno

conservação Regular

ameaças

classificação Monumento de Interesse Público / ZEP: Incluído na ZEP do Castelo e Igreja Matriz (Portaria n.º ou protecção 504/2011, DR, 2.ª série, n.º 76, de 18-04-2011)

freguesia Viana do Alentejo

coord N: WGS 84 38°19'58.65"

coord W: WGS 84 008°00'05.76"

coord X Lisboa militar 211496,24

coord Y Lisboa militar 151767,89

fotografias Ulrico Galamba



bibliografia ESPANCA, Túlio, "Inventário Artístico de Portugal - vol. IX (Distrito de Évora, Zona Sul, volume I)", Lisboa, 1978. / BAIÃO, Francisco; "Património (A Fonte da Praça da Palha)", Boletim Municipal de Viana do Alentejo, nº66, Abril 2010, pp.16-17.

descrição

Também conhecida como Fonte da Renascença. Erradamente designada como dos Escudeiros. Data da 2ª metade do séc XVI. Os baixos-relevos que nela figuram têm recentemente sido interpretados como uma dialéctica envolvendo a terra, a água o sol e a árvore da vida.

número VA-0055

tipologia Capela

designação Ermida de N^a Sr^a da Piedade

período Medieval/Moderno

conservação Bom

ameaças

classificação
ou protecção

freguesia Aguiar

coord N: WGS 84 38°23'34.69"

coord W: WGS 84 007°58'01.63"

coord X Lisboa militar 214499,14

coord Y Lisboa militar 158434,2

fotografias Posto de Turismo de Viana



bibliografia ESPANCA, Túlio, "Inventário Artístico de Portugal - vol. IX (Distrito de Évora, Zona Sul, volume I)", Lisboa, 1978.

descrição

Ermida de arquitectura popular. Dois portais esculpidos em mármore branco e frescos do século XVII e inícios do século XIX na abóbada da capela-mor. É também conhecida por Capela do Senhor das Chagas ou Senhor dos Passos.

número VA-0056

tipologia Igreja

designação Igreja Matriz de Aguiar

período Medieval/Moderno

conservação Bom

ameaças

classificação
ou protecção

freguesia Aguiar

coord N: WGS 84 38°23'33.95"

coord W: WGS 84 007°57'57.64"

coord X Lisboa militar 214596,01

coord Y Lisboa militar 158411,56

fotografias Posto de Turismo de Viana



bibliografia ESPANCA, Túlio, "Inventário Artístico de Portugal - vol. IX (Distrito de Évora, Zona Sul, volume I)", Lisboa, 1978.

descrição

Desconhece-se a sua fundação exacta. É citada em documentos régios do ano de 1320. Sofreu grandes alterações arquitectónicas no alçado principal no século XVII.

número VA-0057

tipologia Fonte

designação Fonte do Paço

período Medieval/Moderno

conservação Bom

ameaças

classificação
ou protecção

freguesia Aguiar

coord N: WGS 84 38°23'25.14"

coord W: WGS 84 007°57'39.78"

coord X Lisboa militar 215029,93

coord Y Lisboa militar 158140,69

fotografias Posto de Turismo de Viana



bibliografia

descrição

Tem sido alterada várias vezes. A cobertura foi reconstruída em 1936. Tem três arcos redondos e cúpula com um pequeno tanque.

número VA-0058

tipologia Capela

designação Ermida de S. Barnabé

período Medieval/Moderno

conservação Destruído

ameaças

classificação
ou protecção

freguesia Aguiar

coord N: WGS 84 38°23'18.92"

coord W: WGS 84 007°57'17.75"

coord X Lisboa militar 215564,92

coord Y Lisboa militar 157949,91

fotografias Posto de Turismo de Viana



bibliografia ESPANCA, Túlio, "Inventário Artístico de Portugal - vol. IX (Distrito de Évora, Zona Sul, volume I)", Lisboa, 1978.

descrição

Data das primeiras décadas do séc. XVI. Pequena capela quase totalmente destruída. Restam alguns muros e parte do telhado com nervura.

número VA-0059

tipologia

designação Lugar da Forca de Aguiar

período Medieval/Moderno

conservação

ameaças

classificação
ou protecção

freguesia Aguiar

coord N: WGS 84 38°23'44.11"

coord W: WGS 84 007°57'45.49"

coord X Lisboa militar 214890,28

coord Y Lisboa militar 158725,37

fotografias

bibliografia

descrição

A memória do local designado para a forca de Aguiar é preservado pelo topónimo "Forca". Desconhece-se a presença de materiais da sua construção (poderá, como muitas outras, nunca ter sido erguida).

número VA-0060

tipologia Capela

designação Ermida de S. Geraldo

período Medieval/Moderno

conservação Bom

ameaças

classificação
ou protecção

freguesia Alcáçovas

coord N: WGS 84 38°23'40.88"

coord W: WGS 84 008°08'52.57"

coord X Lisboa militar 198702,59

coord Y Lisboa militar 158612,33

fotografias Posto de Turismo de Viana



bibliografia ESPANCA, Túlio, "Inventário Artístico de Portugal - vol. IX (Distrito de Évora, Zona Sul, volume I)", Lisboa, 1978.

descrição

Alegadamente construída por uma comissão de devotos locais em 1599. Restaurada em 1941.

número VA-0061

tipologia Fonte

designação Chafariz Grande

período Medieval/Moderno

conservação

ameaças

classificação
ou protecção

freguesia Alcáçovas

coord N: WGS 84 38°23'47.34"

coord W: WGS 84 008°09'02.36"

coord X Lisboa militar 198465,06

coord Y Lisboa militar 158811,57

fotografias

bibliografia ESPANCA, Túlio, "Inventário Artístico de Portugal - vol. IX (Distrito de Évora, Zona Sul, volume I)", Lisboa, 1978.

descrição

Obra concluída em 1525. Conserva o alto paredão de arca, vestígios de pinturas geométricas do séc XIX e o tanque para animais. A Fonte da Paciência encontra-se na face traseira do Chafariz.

número VA-0062

tipologia Fonte

designação Fonte do Poço Novo

período Medieval/Moderno

conservação Bom

ameaças

classificação
ou protecção

freguesia Alcáçovas

coord N: WGS 84 38°23'46.55"

coord W: WGS 84 008°09'6.14"

coord X Lisboa militar 198373,33

coord Y Lisboa militar 158787,23

fotografias Posto de Turismo de Viana



bibliografia ESPANCA, Túlio, "Inventário Artístico de Portugal - vol. IX (Distrito de Évora, Zona Sul, volume I)", Lisboa, 1978.

descrição

Data de construção incerta mas era já mencionado em 1525. Poço com lajes de tamanho médio e com cobertura de ferro cónica e facetada.

número VA-0063

tipologia Igreja

designação Igreja Matriz de Alcáçovas

período Medieval/Moderno

conservação Bom

ameaças

classificação Imóvel de Interesse Público / Decreto n.º 45/93, DR n.º 280, de 30-11-1993
ou protecção

freguesia Alcáçovas

coord N: WGS 84 38°23'49.93"

coord W: WGS 84 008°09'17.95"

coord X Lisboa militar 198086,77

coord Y Lisboa militar 158891,52

fotografias Posto de Turismo de Viana



bibliografia ESPANCA, Túlio, "Igreja de S. Salvador de Alcáçovas", A Cidade de Évora, nº 60, pp. 211-225", Évora, 1968. / SOUSA, Catarina Vilaça de, "Rota do Fresco - Roteiro", Cuba, 2003.

descrição

A primitiva igreja matriz de Alcáçovas, dedicada a Santa Maria, foi fundada em 1308 pelo bispo de Évora D. Fernando II (ESPANCA, Túlio, 1975). O templo foi comenda da Ordem de Cristo, posteriormente da Ordem de Avis, com padroeiros os donatários da vila, os Henriques de Trastâmara. Em meados do séc.XVI, a igreja foi reconstruída segundo um projecto maneirista. A fachada é muito semelhante à da igreja do Espírito Santo de Évora.

número VA-0064

tipologia Igreja

designação Igreja da Misericórdia de Alcáçovas

período Medieval/Moderno

conservação Bom

ameaças

classificação
ou protecção

freguesia Alcáçovas

coord N: WGS 84 38°23'45.41"

coord W: WGS 84 008°09'18.60"

coord X Lisboa militar 198070,96

coord Y Lisboa militar 158752,15

fotografias Posto de Turismo de Viana



bibliografia ESPANCA, Túlio, "Inventário Artístico de Portugal - vol. IX (Distrito de Évora, Zona Sul, volume I)", Lisboa, 1978.

descrição

A construção iniciou-se no dia 13 de Junho de 1551, no reinado de D. João III. O edifício actual apresenta características oitocentistas que substituíram os elementos anteriores. O sino de bronze data de 1749. Existe um retábulo barroco de talha dourada no interior. Sofreu obras em meados do séc XIX.

número VA-0065

tipologia Paço

designação Paço Real de Alcáçovas

período Medieval/Moderno

conservação Bom

ameaças

classificação Imóvel de Interesse Público / Decreto n.º 45/93, DR n.º 280, de 30-11-1993
ou protecção

freguesia Alcáçovas

coord N: WGS 84 38°23'42.41"

coord W: WGS 84 008°09'17.41"

coord X Lisboa militar 198099,82

coord Y Lisboa militar 158659,64

fotografias Posto de Turismo de Viana



bibliografia Inventário Artístico de Portugal - Distrito de Évora, Vol. VII. / Paço Real da vila de Alcáçovas", A Cidade de Évora, n° 60, pp. 285 - 289, Évora, 1968. / ALMEIDA, José António Ferreira de - Alcáçovas, Tesouros Artísticos de Portugal, Lisboa, 1976.

descrição

Também designado "dos Henriques". Edificado no século XIV, sofreu mais obras no séc. XVI. Foi onde D. Afonso V recebeu a embaixada dos Reis Católicos para a assinatura do Tratado de Alcáçovas. Manifestação gótica, manuelina, maneirista.

número VA-0066

tipologia Jardim

designação Jardins do Paço Real

período Medieval/Moderno

conservação Bom

ameaças

classificação Imóvel de Interesse Público / Decreto n.º 45/93, DR n.º 280, de 30-11-1993
ou protecção

freguesia Alcáçovas

coord N: WGS 84 38°23'43.10"

coord W: WGS 84 008°09'16.43"

coord X Lisboa militar 198123,6

coord Y Lisboa militar 158680,91

fotografias Posto de Turismo de Viana



bibliografia CARITA, Hélder, CARDOSO, Homem, Tratado da Grandeza dos Jardins em Portugal ou da originalidade e desaires desta arte, 1978, pp. 40 - 43. / ESPANCA, Túlio, Inventário Artístico de Portugal, Tomo 9, vol. 1, Lisboa, 1978, pp. 489 - 492.

descrição

Também chamado Horto do Paço das Alcáçovas. Decoração com azuleijos, porcelanas, conchas e seixos rolados.

número VA-0067

tipologia Capela

designação Ermida da N^a Sr^a da Conceição

período Medieval/Moderno

conservação Bom

ameaças

classificação Imóvel de Interesse Público / Decreto n.º 45/93, DR n.º 280, de 30-11-1993
ou protecção

freguesia Alcáçovas

coord N: WGS 84 38°23'41.71"

coord W: WGS 84 008°09'16.34"

coord X Lisboa militar 198125,78

coord Y Lisboa militar 158638,05

fotografias Posto de Turismo de Viana



bibliografia ESPANCA, Túlio, "Inventário Artístico de Portugal - vol. IX (Distrito de Évora, Zona Sul, volume I)", Lisboa, 1978.

descrição

Fundada em 1622 por D. Henrique Henriques. Apresenta decoração com revestimento de conchas, búzios, pequenas pedras, azulejos, faianças e porcelana.

número VA-0068

tipologia Capela

designação Ermida de S. Teutónio

período Medieval/Moderno

conservação Bom

ameaças

classificação
ou protecção

freguesia Alcáçovas

coord N: WGS 84 38°23'38.26"

coord W: WGS 84 008°09'17.87"

coord X Lisboa militar 198088,62

coord Y Lisboa militar 158531,68

fotografias Posto de Turismo de Viana



bibliografia ESPANCA, Túlio, "Inventário Artístico de Portugal - vol. IX (Distrito de Évora, Zona Sul, volume I)", Lisboa, 1978.

descrição

Ermida do século XVII (provavelmente na década de 1650), junto das casas nobres da Travessa do relógio e de frontaria. A torre sineira é datada de 1832. Possui cúpula pintada a fresco da capela-mor e o Presbitério, decorado com pinturas murais, talha dourada e rodapé com motivos florais e geométricos do século XVII.

número VA-0069

tipologia Capela

designação Ermida de S. Pedro dos Sequeiras

período Medieval/Moderno

conservação Bom

ameaças

classificação Processo caducado - sem protecção.
ou protecção

freguesia Alcáçovas

coord N: WGS 84 38°23'36.84"

coord W: WGS 84 008°09'04.35"

coord X Lisboa militar 198416,7

coord Y Lisboa militar 158487,82

fotografias Posto de Turismo de Viana



bibliografia ESPANCA, Túlio, "Inventário Artístico de Portugal - vol. IX (Distrito de Évora, Zona Sul, volume I)", Lisboa, 1978. / SOUSA, Catarina Vilaça de, "Rota do Fresco - Roteiro", Cuba, 2003.

descrição

Origem no ano de 1536, segundo registos antigos. Foi remodelada nos séculos XVII e XVIII. No interior encontram-se pinturas que narram nove momentos da vida de São Pedro. As pinturas têm um cariz barroco e estão legendadas em português arcaico.

número VA-0070

tipologia Capela

designação Ermida de S. Francisco

período Medieval/Moderno

conservação Bom

ameaças

classificação
ou protecção

freguesia Alcáçovas

coord N: WGS 84 38°23'35.46"

coord W: WGS 84 008°09'27.40"

coord X Lisboa militar 197857,33

coord Y Lisboa militar 158445,4

fotografias Posto de Turismo de Viana



bibliografia ESPANCA, Túlio, "Inventário Artístico de Portugal - vol. IX (Distrito de Évora, Zona Sul, volume I)", Lisboa, 1978.

descrição

Capela de inícios do séc. XVI (Desconhece-se a época exacta de fundação mas já existia no ano de 1537), antigamente designada de S. Sebastião. No séc. XVIII sofreu obras de beneficiação para ser a sede da irmandade da Ordem Terceira de S. Francisco e passou a ser conhecida como de S. Francisco.

número VA-0071

tipologia Villa

designação Herdade da Romeira

período Romano

conservação

ameaças Abandono

classificação
ou protecção

freguesia Viana do Alentejo

coord N: WGS 84 38°19'37.72"

coord W: WGS 84 007°55'21.48"

coord X Lisboa militar 218402,12

coord Y Lisboa militar 151135,22

fotografias

bibliografia CAEIRO, José, "Cerâmica Romana do Monte da Romeira (Viana do Alentejo)", Almadan °5 Novembro84/85, pp.17-18. / OLIVEIRA DAMAS, Carlos A. - Carta Arqueológica do Concelho de Viana, Levantamento Preliminar, 1989.

descrição

Efectuadas prospecções em 1975 que revelaram "vestígios de villa e necrópole anexa" com vestígios de cerâmica à superfície - artigo de José Caeiro in Almadan °5 Novembro84/85, pp.17-18. Existe também um marco miliário tombado de uma via que atravessa a herdade, possivelmente a "estrada do Diabo" (OLIVEIRA DAMAS, Carlos A. - Carta Arq. do C. de Viana, Levant. Prelim. 1989)

número VA-0072

tipologia Achado Isolado

designação Herdade de Alvaro Afonso

período Bronze/Ferro

conservação

ameaças

classificação
ou protecção

freguesia Viana do Alentejo

coord N: WGS 84 38°18'28.87"

coord W: WGS 84 008°01'40.57"

coord X Lisboa militar 209196,66

coord Y Lisboa militar 148996,67

fotografias

bibliografia OLIVEIRA DAMAS, Carlos A. - Carta Arqueológica do Concelho de Viana, Levantamento Preliminar, 1989.

descrição

Notícia de fragmentos de cerâmica da Idade do Ferro nas imediações do Monte (OLIVEIRA DAMAS, Carlos A. - Carta Arq. do C. de Viana, Levant. Prelim. 1989); e uma pequena lamela em sílex cinza encontrada em britas recolhidas no local com destino a obras da EDIA (F. Baião).

número VA-0073

tipologia Achado Isolado

designação Hortas Velhas

período Romano

conservação

ameaças Actividade Agrícola

classificação
ou protecção

freguesia Viana do Alentejo

coord N: WGS 84 38°19'49.52"

coord W: WGS 84 007°58'04.11"

coord X Lisboa militar 214451,3

coord Y Lisboa militar 151491,08

fotografias

bibliografia OLIVEIRA DAMAS, Carlos A. - Carta Arqueológica do Concelho de Viana, Levantamento Preliminar, 1989.

descrição

Notícia de Lugar de Hortas Velhas, localizado numa pequena elevação, onde se encontraram, em 1989, vestígios de cerâmica romana no terreno lavrado. (OLIVEIRA DAMAS, Carlos A. - Carta Arq. do C. de Viana, Levant. Prelim. 1989)

número VA-0074

tipologia Achado Isolado

designação Alto da Almargia

período Romano

conservação

ameaças Abandono

classificação
ou protecção

freguesia Alcáçovas

coord N: WGS 84 38°23'06.79"

coord W: WGS 84 008°03'55.72"

coord X Lisboa militar 205906,94

coord Y Lisboa militar 157563,15

fotografias

bibliografia OLIVEIRA DAMAS, Carlos A. - Carta Arqueológica do Concelho de Viana, Levantamento Preliminar, 1989.

descrição

Notícia: proximo do marco geodésico do Alto da Almargia foram encontrados vestígios romanos - cerâmica e material de construção (OLIVEIRA DAMAS, Carlos A. - Carta Arq. do C. de Viana, Levant. Prelim. 1989)

número VA-0075

tipologia Achado Isolado

designação Cabeço de Aguiar

período Bronze/Ferro

conservação

ameaças

classificação
ou protecção

freguesia Aguiar

coord N: WGS 84 38°22'48.38"

coord W: WGS 84 007°58'46.18"

coord X Lisboa militar 213420,39

coord Y Lisboa militar 157004,39

fotografias

bibliografia

descrição

Notícia de abundantes fragmentos de cerâmica da Idade do Ferro (OLIVEIRA DAMAS, Carlos A. - Carta Arq. do C. de Viana, Levant. Prelim. 1989)

número VA-0076

tipologia

designação Alto de Aniel

período

conservação

ameaças

classificação
ou protecção

freguesia Viana do Alentejo

coord N: WGS 84 38°21'04.84"

coord W: WGS 84 007°56'43.83"

coord X Lisboa militar 216396,47

coord Y Lisboa militar 153817,23

fotografias

bibliografia

descrição

Notícia, recebida em campo, de estruturas e materiais à superfície, numa zona designada "Aniel". A zona será alegadamente visitada frequentemente por indivíduos com detectores de metais.

número VA-0077

tipologia Marco Miliário

designação Monte do Lindim

período Romano

conservação Regular

ameaças

classificação
ou protecção

freguesia Aguiar

coord N: WGS 84 38°22'52.11"

coord W: WGS 84 007°59'20.84"

coord X Lisboa militar 212578,95

coord Y Lisboa militar 157118,06

fotografias

bibliografia

descrição

Marco Miliário anepígrafo/ilegível e dois pesos de lagar em granito junto ao monte. (IGESPAR IP - CNS: 4884)

número VA-0078

tipologia Achado Isolado

designação Herdade do Palanque

período Romano

conservação

ameaças

classificação
ou protecção

freguesia Viana do Alentejo

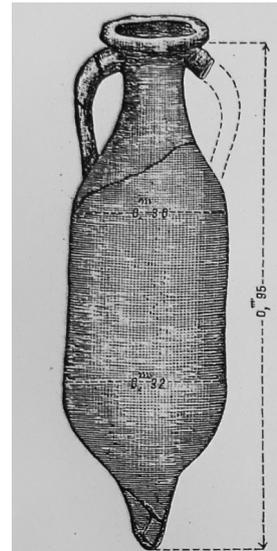
coord N: WGS 84 38°20'22.64"

coord W: WGS 84 008°01'24.50"

coord X Lisboa militar 209582,98

coord Y Lisboa militar 152505,14

fotografias



bibliografia ESPANCA, Túlio, "Inventário Artístico de Portugal - vol. IX (Distrito de Évora, Zona Sul, volume I)", Lisboa, 1978.

descrição

Notícia de fragmentos de cerâmica e um fragmento de ânfora recolhidos neste lugar. (IGESPAR IP - CNS: 3853) O fragmento de ânfora teria 95cm, em cerâmica vermelha, que J. Albino Dias ofereceu ao J. Leite Vasconcelos (T. Espanca).

número VA-0079

tipologia Quinta

designação Quinta do Duque

período Medieval/Moderno

conservação Bom

ameaças

classificação
ou protecção

freguesia Viana do Alentejo

coord N: WGS 84 38°19'53.69"

coord W: WGS 84 008°04'50.57"

coord X Lisboa militar 204579,03

coord Y Lisboa militar 151608,16

fotografias

bibliografia ESPANCA, Túlio, "Inventário Artístico de Portugal - vol. IX (Distrito de Évora, Zona Sul, volume I)", Lisboa, 1978.

descrição

Antiga quinta medieval. Pertenceu ao Dr. Afonso Anes do Crato que a doou, em 1464, à Albergaria de Santa Maria de Viana. Passa a ser conhecida por Quinta do Duque aquando da apropriação pelos Marqueses de Ferreira ou Duques de Cadaval.

número VA-0080

tipologia Anta

designação Pedra da Anta

período Neolítico

conservação

ameaças

classificação
ou protecção

freguesia Alcáçovas

coord N: WGS 84 38°24'08.67"

coord W: WGS 84 008°11'37.74"

coord X Lisboa militar 194695,03

coord Y Lisboa militar 159470,92

fotografias

bibliografia

descrição

Referência a uma anta, ou vestígios de, nas proximidades da Ermida da Nossa Srª da Pedra

número VA-0081

tipologia Sepultura Megalítica

designação Monte Ruivo

período Neolítico

conservação

ameaças

classificação
ou protecção

freguesia Viana do Alentejo

coord N: WGS 84 38°21'13.93"

coord W: WGS 84 007°59'13.53"

coord X Lisboa militar 212761,13

coord Y Lisboa militar 154091

fotografias

bibliografia

descrição

Existe referência a uma sepultura megalítica (Anta ou Tholos) neste local.

número VA-0082

tipologia Cupa

designação Monte do Ceisseiro

período Romano

conservação

ameaças

classificação
ou protecção

freguesia Viana do Alentejo

coord N: WGS 84 38°21'22.83"

coord W: WGS 84 007°59'26.24"

coord X Lisboa militar 212452,1

coord Y Lisboa militar 154364,95

fotografias Francisco Baião



bibliografia ESPANCA, Túlio, "Inventário Artístico de Portugal - vol. IX (Distrito de Évora, Zona Sul, volume I)", Lisboa, 1978.

descrição

Existe referência a um achado isolado de período Romano: uma Cupa de calcário regional, de grandes dimensões que serviu de suporte de um portão. Segundo T. Espanca, a tradição oral diz que foi encontrado na zona da Nossa Senhora de Aires.

número VA-0083

tipologia Achado Isolado

designação Chão da Quinta

período Romano

conservação

ameaças

classificação
ou protecção

freguesia Alcáçovas

coord N: WGS 84 38°24'12.04"

coord W: WGS 84 008°09'15.70"

coord X Lisboa militar 198141,53

coord Y Lisboa militar 159573,26

fotografias

bibliografia

descrição

Notícia de cerâmica de construção, nomeadamente telhas e tijolos, bem como cerâmica comum numa área de talude, com cerca de 2 metros de comprimento (por debaixo de um muro de pedra seca). (IGESPAR IP - CNS: 21442)

número VA-0084

tipologia Villa

designação Água d'Élvira dos Padres

período Romano

conservação

ameaças

classificação
ou protecção

freguesia Alcáçovas

coord N: WGS 84 38°27'2.26"

coord W: WGS 84 008°11'05.30"

coord X Lisboa militar 195485,23

coord Y Lisboa militar 164823,05

fotografias

bibliografia

descrição

Mancha de dispersão de materiais romanos à superfície numa área extensa. Eventual existência de restos de uma calçada. (IGESPAR IP - CNS: 24378)

número VA-0085

tipologia Anta

designação Vale da Palha

período Neolítico

conservação Destruído

ameaças Abandono

classificação
ou protecção

freguesia Alcáçovas

coord N: WGS 84 38°24'10.63"

coord W: WGS 84 008°05'58.35"

coord X Lisboa militar 202930,02

coord Y Lisboa militar 159530,04

fotografias

bibliografia

descrição

Restos de uma pequena anta destruída. Parece conservar-se grande parte da mamoa. (IGESPAR IP - CNS: 15231)

número VA-0086

tipologia Anta

designação Monte das Pereiras

período Neolítico

conservação Regular

ameaças

classificação
ou protecção

freguesia Alcáçovas

coord N: WGS 84 38°23'50.18"

coord W: WGS 84 008°06'33.51"

coord X Lisboa militar 202077,06

coord Y Lisboa militar 158899,22

fotografias

bibliografia Carta Arqueológica de Portugal, Alfenim e Silva, 1993.

descrição

Anta referenciada nos trabalhos para a Carta Arqueológica de Portugal (Alfenim e Silva, 1993). (IGESPAR IP - CNS: 33021)

número VA-0087

tipologia Mina

designação Monte do Vale de Nogueira

período

conservação

ameaças

classificação
ou protecção

freguesia Alcáçovas

coord N: WGS 84 38°21'54.99"

coord W: WGS 84 008°11'00.48"

coord X Lisboa militar 195596,81

coord Y Lisboa militar 155348,39

fotografias

bibliografia

descrição

Importante mina de cobre com vestígios de mineração ao longo de 1200m. (IGESPAR IP - CNS: 23299)

número VA-0088

tipologia Mina

designação Monte da Angerinha

período

conservação

ameaças

classificação
ou protecção

freguesia Aguiar

coord N: WGS 84 38°22'05.05"

coord W: WGS 84 007°57'42.81"

coord X Lisboa militar 214960,94

coord Y Lisboa militar 155671,01

fotografias

bibliografia

descrição

Pequena mina de cobre com vestígios de mineração e uma cascalheira. (IGESPAR IP - CNS: 23296)

número VA-0089

tipologia Anta

designação Monte do Almo de Baixo

período Neolítico

conservação Destruído

ameaças

classificação
ou protecção

freguesia Alcáçovas

coord N: WGS 84 38°27'02.87"

coord W: WGS 84 008°07'01.08"

coord X Lisboa militar 201407,08

coord Y Lisboa militar 164840,64

fotografias

bibliografia [Trabalhos de Arqueologia 16 - Novas investigações em Vale de Rodrigo \(www.igespar.pt/media/uploads/trabalhosdearqueologia/16/7.pdf\)](http://www.igespar.pt/media/uploads/trabalhosdearqueologia/16/7.pdf)

descrição

Pequena anta que actualmente se encontra já destruída. (IGESPAR IP - CNS: 14686)

número VA-0090

tipologia Capela

designação Ermida de S. André

período Medieval/Moderno

conservação

ameaças

classificação
ou protecção

freguesia Viana do Alentejo

coord N: WGS 84 38°19'52.55"

coord W: WGS 84 007°59'20.60"

coord X Lisboa militar 212593,35

coord Y Lisboa militar 151581,42

fotografias

bibliografia ESPANCA, Túlio, "Inventário Artístico de Portugal - vol. IX (Distrito de Évora, Zona Sul, volume I)", Lisboa, 1978.

descrição

Desconhece-se a época de construção, embora tenha elementos arquitetónicos do séc XVII. Segundo documentação, já existia em 1707. Sofreu obras de restauro em finais do séc XIX, quando se tornou a capela do cemitério público.

número VA-0091

tipologia Palácio

designação Palácio Fragoso Barahona

período Medieval/Moderno

conservação Bom

ameaças

classificação
ou protecção

freguesia Alcáçovas

coord N: WGS 84 38°23'38.62"

coord W: WGS 84 008°09'16.19"

coord X Lisboa militar 198129,39

coord Y Lisboa militar 158542,77

fotografias Francisco Baião



bibliografia ESPANCA, Túlio, "Inventário Artístico de Portugal - vol. IX (Distrito de Évora, Zona Sul, volume I)", Lisboa, 1978.

descrição

Casa senhorial do século XVIII. Foi sede do antigo morgadio instituído por Martim Afonso de Melo, bispo da Guarda.

número VA-0092

tipologia Menir

designação Menires de Alcáçovas 01

período Neolítico

conservação Regular

ameaças Abandono

classificação
ou protecção

freguesia Alcáçovas

coord N: WGS 84 38°23'18.92"

coord W: WGS 84 008°09'01.26"

coord X Lisboa militar 198491,58

coord Y Lisboa militar 157935,24

fotografias



bibliografia

descrição

Grupo de 4 menires que actualmente se encontram deitados debaixo de uma árvore, à beira da estrada do cemitério. Fazem parte de um conjunto de menires trasladados de dois locais em Alcáçovas (os restantes encontram-se em Viana [registo VA-0093]). Foram removidos dos locais conhecidos como Chão de Mocho e do antigo Rossio de S. Pedro (actual Escola do Centenário [registo VA-0094]).

número VA-0093

tipologia Menir

designação Menires de Alcáçovas 02

período Neolítico

conservação Regular

ameaças

classificação
ou protecção

freguesia Viana do Alentejo

coord N: WGS 84 38°20'22.54"

coord W: WGS 84 008°00'34.21"

coord X Lisboa militar 210804,28

coord Y Lisboa militar 152503,58

fotografias



bibliografia

descrição

Dois menires que actualmente se encontram no quintal de uma casa particular numa zona designada como Fazendas de Paulo Clemente (topónimo medieval). Fazem parte de um conjunto de menires trasladados de dois locais em Alcáçovas (os restantes encontram-se em Alcáçovas [registo VA-0092]). Foram removidos dos locais conhecidos como Chão de Mocho e do antigo Rossio de S. Pedro (actual Escola do Centenário [registo VA-0094]).

número VA-0094

tipologia Menir (possível)

designação Escola do Centenário

período Neolítico

conservação

ameaças

classificação
ou protecção

freguesia Alcáçovas

coord N: WGS 84 38°23'36.65"

coord W: WGS 84 008°09'07.95"

coord X Lisboa militar 198329,34

coord Y Lisboa militar 158481,98

fotografias

bibliografia

descrição

Este local era antigamente conhecido como Rossio de S. Pedro. Alguns dos menires dos registos VA-0092 e VA-0093 terão saído daqui. Parte da actual escola assenta sobre um aterro que poderá esconder ainda outros monólitos.

número VA-0095

tipologia Forno de Tijolo

designação Horta de Vilalobos

período Medieval/Moderno

conservação Regular

ameaças

classificação
ou protecção

freguesia Viana do Alentejo

coord N: WGS 84 38°18'58.57"

coord W: WGS 84 008°00'53.46"

coord X Lisboa militar 210340,07

coord Y Lisboa militar 149913,81

fotografias



bibliografia

descrição

Vilalobos é um topónimo medieval referenciado já no foral dionisino da vila. Neste terreno, próximo do monte, encontra-se um forno de tijolos. É construído em pedra argamassada e tijoleira e já existia no séc XVI. Nele foram cozidos os tijolos que serviram para a construção do convento de Jesus de Viana.

número VA-0096

tipologia Fonte

designação Fonte de S. Gonçalo

período Medieval/Moderno

conservação Bom

ameaças

classificação
ou protecção

freguesia Alcáçovas

coord N: WGS 84 38°24'16.11"

coord W: WGS 84 008°11'33.28"

coord X Lisboa militar 194803,39

coord Y Lisboa militar 159700,26

fotografias Francisco Baião



bibliografia ESPANCA, Túlio, "Inventário Artístico de Portugal - vol. IX (Distrito de Évora, Zona Sul, volume I)", Lisboa, 1978.

descrição

Pequena fonte na encosta do alto da Nossa Sr^a da Esperança, com a data de 1718 incrita na argamassa, e encimada pelo escudo da Ordem Dominicana. Junto deste local, encontra-se uma saída de uma mina de água, provavelmente pertencente ao convento, conhecido como Buraco dos Frades.

número VA-0097

tipologia

designação Centro Histórico de Alcaçovas

período

conservação

ameaças

classificação
ou protecção

freguesia Alcaçovas

coord N: WGS 84 38°23'40.52"

coord W: WGS 84 008°09'16.12"

coord X Lisboa militar 198131,11

coord Y Lisboa militar 158601,35

fotografias

bibliografia

descrição

Conjunto de elementos arquitectónicos antigos e característicos da Vila, não incluídos noutros registos específicos. Tipicamente portais ou janelas medievais, manuelinos, etc.

número VA-0098

tipologia Cupa

designação Monte da Teixeira

período Romano

conservação

ameaças

classificação
ou protecção

freguesia Viana do Alentejo

coord N: WGS 84 38°21'28.10"

coord W: WGS 84 007°57'15.44"

coord X Lisboa militar 215627,56

coord Y Lisboa militar 154532,93

fotografias Francisco Baião



bibliografia ESPANCA, Túlio, "Inventário Artístico de Portugal - vol. IX (Distrito de Évora, Zona Sul, volume I)", Lisboa, 1978.

descrição

Existe referência a um achado isolado de período Romano: uma Cupa de calcário regional, de pequenas dimensões, talvez de criança. Segundo T. Espanca, a tradição oral diz que foi encontrado na zona da Nossa Senhora de Aires.

número VA-0099

tipologia Igreja

designação Igreja da N^a Sr^a da Assunção

período Medieval/Moderno

conservação Bom

ameaças

classificação
ou protecção

freguesia Viana do Alentejo

coord N: WGS 84 38°19'56.50"

coord W: WGS 84 008°00'05.37"

coord X Lisboa militar 211505,8

coord Y Lisboa militar 151701,61

fotografias



bibliografia ESPANCA, Túlio, "Inventário Artístico de Portugal - vol. IX (Distrito de Évora, Zona Sul, volume I)", Lisboa, 1978.

descrição

Pequena igreja no interior do castelo. O seu portal é manuelino, no entanto, no seu interior encontram-se elementos anteriores, alguns possivelmente românicos. Isto inclui uma janela entretanto tapada pela muralha do castelo, indicando que a igreja é anterior ao castelo.

número VA-0100

tipologia Igreja

designação Igreja de S. João

período Medieval/Moderno

conservação Destruído

ameaças

classificação
ou protecção

freguesia Viana do Alentejo

coord N: WGS 84 38°20'03.53"

coord W: WGS 84 008°00'05.39"

coord X Lisboa militar 211505,01

coord Y Lisboa militar 151918,38

fotografias

bibliografia

descrição

Antiga Igreja de S. João. Já não existe e actualmente encontra-se uma escola primária no seu lugar. O aterro em que se encontra a escola e a área circundante poderá ainda ter elementos arquitectónicos pertencentes à igreja.

número VA-0101

tipologia Fonte

designação Fonte santa

período Medieval/Moderno

conservação Regular

ameaças Abandono

classificação
ou protecção

freguesia Alcáçovas

coord N: WGS 84 38°25'10.74"

coord W: WGS 84 008°12'09.18"

coord X Lisboa militar 193933,63

coord Y Lisboa militar 161385,38

fotografias Posto de Turismo de Viana



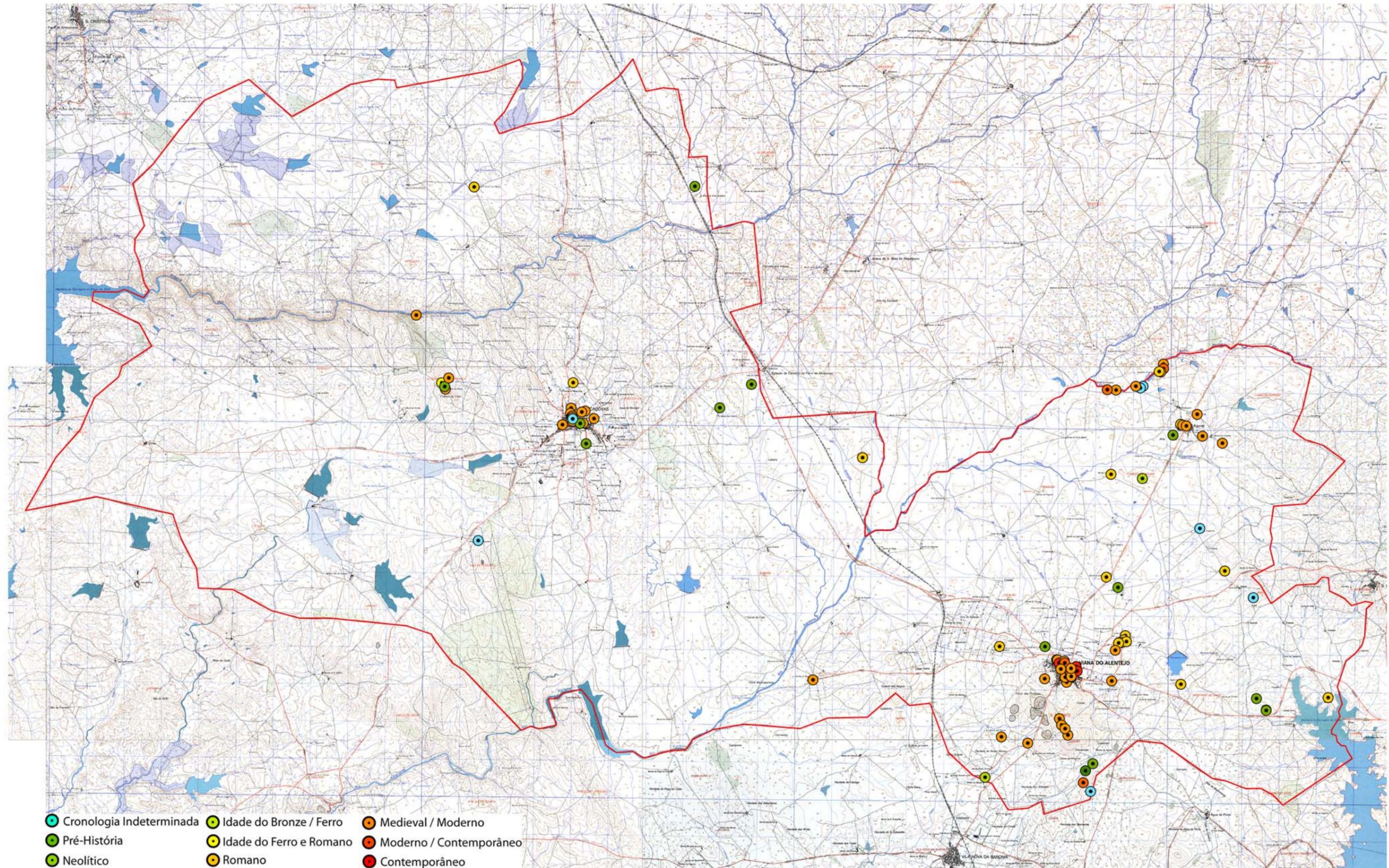
bibliografia Aquilégio Medicinal, 1726 (Ed. Fac-similada, IGM, 1998). PP 199. / O Novo Aquilégio [www.aguas.ics.ul.pt/index.htm] / ESPANCA, Túlio, "Inventário Artístico de Portugal - vol. IX (Distrito de Évora, Zona Sul, volume I)", Lisboa, 1978.

descrição

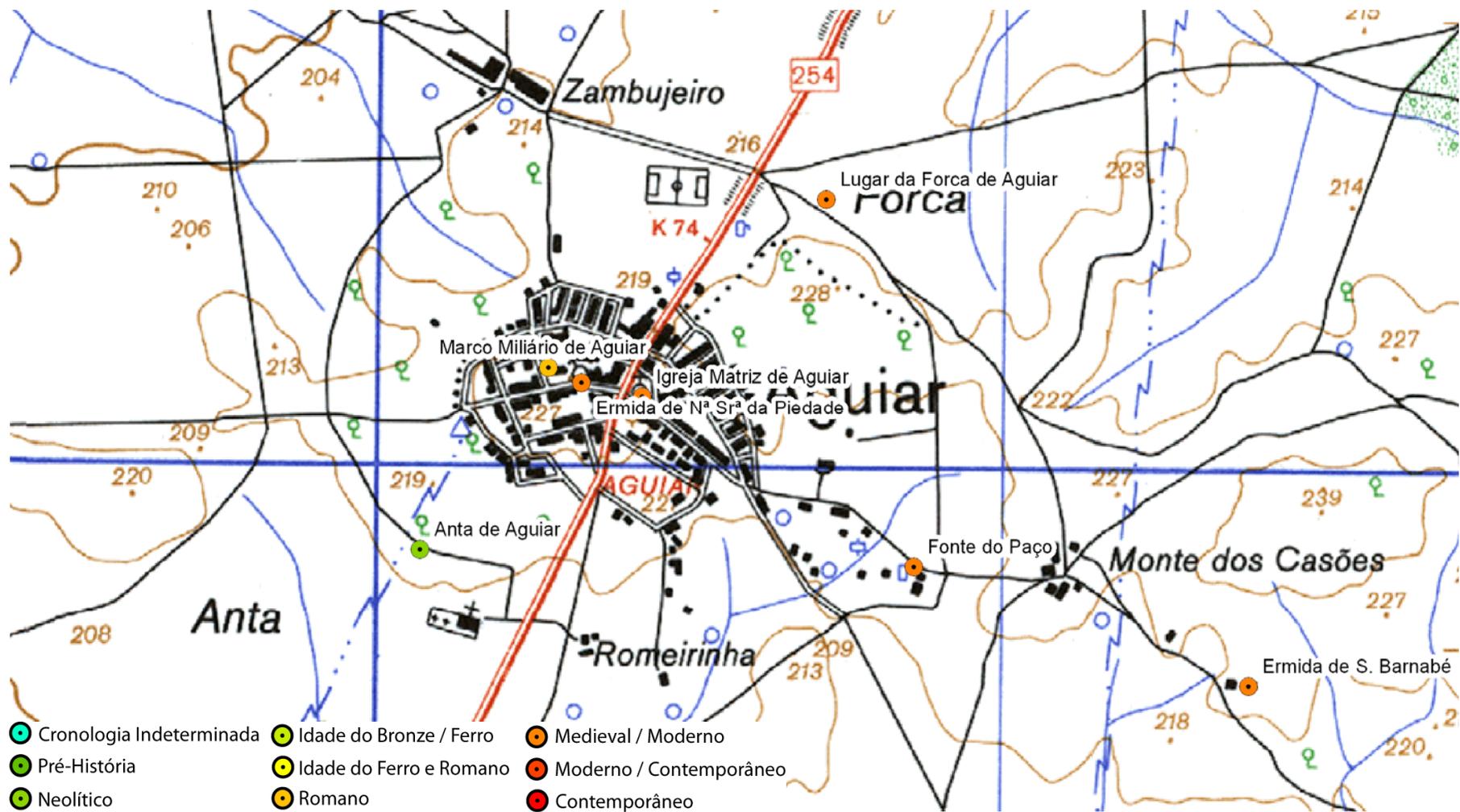
Do Aquilégio Medicinal (1726): "Está uma fonte a que chamam de santa, pelos prodigiosos efeitos que se experimentam na sua água: porque é de muito utilidade nas febres malignas, para as quais se vão buscar de Terras muy distantes [...]" É citada pelo Padre Cardoso em "Memórias da vila de Alcáçovas" (1890), que comenta que "em 1653 passou a ser santa para chagas cancerosas".

ANEXO II

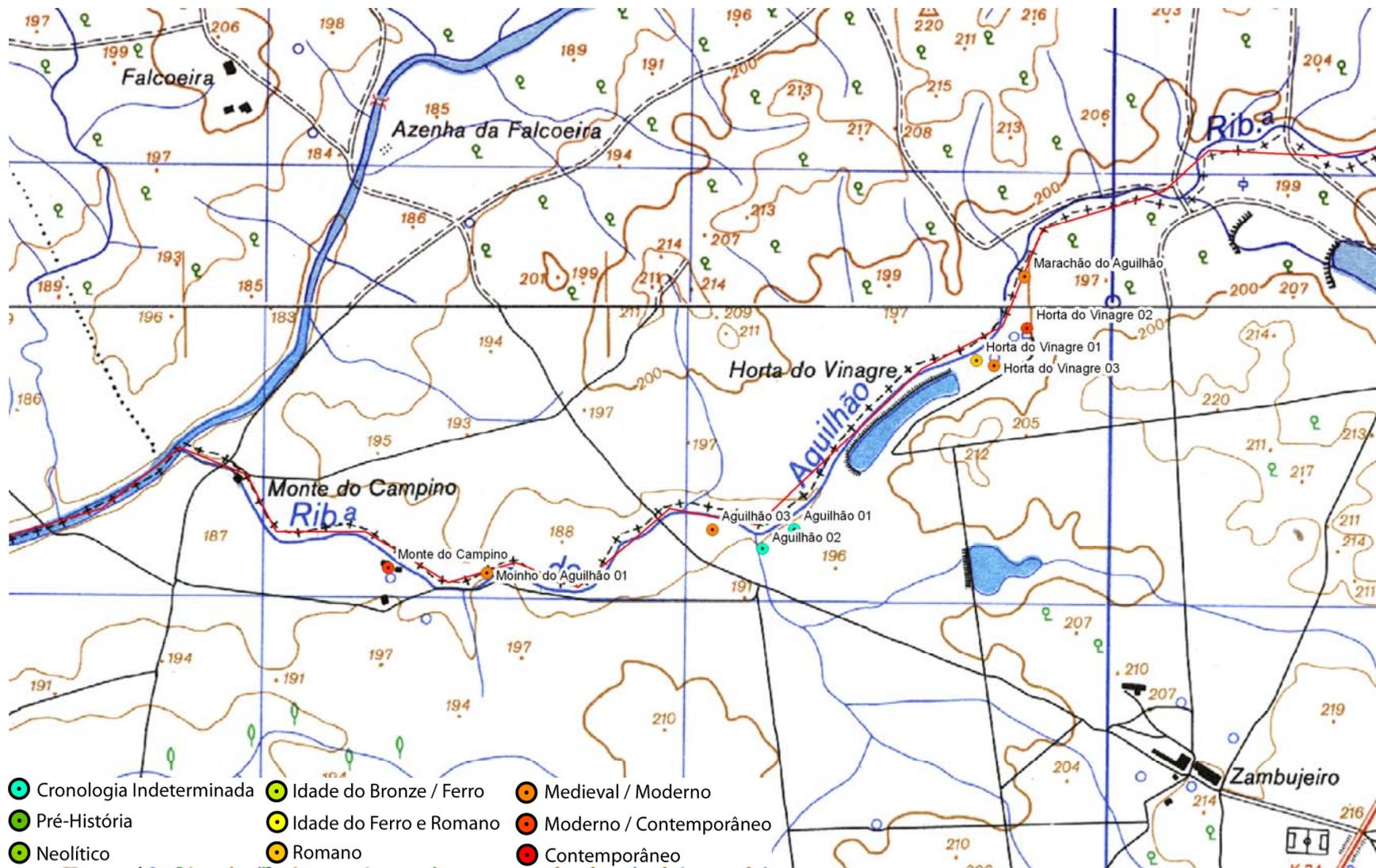
CARTOGRAFIA DIVERSA



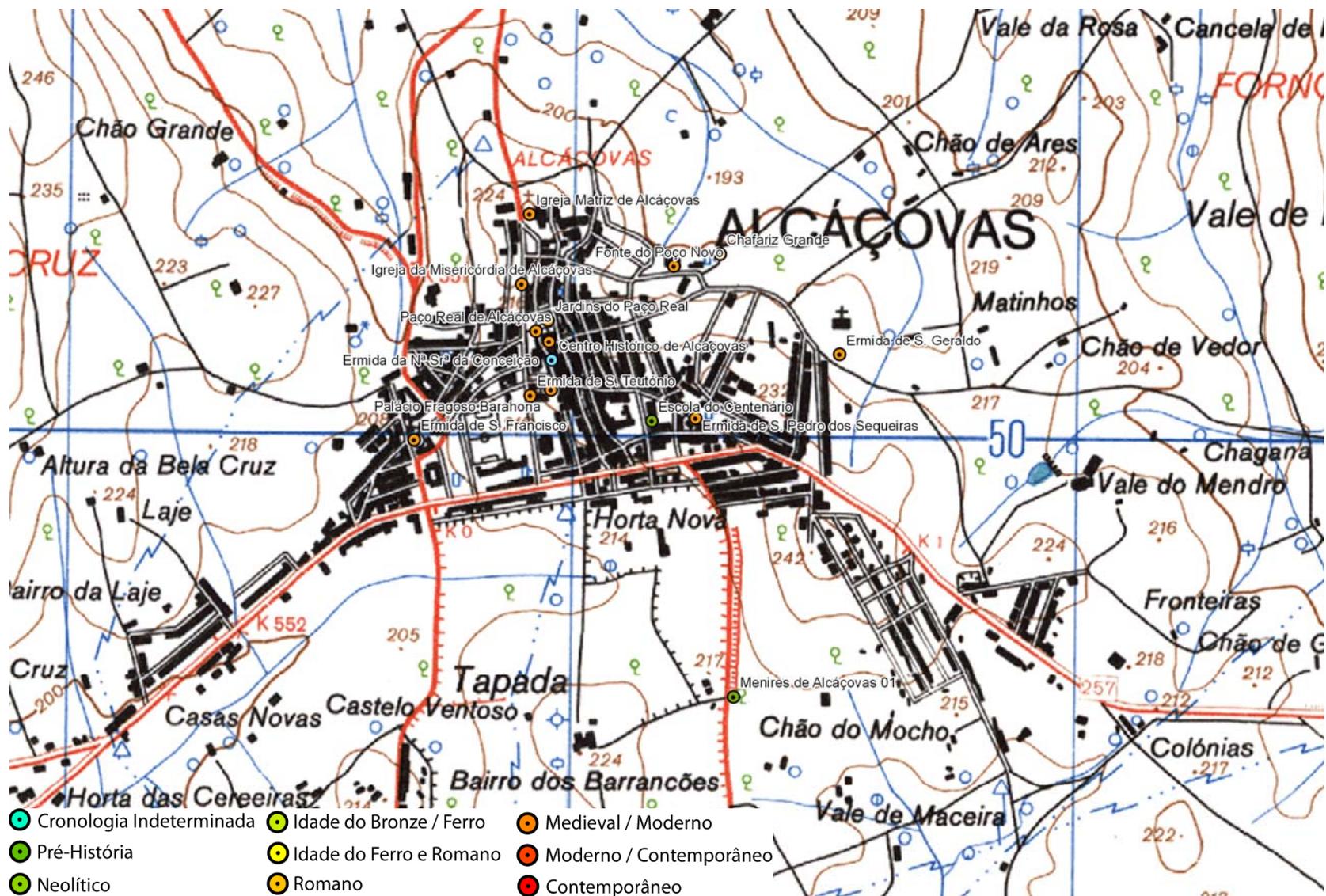
Compilação das CMP 469, 470, 471, 477, 478, 479, 480, 487, 488, 489; com os limites do Concelho de Viana do Alentejo e sítios assinalados.



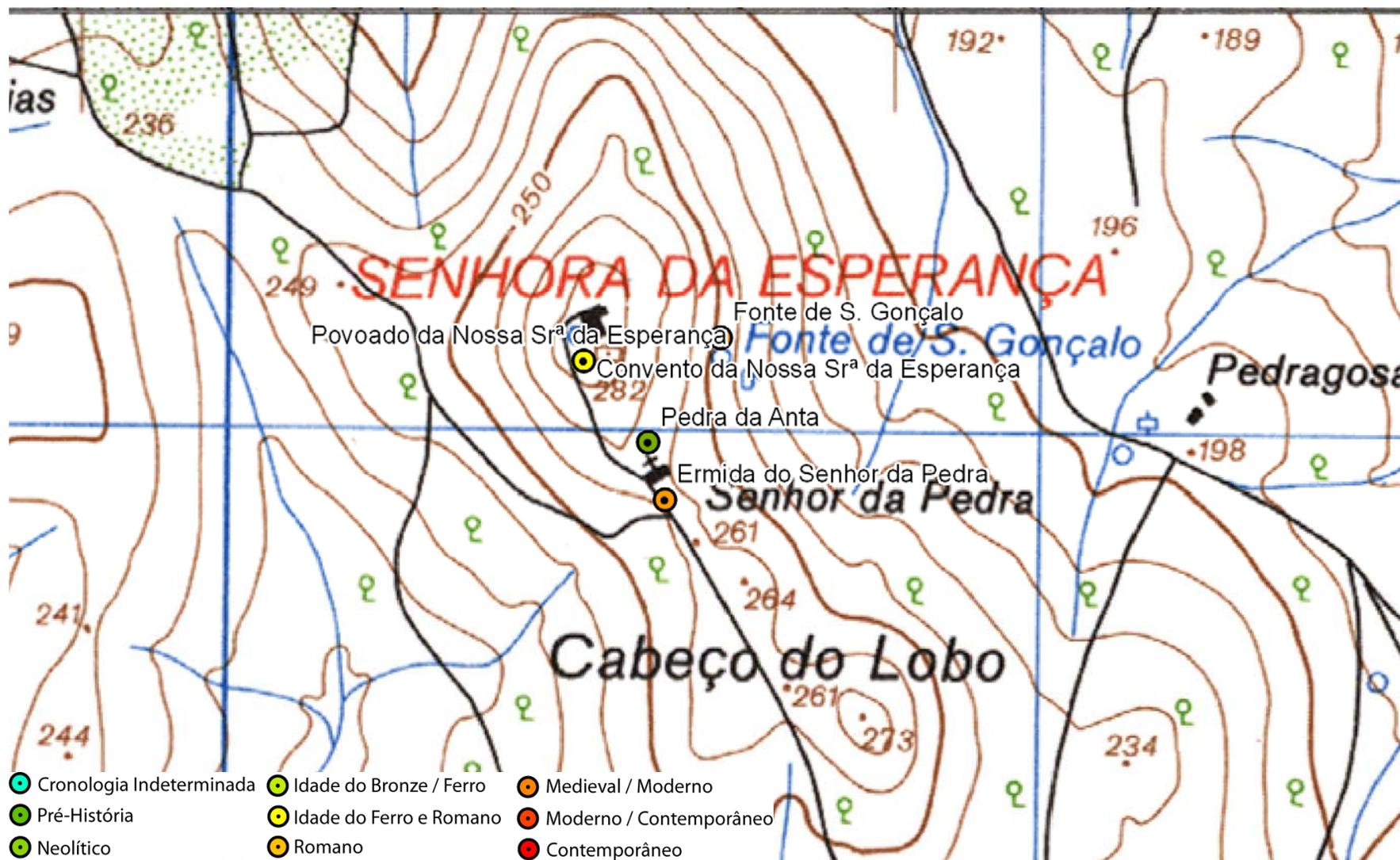
Vila de Aguiar e as suas imediações com sítios assinalados, fragmento da CMP 479



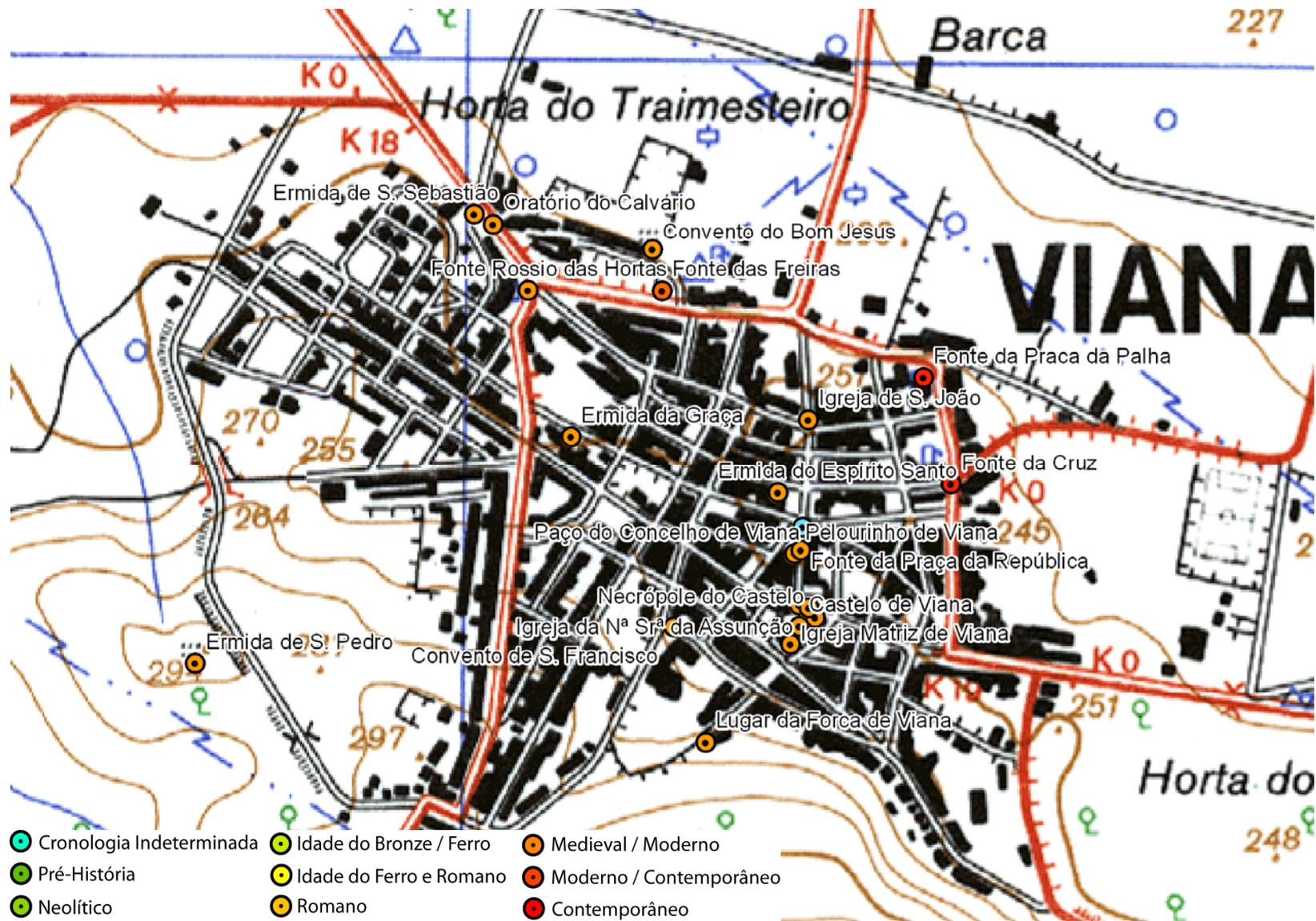
Ribeira do Aguilhão com sítios assinalados, fragmentos das CMP 470 e 479



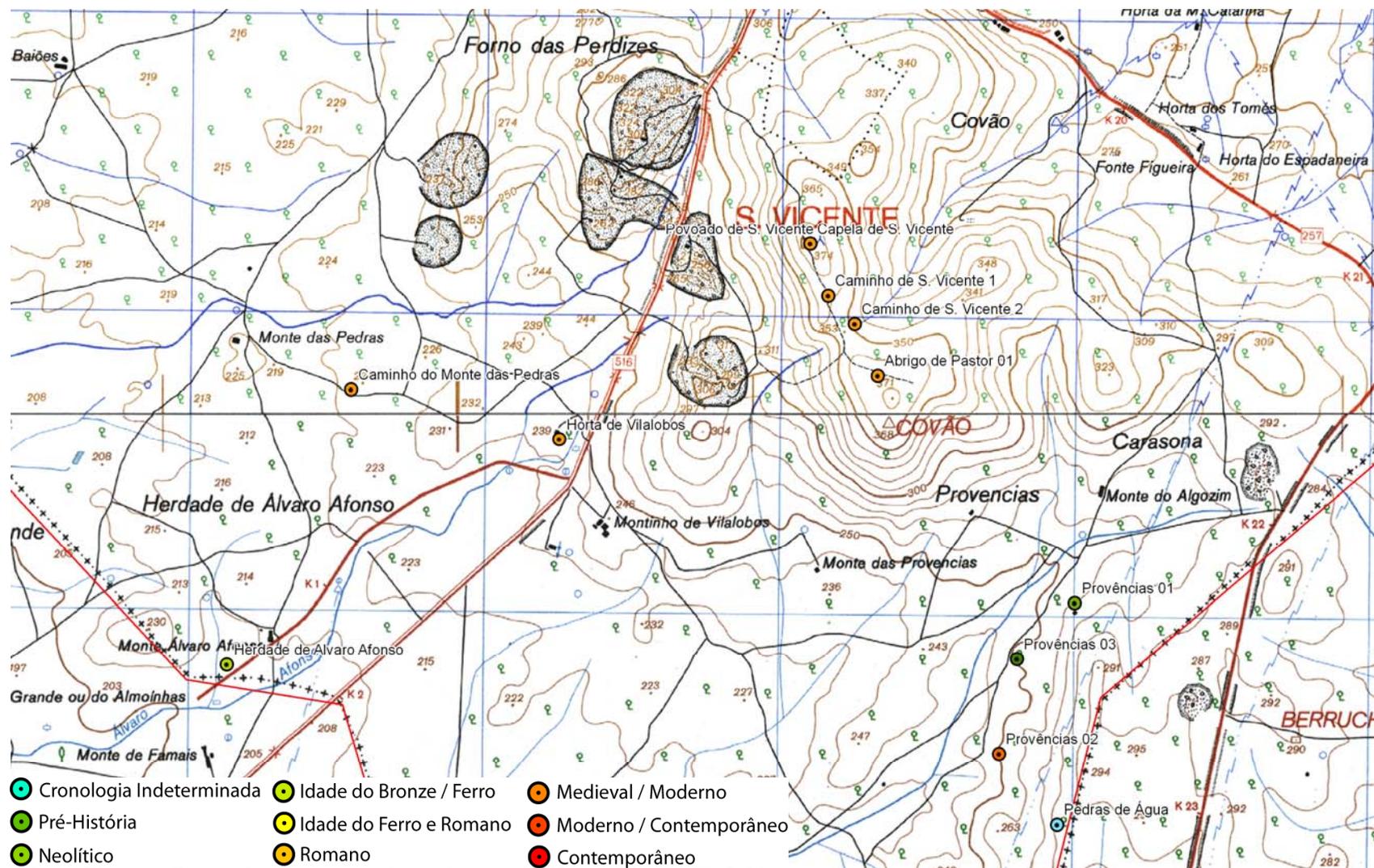
Vila de Alcáçovas com sítios assinalados, fragmento da CMP 478.



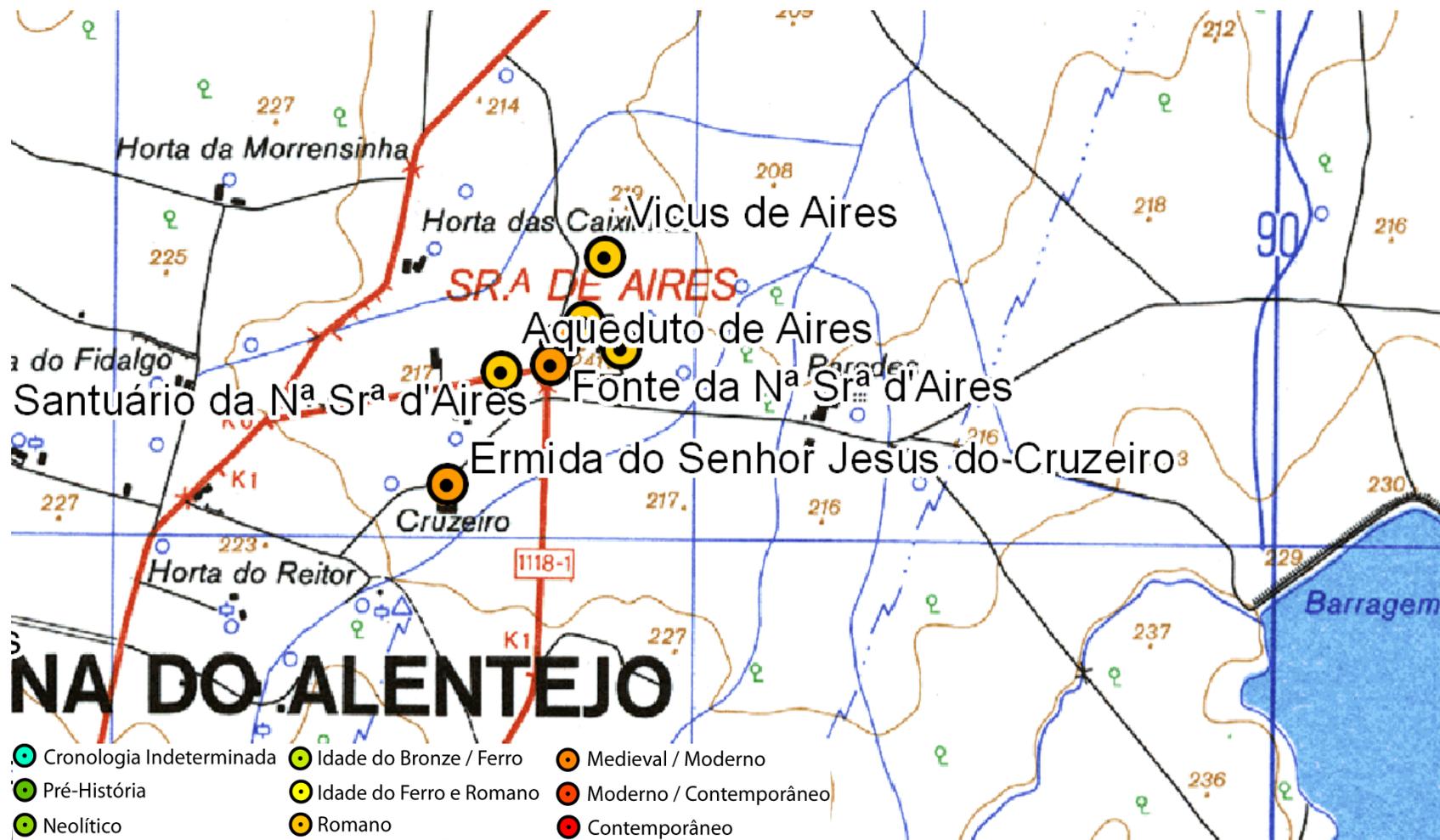
Alto da Nossa Sr.ª da Esperança com sítios assinalados, fragmento da CMP 478.



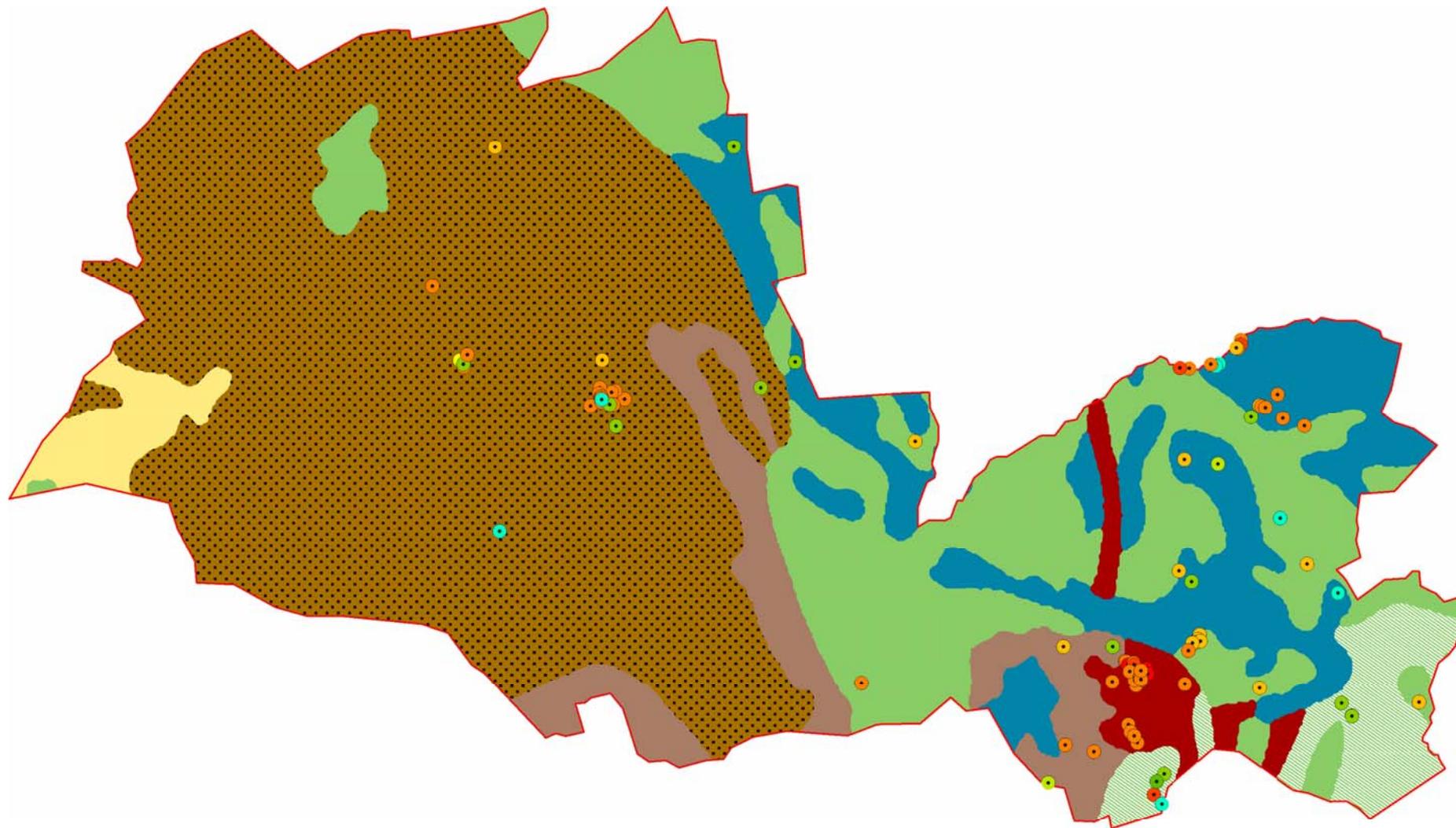
Vila de Viana do Alentejo com sítios assinalados, fragmento da CMP 479.



Alto de S. Vicente e zona circundante, fragmentos das CMP 479 e 488.



Zona do Santuário da Nossa Sr.ª d'Aires, fragmento da CMP 479.



- | | | |
|--------------------------|-------------------------|-------------------------|
| Porfíros quartzíticos | Gabros e Dioritos | Metavulcanitos |
| Granitos | Rochas carbonatadas | |
| Cronologia Indeterminada | Idade do Bronze / Ferro | Medieval / Moderno |
| Pré-História | Idade do Ferro e Romano | Moderno / Contemporâneo |
| Neolítico | Romano | Contemporâneo |

Carta geológica do concelho de Viana do Alentejo